

# A Arquitetura Moderna em Fortaleza na trajetória de Ivan Britto entre 1955 e 1973

Marcus Venicius Pinto de Lima

sob orientação da  
Profa. Dra. Ruth Verde Zein



**A ARQUITETURA MODERNA EM FORTALEZA NA  
TRAJETÓRIA DE IVAN BRITTO ENTRE 1955 E 1973**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Interinstitucional do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie com a Universidade de Fortaleza como quesito para obtenção do Título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Ruth Verde Zein

**Fortaleza  
Dezembro/2014**

L732a Lima, Marcus Venicius Pinto de.  
A arquitetura moderna em Fortaleza na trajetória de Ivan Brito entre 1955 e 1973. – 2014.  
231 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.  
Referências bibliográficas: f. 137-140.

1. Ivan Britto. 2. Arquitetura modernista Fortaleza. I. Título.

CDD 720.98131

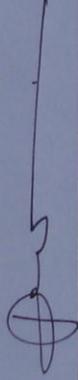
MARCUS VENICIUS PINTO DE LIMA

A Arquitetura Moderna em Fortaleza na trajetória de Ivan Britto entre  
1955 e 1973

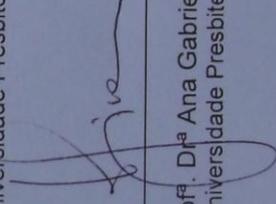
Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Interinstitucional do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie com a Universidade de Fortaleza como quesito para obtenção do Título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em 05 de fevereiro de 2015

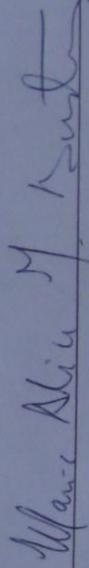
BANCA EXAMINADORA:



Prof.ª. Dr.ª Ruth Verde Zein  
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof.ª. Dr.ª Ana Gabriela Godinho Lima  
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof.ª. Dr.ª Maria Alice Junqueira Bastos  
Universidade de São Paulo

O ser humano é impensável fora da cultura; a cultura é produto humano, mas ao mesmo tempo é produto de sua cultura (Marina Waisman).

À Marcia, João Gabriel e Luis Paulo,  
razões da minha existência.

## **AGRADECIMENTOS**

À Prof. Dra. Ruth Verde Zein pela segura orientação, dedicação e paixão pela arquitetura, inspiradora desse fruto;

À promoção do MINTER pelo Programa de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (São Paulo) em parceria com a Universidade de Fortaleza (Ceará), IES Receptora, com a aprovação da CAPES;

Aos professores do Mackenzie que nos deram uma inesquecível receptividade e sabedoria para alcançarmos os objetivos do MINTER: Maria Augusta, Ruth, Gabi, Angélica, José Geraldo, Nádia, Gilda, Abílio, Perrone, Eunice, Cândido e Maria Izabel;

Aos meus pais e minhas irmãs, pelo fato de ter a quem recorrer sempre e o apoio familiar: Evanildo e Catarina, Ana Valesca e Ana Vanessa;

Aos valorosos companheiros de todos os momentos: Paulo, Pedro, Edilson, Fernanda, Marilena, Jari, Marcos, Wladimir, Normando, André, Flávio e ainda Napoleão que iniciou os primeiros passos para a criação do MINTER;

Aos amigos Paulo Hermano e Pedro Boaventura, especiais apoiadores pela cordialidade, prontidão e disposição;

Às meninas que auxiliaram e acreditaram na ideia, voluntariamente: Shaiane, Livia, Bruna e Camila;

À Lia Britto, que abriu portas e caminhos dessa pesquisa;

Ao Senhor, que tudo vê e tudo provê.

## RESUMO

O arquiteto Ivan Britto, cuja trajetória e produção arquitetônica são objeto de estudo dessa pesquisa, tem uma contribuição ao tema ainda muito pouca explorada. O arquiteto possui uma produção muito profícua no período inicial, mas que foi sendo reduzida na medida do seu aprofundamento da carreira docente e na participação institucional, no IAB-CE e no CREA-CE. Apesar disso, alguns de seus projetos são bastante significativos no âmbito da Arquitetura Moderna em Fortaleza, sendo que a Residência Universitária da Universidade Federal do Ceará (1966) no Campus do Benfica é um marco praticamente intacto, testemunho fiel do período e de suas concepções formais e espaciais. Na sua produção há vários projetos residenciais, vários deles já demolidos, e outros ainda são referências na memória local, como o Clube de Regatas da Barra do Ceará (1962) e a versão original do Estádio Plácido Castelo (1973), o Castelão, projetado em equipe. Muito embora tenha uma participação relevante no cenário da Arquitetura cearense, Britto normalmente não é reconhecido pelos jovens profissionais, estudantes e a sociedade em geral. Talvez pelo seu espírito reservado, talvez por ter se recolhido prematuramente a vida acadêmica em detrimento de uma participação mercadológica, o arquiteto tem sido relegado a um segundo plano quando se trata de reconhecer o protagonismo dos pioneiros da Arquitetura no Estado. Uma meta a ser atingida pela pesquisa é revelar a sua contribuição técnica e institucional, resgatar a sua importância no processo da implantação da Arquitetura Moderna em Fortaleza e registrar a sua produção arquitetônica.

Palavras-chave: Ivan Britto. Arquitetura Moderna. Fortaleza.

## **ABSTRACT**

The architect Ivan Britto, whose trajectory and architectural production of this research is the object of study, has a contribution to the subject still little explored. The architect has a very fruitful production in the initial period, but it was being reduced as the deepening of the teaching profession and institutional participation, at IAB-CE and CREA-CE. Nevertheless, some of its projects are very significant in the context of modern architecture in Fortaleza, and the University Residence of the Federal University of Ceará (1966) on the campus of Benfica, is a landmark virtually intact, testimony faithful of the period and its formal and spatial concepts. In its production for several residential projects, many have broken down, and still others are references in local memory, as the Clube de Regatas of Barra do Ceará (1962) and the original version of Plácido Castelo Stadium (1973), the Castellán, projected in partnership. Although it has a relevant participation in the setting of Ceará Architecture, Britto is usually not recognized by young professionals, students and society in general. Perhaps of its reserved spirit, perhaps because he prematurely taken in the academic life at the expense of marketing participation, the architect has been relegated to the background when it comes to recognizing the role of architecture pioneers in the state. A goal to be achieved by the survey is revealing its technical and institutional assistance, rescue its importance in the process of implementation of the Modern Architecture in Fortaleza and record its architectural production.

Key-words: Ivan Britto. Modern Architecture. Fortaleza.

---

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE SIGLAS</b> .....	11
<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	14
<b>PRÓLOGO</b> .....	20
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	29
<b>PARTE I - A FORMAÇÃO E PRÁTICA DE IVAN BRITTO</b> .....	39
<b>Capítulo I - <i>As referências conceituais internas e externas</i></b> .....	40
1.1 De Clevelândia do Norte a Fortaleza.....	40
1.2 A UFC e a Escola de Arquitetura e Urbanismo como <i>locus</i> modernista.....	63
1.3 O IAB e o CREA: cultura e política profissional.....	74
<b>Capítulo II - <i>A prática profissional</i></b> .....	78
2.1 Catalogação de projetos.....	79
<b>PARTE II - OS PROJETOS: <i>análise crítica referenciada</i></b> .....	86
<b>Capítulo III - <i>A Residência Universitária da UFC</i></b> .....	103
3.1 O bairro e a edificação.....	103
3.2 A descentralização e os novos bairros.....	106
3.3 O surgimento do Benfica e da Gentilandia.....	108
3.4 O projeto da Residência Universitária da UFC.....	111

<b>Capítulo IV - O Clube de Regatas da Barra do Ceará.....</b>	<b>134</b>
4.1 O clube do marco zero.....	134
4.2 Surge o Clube de Regatas.....	142
4.3 Atualmente, o CUCA.....	163
<b>Capítulo V - O Estádio Plácido Castelo (Castelão).....</b>	<b>170</b>
5,1 O início de um gigante.....	170
5,2 Um olhar periférico.....	185
5.3 Abalo estrutural e o projeto alterado.....	196
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>211</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>217</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>222</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>225</b>
Anexo A – Linha do tempo.....	226
Anexo B – Plantas Clube de Regatas.....	227
Anexo C – Jornal O Povo – 40 anos de Arquitetura.....	228

---

## LISTA DE SIGLAS

AM – Amazonas  
ART – Anotação de Responsabilidade Técnica  
ASCISA - A. Silva Com. e Ind. S. A.  
ASPEC – Associação dos Professores do Ensino Superior do Ceará  
AU-UPM – Arquitetura e Urbanismo – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
CE – Ceará  
CBA – Congresso Brasileiro de Arquitetos  
CECASA – Cerâmica do Cariri S.A  
CIAM – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna  
CILA – Companhia Industrial de Laticínios do Ceará  
COHTRACE – Cooperativa Habitacional dos Trabalhadores do Ceará  
COMEL – Coordenadoria de Medicina Legal  
CONFEA – Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia  
COVIO - Laboratório de Estudos da Conflitualidade e Violência  
COSU – Conselho Superior do IAB  
CRAB – Clube de Regatas Antônio Bezerra  
CREA – Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia  
CUCA – Centro Urbano de Artes, Ciência e Esporte  
DAC – Diretoria de Arquitetura e Construções  
DAU – Diretoria de Arquitetura e Urbanismo  
DCE – Diretório Central dos Estudantes  
DF – Distrito Federal  
DOCOMOMO – Documentation and Conservation of building, sites and neighbourhoods of the Modern Movement  
ECT – Empresa de Correios e Telégrafos  
EBAP – Escola de Belas Artes de Pernambuco  
ENBA – Escola Nacional de Belas Artes

EPUSP – Escola Politécnica da Universidade de São Paulo  
EUA – Estados Unidos da América  
FADEC – Federação de Assistência Desportiva do Estado do Ceará  
FANOR – Faculdades Nordeste  
FAU/USP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo  
FIFA – Fédération Internationale de Football Association  
GMF – Guarda Municipal de Fortaleza  
GO - Goiás  
IML – Instituto Médico Legal  
IAB – Instituto de Arquitetos do Brasil  
IBEU – Instituto Brasil-Estados Unidos  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IMOCASA – Indústria de Moagens do Cariri S.A  
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
JK – Juscelino Kubitschek  
LABVIDA - Laboratório de Direitos Humanos, Cidadania e Ética  
LEV – Laboratório de Estudos da Violência  
MA - Maranhão  
MAUC – Museu de Arte Universitária do Ceará  
MIS – Museu da Imagem e do Som  
OAB – Ordem dos Advogados do Brasil  
PE – Pernambuco  
PI – Piauí  
PDDU-FOR – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Fortaleza  
PRAE – Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis  
PV – Presidente Vargas  
REU – Residência Universitária  
RFFSA / RVC – Rede Ferroviária Federal / Rede de Viação Cearense  
RN – Rio Grande do Norte  
RS – Rio Grande do Sul

SENAI – Serviço Nacional da Indústria  
SER – Secretaria Executiva Regional  
SIP/SSPDS - Sistema de Informações Policiais da Secretaria  
da Segurança Pública e Defesa Social  
SP – São Paulo  
TCE – Tribunal de Contas do Estado  
UFC – Universidade Federal do Ceará  
UFPE - Universidade Federal de Pernambuco  
UNIFOR – Universidade de Fortaleza

---

## LISTA DE FIGURAS

<b>Fig. 1</b> - Os primeiros edifícios traduziam a modernidade dos novos tempos.....	42
<b>Fig. 2</b> – Edifício <i>art déco</i> dos Correios e Telégrafos construído de 1932 a 1934.....	43
<b>Fig. 3</b> – O Lord Hotel próximo ao Teatro José de Alencar.....	45
<b>Fig. 4</b> – O San Pedro Hotel tinha o restaurante mais elegante da cidade na cobertura.....	45
<b>Fig. 5</b> – Excelsior Hotel à direita projetado por Emilio Hinko foi inaugurado em 1931.....	48
<b>Fig. 6</b> – Sede do Náutico Atlético Cearense em 1948.....	49
<b>Fig. 7</b> – Casarão da Escola de Belas Artes de Pernambuco.....	51
<b>Fig. 8</b> – Pavilhão de Verificação de Óbitos (atual sede do IAB-PE) de Luiz Nunes.....	58
<b>Fig. 9</b> – Usina Higienizadora de Leite, projeto de Luiz Nunes, Recife (1934).....	59
<b>Fig. 10</b> – Presidente Castelo Branco desamarra a fita simbólica da inauguração da Escola de Arquitetura.....	67
<b>Fig. 11</b> – Reitor Antonio Martins Filho com os jovens professores no pátio da Escola de Arquitetura. Da esquerda para a direita estão Liberal de Castro, Ivan Britto, Neudson Braga, o reitor e outro professor não identificado.....	68
<b>Fig. 12</b> – Situação da Residência Universitária no bairro Gentilândia. Na legenda: 1. Reitoria / 2. Concha Acústica / 3. Museu de Arte / 4. Escola de Arquitetura e Urbanismo / 5. Imprensa Universitária / 6. Pró-Reitoria de Extensão / 7. Institutos Básicos / 8. Casas de Cultura.....	72

<b>Fig. 13</b> – Ivan Britto no VII CBA em Belo Horizonte representando o IAB-CE. É o segundo da esquerda para a direita.....	77
<b>Fig. 14</b> - Ivan Britto em evento promovido pelo CREA acompanhado de sua esposa Gilvanete Britto.....	77
<b>Fig. 15</b> – Escritório do arquiteto montado atualmente em sua residência.....	80
<b>Fig. 16</b> – Fichário contém parte da sua produção.....	81
<b>Fig. 17</b> – Ficha arquivada contém dados dos projetos.....	81
<b>Fig. 18</b> – Mapa de Fortaleza com a localização das obras selecionadas para estudo referenciado.....	87
<b>Fig. 19</b> – Vista da esquina das ruas Paulino Nogueira e Waldery Uchoa.....	104
<b>Fig. 20</b> – Residências originais no entorno da Praça João Gentil localizada na Gentilândia.....	109
<b>Fig. 21</b> – Implantação da REU com relação ao lote e à Praça João Gentil.....	112
<b>Fig. 22</b> – Perspectiva do estudo preliminar do projeto.....	116
<b>Fig. 23</b> – Vista da confluência das ruas Paulino Nogueira e João Gentil.....	117
<b>Fig. 24</b> – Planta do térreo, mostra o pilotis, o acesso principal e o auditório (hoje sala de TV).....	119
<b>Fig. 25</b> – Planta 1º. Pavimento.....	120
<b>Fig. 26</b> – Planta dos apartamentos.....	121
<b>Fig. 27</b> - Pilares laterais e pé-direito duplo.....	122
<b>Fig. 28</b> - Volume lateral e proteção da insolação.....	122
<b>Fig. 29</b> – Painel de cobogós e estrutura independentes.....	123
<b>Fig. 30</b> – Detalhe da coluna no pilotis.....	123
<b>Fig. 31</b> – Transição entre os pavimentos.....	124
<b>Fig. 32</b> – Vista para a Praça João Gentil.....	124
<b>Fig. 33</b> – Vista das varandas das UH's.....	124
<b>Fig. 34</b> – Cobogós na fachada posterior.....	124

<b>Fig. 35</b> – Detalhe parapeito curvo em pastilha.....	125
<b>Fig. 36</b> – Detalhe da varanda e revestimentos.....	125
<b>Fig. 37</b> – Cortes transversais: ao nível dos apartamentos e na caixa de escada.....	126
<b>Fig. 38</b> – Corte longitudinal mostra a modulação das unidades e a estrutura racional.....	127
<b>Fig. 39</b> – Vista posterior com as vedações das circulações dos apartamentos e os cobogós no pilotis.....	128
<b>Fig. 40</b> – Vista frontal apresenta a rígida modulação estrutural e a ruptura dos volumes.....	129
<b>Fig. 41</b> – A sala de estudos no 1º. pavimento e a transparência das vedações e materiais.....	130
<b>Fig. 42</b> – Interior da sala de estudos no 1º. Pavimento com vista para a praça.....	130
<b>Fig. 43</b> - Circulação do pavimento-tipo e paginação cobogós.....	132
<b>Fig. 44</b> - Detalhe bandeira e ventilação cruzada.....	132
<b>Fig. 45</b> - Vista interna da unidade.....	133
<b>Fig. 46</b> - Vista interna para a circulação.....	133
<b>Fig. 47</b> – Clube de Regatas em construção.....	134
<b>Fig. 48</b> – Planta da Villa da Fortaleza e seu Porto, destacando a ocupação a leste do rio Pajeú. (Silva Paulet), 1818.....	136
<b>Fig. 49</b> – Mapa esquemático com as rotas de acesso ao centro de Fortaleza e a expansão a leste e oeste em direção aos rios limítrofes.....	138
<b>Fig. 50</b> – Vista do Clube Líbano, já demolido.....	141
<b>Fig. 51</b> – Posicionamento do Clube de Regatas junto à foz do Rio Ceará.....	144
<b>Fig. 52</b> – Paisagem natural da Barra do Rio Ceará.....	146
<b>Fig. 53</b> – O mapa do lazer em Fortaleza e cidades vizinhas em 1961 destacava a Barra do Ceará.....	146
<b>Fig. 54</b> – Fachada do Clube de Regatas da Barra do Ceará.....	147

<b>Fig. 55</b> – Planta de implantação com a locação da sede social, piscinas e quadras nos três níveis em que o terreno foi retificado.....	148
<b>Fig. 56</b> – Planta do pavimento térreo do bloco da sede social.....	150
<b>Fig. 57</b> – Planta do pavimento superior do bloco da sede social.....	151
<b>Fig. 58</b> – Detalhe do projeto estrutural destaca o pórtico.....	152
<b>Fig. 59</b> – Estudo preliminar do Clube de Regatas em perspectiva cônica.....	153
<b>Fig. 60</b> – Visita às obras do bloco principal.....	156
<b>Fig. 61</b> – Sequência dos pórticos da fachada.....	157
<b>Fig. 62</b> – Vista aérea do Clube de Regatas na foz do Rio Ceará. Ao lado esquerdo vemos trecho da ponte José Martins Rodrigues que atravessa o Rio Ceará.....	158
<b>Fig. 63</b> - Vista interna do bloco principal mostra a modulação da estrutura e a laje inclinada em concreto.....	159
<b>Fig. 64</b> – Piscina e trampolim do CRAB.....	159
<b>Fig. 65</b> – Vista frontal e corte longitudinal do bloco da sede social.....	160
<b>Fig. 66</b> – Cortes transversais do bloco principal.....	160
<b>Fig. 67</b> – Vista do palco através do vazio do salão do pavimento superior.....	161
<b>Fig. 68</b> – Vista do salão do bloco da sede social a partir do palco, com vista direta para o Rio Ceará.....	161
<b>Fig. 69</b> – Vista externa do bloco principal evidencia a estrutura.....	161
<b>Fig. 70</b> – Um dos tradicionais bailes de Carnaval ocorria no clube.....	161
<b>Fig. 71</b> – Vista aérea da foz do rio Ceará com destaque para a implantação do CUCA.....	162
<b>Fig. 72</b> - Fotografia panorâmica das obras do CRAB.....	163
<b>Fig. 73</b> - Fachada do bloco principal antes da sua reforma.....	165

<b>Fig. 74</b> - Vista aérea da foz do rio Ceará com destaque para a implantação do CUCA.....	165
<b>Fig. 75</b> – Estádio Castelão em construção.....	170
<b>Fig. 76</b> – Estádio Castelão na época de sua inauguração em 1973 ainda inconcluso no anel superior.....	173
<b>Fig. 77</b> – Castelão no ano de 1987, com o anel superior das arquibancadas completo.....	174
<b>Fig. 78</b> – O Machadão em Natal foi demolido em 2011.....	175
<b>Fig. 79</b> – A chegada da tocha olímpica e o Estádio Olímpico de Berlim em 1936.....	176
<b>Fig. 80</b> – Estádio Serra Dourada em Goiânia, projetado por Paulo Mendes da Rocha.....	177
<b>Fig. 81</b> – Área destinada à construção do estádio.....	181
<b>Fig. 82</b> – Foto da maquete do estádio.....	183
<b>Fig. 83</b> – Imprensa da época demonstrava o júbilo pelo projeto dos cearenses.....	184
<b>Fig. 84</b> – Comparação entre os campos de jogo. Do lado esquerdo o Estádio Universitário com a pista de 400m, à direita o Estádio Azteca com a supressão da pista e a aproximação da arquibancada, similar ao Castelão.....	187
<b>Fig. 85</b> – Estádio Mineirão visto da Lagoa da Pampulha.....	188
<b>Fig. 86</b> – Planta original do projeto mostra a geometria do contorno do estádio de oito centros.....	191
<b>Fig. 87</b> – Corte setorial do pórtico apresenta a estrutura dos platôs de acesso, a arquibancada, o fosso e o nível do campo.....	193
<b>Fig. 88</b> – A repetição dos pórticos resulta no formato externo do estádio.....	195
<b>Fig. 89</b> – Interior da Arena Castelão às vésperas da reinauguração.....	201

<b>Fig. 90</b> - Corte setorial do pórtico apresenta a nova estrutura de cobertura, os platôs de acesso, a arquibancada retificada e o nível do campo rebaixado, além do novo revestimento externo.....	205
<b>Fig. 91</b> - Presença da laje é marcante na implantação.....	206
<b>Fig. 92</b> - Planta ao nível do estacionamento. Veículos protegidos e torcedores exposta à insolação direta.....	207
<b>Fig. 93</b> - Estudo comparativo da ventilação antes e depois da reforma a partir da sobreposição dos pórticos.....	208
<b>Fig. 94</b> – Cobogós na circulação da Residência Universitária.....	214

---

## PRÓLOGO

A presente dissertação resulta de fatores que envolvem interesses pessoais e profissionais. Naturalmente surgiu da superposição de vários fatos, que concorreram tanto para a própria decisão de participar ativamente da vida profissional acadêmica, quanto para a própria definição do tema a ser pesquisado.

Sempre tive um manifesto interesse pela história, pelos seus caminhos, suas imagens, os personagens e os fatos passados. De uma forma mais ampla, desde a infância tive uma crescente curiosidade pelos fatos passados, pelas imagens e fotografias de época, imaginar quem são as pessoas, o que faziam, como faziam. Esse interesse me levou a uma constante leitura e a buscar tudo que envolvesse acontecimentos passados, seus contextos e consequências na sociedade.

Retornando no tempo, vamos ao ano de 2002, quando estive no Departamento de História da Universidade Federal do Ceará (UFC) com a intenção de me inscrever para o Mestrado promovido por aquela instituição. Importante notar que não há, até o presente momento,

nenhuma oferta de mestrado e doutorado em Arquitetura e Urbanismo em nenhuma instituição acadêmica no Estado do Ceará, apesar de estarmos completando o cinquentenário da fundação da Escola de Arquitetura da UFC em 2014. O Mestrado da História abrigou alguns colegas arquitetos e suas intenções de titulação. A arquiteta Mirtes Freitas, inclusive, transformou sua dissertação em uma das publicações constantes nas referências dessa pesquisa, “Fortaleza Cidade dos Clubes”, na qual analisa a evolução da cidade a partir do surgimento de clubes sociais, promotores e amplificadores de mudanças sociais, inserções de novos hábitos do lazer e de diversão pública. Minha intenção era estudar o advento da Arquitetura Moderna em Fortaleza, investigar os seus primórdios, os seus autores e os principais fatos que motivaram a construção das novas edificações, o emprego das novas tecnologias tendo como origem o centro histórico da cidade e a sua expansão. Bem, o projeto de pesquisa não se tornou uma prioridade, ao passo que surgiram outras urgências profissionais. Ocorreram alterações profundas na constituição do escritório particular, a amiga Mirtes, minha incentivadora, faleceu precocemente e adiei essa inserção na pesquisa acadêmica. Por outro lado, coincidentemente, fui convidado a exercer a docência na Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e Faculdades Nordeste

(FANOR). Aceitei e começou ali uma nova etapa, que pavimentaria o alargamento dos meus interesses arquitetônicos.

Por outro lado, foi de fundamental importância a militância no Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento do Ceará, desde sócio aspirante ainda como estudante há 30 anos atrás. A entidade, pela qual exerci vários cargos executivos, inclusive a presidência do Departamento do Ceará (2000 a 2004) e atualmente como membro do Conselho Superior (COSU) proporcionou-me inéditas possibilidades: desfrutar da companhia de muitos mestres, ouvir as suas histórias, compartilhar momentos de discussão e debates históricos sobre a Arquitetura brasileira, conhecer os seus discursos e admirar o seu amor pela profissão, pela ininterrupta construção da memória e pelos seus projetos e atividades profissionais. Comecei a perceber que não podemos prescindir absolutamente de tomar contato com os fatos, os feitos e os saberes embutidos na vida das pessoas, na sua produção e no seu pensamento. Ficava encantado por poder compartilhar as experiências de figuras de relevo como Miguel Alves Pereira, José Carlos (Zeca) Brandão, José Albano Volkmer, Joaquim Guedes, Fábio Penteado, Carlos Maximiliano Fayet, Vital Pessoa de Melo, que já nem se encontram entre nós, com os quais tive a oportunidade única de conviver, mesmo que

através das temporadas semestrais do Conselho Superior. Outros personagens tem sido referência, como Antônio Carlos Campello Costa, Benito Sarno, Haroldo Pinheiro, Romeu Duarte Jr., José Alberto de Almeida, Antônio Carlos Moraes de Castro, Clóvis Ilgenfritz, Irineu Breitman, no convívio aqui e ali, uns mais próximos, outros mais distantes, mas todos muito imbuídos na discussão das questões de política profissional, tecnologia, formação e de mercado de trabalho.

Das questões institucionais, paroquiais da entidade a bandeiras históricas como a criação do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU), as representações internacionais, a defesa dos valores culturais da Arquitetura, o embate com os gestores, os conflitos entre o público e o privado, todas perpassam pela compreensão da magnitude da prática profissional e da sua memória. A experiência ímpar proporcionada pelo IAB me conduziu por uma postura de profundo respeito pela trajetória desses profissionais que, voluntariamente, constroem no dia-a-dia da vida institucional uma parte da história da Arquitetura brasileira. Reconheço que muito do meu conhecimento e cultura arquitetônica decorre da minha participação na entidade, fato que costumeiramente cito como uma espécie de *pós-graduação não acadêmica*.

Outro fator preponderante para a escolha do tema da pesquisa de mestrado foi a possibilidade de que tal projeto fosse desenvolvido através do contato direto com o arquiteto Ivan Britto, proporcionada por pequenas e felizes oportunidades surgidas ao longo dos anos. Desde o período do curso de graduação na UFC tivemos uma relação muito cordial, longe, porém de configurar amizade, mas além do tradicional professor-aluno, sempre permeada de bastante generosidade da sua parte nas conversas coloquiais, no fora-de-aula, no bate-papo de assuntos genéricos e das notícias da profissão.

Coincidência bastante positiva foi o interesse de sua neta, minha aluna na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), de cumprir estágio no meu escritório particular. Sabendo do meu interesse pela produção histórica da Arquitetura local, me presenteou uma pasta com vários dados profissionais do seu avô, que foi arquivada com bastante cuidado. Por essa não forçada proximidade tive a oportunidade de participar de eventos familiares, como as comemorações de seus 80 e 85 anos, juntamente com outros arquitetos seus contemporâneos José Liberal de Castro e Neudson Braga, também pioneiros da profissão no Estado, e Delberg Ponce de Leon, egresso da primeira formatura de arquitetos da

Escola de Arquitetura da UFC. Em todos os eventos a tônica das conversas era a rememoração dos fatos, casos, histórias e saudosas memórias protagonizadas por eles, seus amigos, colegas, clientes em torno da produção de cada um.

Todos esses profissionais são muito citados nas pesquisas e levantamentos acerca da evolução da Arquitetura cearense, o que não ocorre quando se trata da citação de Ivan Britto, contemporâneo de todos eles no período pioneiro local. Há uma lacuna quanto à sua participação, havendo, inclusive, ambiguidade e dúvidas ao se determinar autoria em vários de seus projetos. A pesquisa pretende trazer à tona a sua trajetória e contribuição profissional e institucional.

Assim, percebi a importância do resgate da trajetória do arquiteto Ivan Britto, coparticipe da implantação da Arquitetura como profissão especializada, da Arquitetura Moderna e dos principais organismos institucionais e acadêmicos no Estado. Britto está aposentado, no entanto mantém uma sala em sua residência tal qual um escritório, na qual exerce diariamente a sua leitura e tarefas cotidianas, junto aos seus arquivos de projetos, sua biblioteca, pranchetas, régua, T, paquímetro e até um inédito e atual computador, equipamento

estranho à sua produção. Sinal dos tempos. A possibilidade de acesso a dados primários foi uma experiência única e delicada, visto que Britto não abriu esse tipo de concessão a outras pesquisas anteriores. Desde o início da pesquisa ele tem proporcionado acesso, sempre que possível, aos dados disponibilizados nesse escritório, seus arquivos pessoais, livros e documentos. Já fizemos duas entrevistas gravadas, nas quais ele comenta sobre fatos pessoais, estudos, a sua formação, os trabalhos, a convivência profissional, a vida na academia e as passagens institucionais no IAB e no CREA, pelas quais o arquiteto foi presidente e por diversas vezes representante em eventos regionais, nacionais e internacionais.

O trabalho de pesquisa tem sido, de certa forma, facilitado pela própria organização da sua produção em fichas de projetos organizadas de ordem alfabética e pastas com os desenhos e documentos técnicos separados por ordem cronológica. Foi formado um grupo de pesquisa com quatro alunas voluntárias do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNIFOR, que estão auxiliando o desenvolvimento dos trabalhos. Estão empolgadas com as descobertas, com a franca receptividade do Ivan em seu espaço de memórias, com o

contato com uma *escanteada* régua T ou um *complexo* normógrafo, ou mesmo reconhecer que leituras antigas de sua biblioteca são tão atuais.

A pesquisa consistiu na investigação do trabalho do arquiteto e estabelecer uma relação contextualizada entre os acontecimentos paralelos à sua trajetória de formação e atuação profissional, assim como destacar algumas de suas obras para uma análise referenciada. Procedeu-se então o levantamento dos desenhos arquivados, das fichas por ele mesmo, catalogadas ao longo dos anos, de livros que fizeram parte do seu estudo, de documentos que registram a sua trajetória profissional. O ponto de partida foi um currículo datilografado, por ele mesmo organizado, no qual fazia constantes atualizações, mas que foi devidamente confrontado com os dados pesquisados. Obviamente, o acesso não foi ilimitado. Não houve uma frequência regular das visitas, que ficaram restritas à sua disponibilidade pessoal e familiar, visto que Britto fez questão de acompanhar todas as incursões, apontando os documentos, comentando situações, rememorando passagens a cada projeto ou livro aberto. A memória já não acompanha a velocidade dos questionamentos da pesquisa. Falha, emperra, dilui, mas pinça daqui e dali fatos que vão tecendo uma sequência mais clara da lógica, do raciocínio no desenvolvimento dos projetos, numa frustração por projetos

não realizados, nas incontidas raivas por erros de execução ou numa aventura hilariante de passagens juvenis e de relatos com outros profissionais contemporâneos.

---

## INTRODUÇÃO

O arquiteto Ivan Britto, cuja trajetória e produção arquitetônica são objeto de estudo dessa pesquisa, tem uma contribuição ao tema ainda muito pouca explorada. O arquiteto, graduado em 1955 pela Escola de Belas Artes de Pernambuco, possui uma produção muito profícua no período inicial, mas que foi sendo reduzida na medida do seu aprofundamento da carreira docente e na participação institucional, tendo sido ainda presidente do CREA-CE. Apesar disso, alguns de seus projetos são bastante significativos no âmbito da Arquitetura Moderna na cidade, sendo que a Residência Universitária da Universidade Federal do Ceará (1966), encravada no bairro da Gentilândia, no Campus do Benfica, é um marco praticamente intacto, testemunho fiel do período e de suas concepções formais e espaciais. Na sua produção há vários projetos residenciais, vários deles já demolidos, e outros ainda são referências na memória local, como o Clube de Regatas da Barra do Ceará (1962) e a versão original do Estádio Plácido Castelo (1973), o Castelão, em parceria com José Liberal de Castro, Marcílio Dias de Luna, Reginaldo Mendes Rangel e Gerhard Ernst Bormann. Muito embora tenha uma participação relevante no

cenário da arquitetura cearense o arquiteto Ivan Britto normalmente não é reconhecido pelos jovens profissionais, estudantes e a sociedade em geral. Talvez pelo seu espírito reservado, talvez por ter se recolhido prematuramente à vida acadêmica em detrimento de uma participação mercadológica, o arquiteto tem sido relegado a um segundo plano quando se trata de reconhecer o protagonismo dos pioneiros da arquitetura no estado do Ceará.

O objetivo é investigar a Arquitetura Moderna em Fortaleza a partir da trajetória e a obra de Ivan Britto no período de 1955 a 1973. Uma meta a ser atingida pela pesquisa, portanto, é revelar a sua contribuição técnica e institucional, resgatar a sua importância no processo da implantação da Arquitetura Moderna em Fortaleza, registrar sua produção arquitetônica e a sua contribuição na vida institucional dos órgãos representativos da profissão no estado. Além disso, a pesquisa deverá compreender o processo de surgimento e afirmação do modernismo em Fortaleza, identificar e analisar condicionantes históricos e socioeconômicos que contribuíram para a utilização dos seus preceitos arquitetônicos.

O trabalho está dividido em duas partes, que abordam assuntos distintos, mas conectados segundo uma sequência temporal e a produção arquitetônica de Britto. Cada uma das partes, por sua vez, é distribuída em capítulos que tratam os grandes temas de forma mais esmiuçada, alcançando maior amplitude dos fatos ocorridos, suas conexões com as mudanças da sociedade e a sua obra e, por fim a análise crítica referenciada de projetos do arquiteto.

Britto é tratado como o fio condutor da história, muito embora se perceba que ele também é um elemento consequente das situações a que se submete, consciente ou não. A sua estrutura pessoal e profissional vai sendo moldada pela ativa participação nos vários segmentos estudados, desde a sua formação, o início da sua produção, as oportunidades de inserção num incipiente e restrito mercado de trabalho, as decisões que definem seu rumo na profissão. Essas decisões o conduzem por caminhos tão específicos da carreira *solo* ou do trabalho em equipe, ao mesmo tempo em que outros se superpõem como o emprego formal e a autonomia do escritório próprio, ou mesmo da militância institucional e a pedagógica, nos órgãos de representação profissional (IAB e CREA) e acadêmico (UFC). Britto recebe toda a carga de valores de uma época ao passo em que também se constitui

gradualmente em vivo exemplar de referência. Como a própria condição do modernismo, passado e presente são sínteses constantes e o futuro, um pretensioso e irremediável resultado. Esse projeto “se caracterizou por sua intenção “exemplar”, pelo didatismo; os grandes mestres pioneiros foram, além de arquitetos, professores e divulgadores das novas concepções [...] chegando mesmo ao panfletarismo”, conforme alerta Zein (2001, p. 37) em *O Lugar da Crítica*.

A Parte I trata do tempo. São dois capítulos que caracterizam a preparação e o profissional revelado. No primeiro, ordenou-se a trajetória de Britto desde o nascimento, a sua formação, a ambiência cultural e histórica em que ele esteve envolvido, a construção do seu pensamento, suas referências e influências. O tempo é a essência, distribuída ao longo de sua vida, apresentando as várias facetas que o tornam objeto de estudo dessa pesquisa. É Marina Waisman que afirma, “o ser humano é impensável fora da cultura, a cultura é produto humano, mas ao mesmo tempo é produto de sua cultura”.

No capítulo II o assunto o exercício profissional, seja no âmbito do escritório, nos cargos públicos ou nos mandatos institucionais. É o caldo que vai nortear a sua trajetória como arquiteto dentro do arco

das possibilidades de trabalho, de proprietário de escritório particular, de professor e de gestor. As demandas pela arquitetura são crescentes e o surgimento dos profissionais começa a estabelecer uma linha demarcatória de atuação no estado do Ceará. Ancorados pela avalanche progressista do segundo pós-guerra, do Brasil que não se bastava, da pueril aventura utópica de uma sociedade a ser modificada, e antes de tudo “inventada” pelo ideal da modernidade, os arquitetos encararam sem subterfúgios a missão, um tanto quanto quixotesca, mas ansiosamente pretendida. Britto passou a atuar nos inúmeros *fronts* que se apresentaram, acumulando vasta experiência no mercado privado e público. Junto a esse movimento vertiginoso da construção civil, surgiu a necessidade da reflexão acerca da inserção e participação dos profissionais nessa nova sociedade urbana e consumidora das novidades modernas. As entidades que enfrentam essa discussão são: no âmbito da fiscalização e regulamentação o CREA, e no segmento do debate cultural e intelectual o IAB. Nesses dois organismos Britto vai dividir a sua atuação, entre a prancheta e o *parlamento*.

A Parte II apresenta o fato. É a sua produção arquitetônica. Inicia com uma relação dos projetos das mais variadas vertentes, residenciais, institucionais e industriais. A seguir são destacados 3

projetos que recebem uma análise mais ampla, a partir das soluções projetuais, das evidências da modernidade, dos princípios conceituais e dos condicionantes ambientais. Os projetos distinguidos são: a Residência Universitária da Universidade Federal do Ceará (1963-1966), o Clube de Regatas da Barra do Ceará (1962-1963) e o Estádio Plácido Castelo - Castelão (1970-1973).

A escolha dos projetos não seguiu uma sequência temporal alinhada com uma possível escala de amadurecimento profissional, muito embora demarquem o período inicial e final do período estudado. Os critérios de seleção foram baseados na diversidade programática, nas diferenças de uso, nos momentos distintos vivenciados por Britto e os seus clientes com demandas funcionais muito específicas. Apesar da pluralidade de itens que forjam e resultam desses projetos, temos em comum a aplicação rigorosa das concepções modernistas, a funcionalidade inabalável e a técnica construtiva através da utilização irrestrita dos materiais definidores da estrutura e acabamentos, como o concreto, o aço e o vidro.

Os capítulos seguintes individualizam a análise contextualizada de cada um desses projetos destacados. A Residência

Universitária é abordada no capítulo III desde a sua implantação. São levantados os fatores determinantes da sua inserção urbana para que haja um melhor entendimento da sua localização e o impacto no entorno. Assim como também apresenta os fatores relacionados à sua instalação dentro de um complexo sistema de relações entre os atores que constituem a universidade, os estudantes e os gestores. Outro aspecto é a habitação, de caráter temporário que serve ao atendimento dos valores sociais a que se propõe uma universidade pública. Naturalmente seguem os comentários acerca da edificação percebida como objeto arquitetônico.

O Clube de Regatas da Barra do Ceará é o foco do capítulo IV. Com uma implantação privilegiada no tecido urbano de Fortaleza, o local remete aos primórdios da ocupação do litoral cearense. Lembrada historicamente como o marco zero da capital, a Barra do Rio Ceará, situada à oeste do centro da cidade, é reconhecida pela beleza da sua paisagem natural e potencial paisagístico. O Clube de Regatas, construído na década de 1960, constituiu-se em um ícone da região, uma das primeiras a receber edificações de veraneio e afirmar uma positiva relação com a maritimidade fortalezense. Britto projetou um clube aberto, integrado ao seu entorno natural, uma proposta que

contemplava a prática dos esportes náuticos, uma linha programática mais afeita aos hábitos de uma classe social mais abastada, que já se espraiava pela orla leste de Fortaleza. No projeto foram aplicados os preceitos da nova arquitetura, reafirmando a inovação da proposta. O projeto arquitetônico foi inteiramente cedido por Britto para utilização na pesquisa, inclusive alguns complementares como o de cálculo e até croquis do estudo preliminar. Os desenhos a lápis feitos em papel vegetal estão bem conservados em uma pasta com as pranchas dobradas, algumas já bastante quebradiças. Essa condição levou a um compreensível cuidado ao serem escaneadas para registro e documentação. Atualmente, a edificação original está mimetizada nas instalações do Centro Urbano de Artes, Ciência e Esporte (CUCA), resultado de um concurso nacional público promovido pela Prefeitura Municipal de Fortaleza. O texto analisa a arquitetura moderna do projeto de Britto, o contexto da sua construção e as contradições da implantação do novo equipamento.

O capítulo V discorre sobre o Estádio Plácido Castelo, o Castelão. É uma investigação sobre os condicionantes e o processo projetual do estádio, o trabalho inédito no estado de uma equipe tão numerosa quanto heterogênea em suas personalidades, os aspectos

funcionais e racionalistas rigorosos do enfrentamento da espacialização do programa, o rigor geométrico e as opções do uso de materiais, do uso do concreto armado e de suas preocupações estéticas. Visto que, ainda nos dias de hoje, essas praças desportivas carregam enorme carga simbólica, invariavelmente, tornam-se verdadeiros ícones de suas cidades. A arquitetura não é uma resultante da intenção, muitas vezes camuflada, do contratante, nem ao menos pode ser responsabilizada (assim como o próprio esporte) pelos seus efeitos políticos (in)consequentes. Há, no entanto, uma série de desdobramentos concretos intimamente relacionados à sua existência como objeto de análise arquitetônica, à sua materialidade e a sua inserção no espaço da cidade. O equipamento, que foi localizado ao sul do centro da cidade, em uma região de ocupação muito rarefeita, pretendia ser um fator indutor de renovação urbana no bairro. Com o tempo, mesmo com o fracasso do efeito *contaminador* da arquitetura em seu entorno o estádio tornou-se uma referência na cidade. Com a indicação de Fortaleza como uma das 12 sub-sedes da Copa do Mundo de 2014 no Brasil, o estádio passou por uma completa reformulação descaracterizando-o e camuflando as suas características originais.

A pesquisa não tem a pretensão de esgotar o assunto, pois a obra de um arquiteto extrapola a sua concretude. Mesmo que tenhamos dado o passo inicial para o conhecimento dessa trajetória intelectual, mais que isso, humana, a arquitetura ainda requer mais profundidade e mais amplitude. Para cada caminho aberto, outros se expõem. São inúmeros os contextos, os olhares e as conexões.

Mergulhar nas memórias da arquitetura, revirar a poeira dos anos, abrir papéis esquecidos pelo tempo é um banquete inspirador. É instigante lidar com a arquitetura em suas nuances quase arqueológicas. Transpor toda essa complexidade para uma dissertação acadêmica é mais um belo e aromático prato a ser servido em meio a outros tantos sabores e saberes. Tenho construído nesse período de estudos a plena convicção de que a contribuição da pesquisa servirá a muitas conexões do conhecimento arquitetônico, dentre várias, o papel que os pioneiros desempenharam na evolução da sociedade cearense, a contribuição de suas obras para a memória e a identidade local e regional. E mais importante ainda, a descoberta de quão duradoura pode ser a obra de um homem de seu tempo e lugar.

## **PARTE I - A formação e prática de Ivan Britto**

Na Parte I serão estudados três capítulos as origens, um registro biográfico do personagem Ivan Britto, seguido pela apresentação da ambiência contextualizada do período em que o jovem Britto percebe o mundo moderno em que gradativamente se insere o país. O outro capítulo tratará das suas relações profissionais, o trabalho no escritório particular, suas relações com outros colegas e parceiros nos projetos, contratantes e fornecedores, as rotinas e a experiência profissional do fazer cotidiano da Arquitetura.

## **Capítulo I** - *As referências conceituais internas e externas*

### **1.1 De Clevelândia a Fortaleza**

Ivan Britto nasceu na distante Clevelândia do Norte, um distrito do município de Oiapoque, no atual Estado do Amapá na data de 18 de março de 1928. O país ensaiava ainda a sua entrada no mundo moderno e industrial. Naturalmente o processo modernizador era bastante diferenciado em suas diversas regiões. Se em São Paulo havia ainda um turbilhão cultural provocado pela Semana Modernista de 1922, o país também se digladiava com a configuração definitiva dos seus limites fronteiriços. A cidade de Clevelândia surgiu a partir do processo de definição das fronteiras nacionais ao norte.

Com o objetivo de povoamento e nacionalização da região do Oiapoque, no extremo norte do país, rica em recursos naturais e minerais, que vivia sob a cobiça dos franceses da Guiana, foi aprovada pelo Congresso da União em fins de 1919 a criação de uma colônia agrícola a partir de proposta do Senador Justo Chermont. A colônia foi

fundada no ano de 1922<sup>1</sup>, recebeu a denominação de Clevelândia do Norte, referência à cidade de Clevelândia no Paraná, denominação que homenageava o Presidente dos EUA Grover Cleveland (1885-89 e 1893-97). Ele mediou uma questão de posses territoriais envolvendo a Argentina na região das Missões, a chamada Questão de Palmas, dando ganho de causa ao Brasil em 1895.

A Comissão Colonizadora do Oiapoque, chefiada pelo engenheiro Gentil Norberto, foi formada com sessenta membros, dentre os quais se destacava o Sr. José Vitoriano de Britto, cearense de Fortaleza, como um dos três dirigentes da Secretaria da Comissão. Seu Vitoriano conheceu e casou-se com Maria da Silva Britto, filha de um dos construtores responsáveis pelas edificações no local<sup>2</sup>. Formaram então uma família com três filhos, dos quais Ivan Britto foi o caçula. Apesar de todos demonstrarem talentos musicais foi para o desenho que Britto manifestou a sua veia artística familiar. No ano de 1934 a família se

---

<sup>1</sup> Segundo Alicino (1971, p. 88): "Centro Agrícola Cleveland inaugurado a 5 de maio de 1922 sendo Presidente da República Exmo. Sr. Dr. Eptácio da Silva Pessoa, Governador do Estado o Exmo. Sr. Dr. Antonino Emiliano de Sousa Castro, Ministro da Agricultura Dr. Idelfonso Simões Lopes, Diretor do Serviço de Povoamento do solo o Dr. Dulphe Pinheiro Machado e Chefe da Comissão Fundadora Dr. Gentil Norberto".

<sup>2</sup> IDEM (p. 87) para a descrição das construções: "A Comissão colonizadora daquela zona construiu em Clevelândia casas de madeira de lei, pintadas à óleo, envidraçadas, com assoalho e teto e cobertura de telhas de barro, tipo francês. Um prédio com dois pavimentos, a sede da administração e outro menor que é a escola pública. Ao fundo fica o hospital, um prédio bastante grande e de construção sólida e bela. Este grupo de prédios é o melhor que se encontra desde Belém até Oyapock. O tipo dessa construção é excelente e adotado nas colônias federais do Sul do País".

muda para Belém, e de lá parte para uma temporada em Santarém, cidade localizada na confluência dos rios Tapajós e Amazonas, onde permanecem por três anos. Vem desse período um grande interesse pelos esportes aquáticos, que se tornaria futuramente numa característica particular, uma alavanca que o levou a participar de muitos eventos ligados ao setor. Inclusive, será determinante para o seu interesse e contribuição em projetos desportivos.

**Fig. 1 – Os primeiros edifícios traduziam a modernidade dos novos tempos**



Fonte: Acervo MIS

Em busca de melhores condições de estudos para os filhos e atraídos pelos crescentes apelos da vida urbana e suas atrativas novidades tecnológicas, a família se muda para Fortaleza em 1942. Já seria uma enorme mudança de hábitos e *modus vivendi* da família Britto. A cidade já chegava aos 120 mil habitantes e ganhava o seu primeiro arranha-céu, o Hotel Excelsior, inaugurado em 31 de dezembro de 1931. Nesse período a capital ganhou ares de cidade grande e “moderna”, deixando para trás a atmosfera afrancesada, mas ainda provinciana, que marcara o final do século XIX e o início do século XX.

Tem início um acelerado processo de urbanização, com a introdução de novas tecnologias, de novos costumes e de uma economia mais dinamizada. Fortaleza era o palco de grandes transformações, com

**Fig. 2 – Edifício *art déco* dos Correios e Telégrafos construído de 1932 a 1934**



Fonte: Acervo do autor

um vertiginoso crescimento urbano, com drásticas implicações em todos os setores da vida social, política e econômica da capital, com intensas repercussões na apropriação e na construção de seu espaço físico: o Campo de Aviação recebia os aeroplanos no Alto da Balança em 1931; surgem as primeiras favelas no Arraial Moura Brasil; a concepção do plano diretor de Nestor de Figueiredo<sup>3</sup>; a demolição do tradicional coreto e a construção da Coluna da Hora na Praça do Ferreira em 1932; o Mercado Central no mesmo ano, e o prédio em estilo *Art Déco* dos Correios e Telégrafos em 1934.

A instalação do ramal ferroviário Fortaleza-Mucuripe em 1933 abriu uma janela voltada para o leste da cidade. A elite econômica movimentou-se nessa direção pela orla marítima e ao sul rumo ao bairro da Gentilândia. Iniciou-se o processo de verticalização das edificações potencializadas com a crescente utilização do concreto armado e o advento de novos equipamentos como o elevador. Assim, com a construção de edifícios como o San Pedro Hotel, o Lord Hotel, o edifício Parente; o edifício Carneiro, o cine São Luiz, o cine Diogo, Fortaleza

<sup>3</sup> Nestor de Figueiredo, engenheiro-arquiteto pernambucano, trabalhou com Agache no Rio de Janeiro. Atuou no segmento do planejamento urbano, tendo utilizado concepções da cidade moderna, incorporada aos elementos tradicionais. Em Fortaleza apresentou o Plano de Remodelação e Extensão em 1933 (um ano após o de Recife) com propostas de estruturação viária radio-concêntrica e zoneamento baseado nas premissas da Carta de Atenas. O Conselho Municipal não aprovou o projeto e encerrou o contrato em 1935. No entanto suas ideias seriam incorporadas em planos seguintes.

passou por um redesenho no perfil de sua paisagem. Com o crescimento econômico surgiram as primeiras instituições bancárias como o Banco Frota Gentil, o Banco União e o Banco dos Importadores, propriedade de donos de terrenos urbanos e comerciantes abastados.

No início dos anos 40 ocorreu a ebulição provocada pela 2ª. Grande Guerra. Com a entrada dos Estados Unidos no conflito ocorreu intensa pressão sobre o alinhamento político dos países latino-americanos, notadamente o Brasil, pela sua posição geográfica estratégica. O período foi marcado pela maior proximidade com o denominado *american way of life* e a chegada dos produtos importados que marcaram o gosto de consumo ianque, como a Coca-Cola e a goma de mascar, as comidas enlatadas e o refrigerador. Os pracinhas estadunidenses aterrissaram na cidade trazendo na bagagem novos hábitos e costumes, principalmente os noturnos. Ficaram famosas as suas festas e noitadas gastas no Clube Estoril, localizado na antiga Praia do Peixe, atual Iracema. Impulsionados pela disputa da informação entre as nações beligerantes os agentes de comunicação passaram por um exponencial crescimento tecnológico. A comunicação de massa começou a se estabelecer mundialmente e, concomitante, penetrar nos lares cearenses com a instalação da Ceará Rádio Clube (PRE-9) em meados

**Fig. 3 – O Lord Hotel próximo ao Teatro José de Alencar**



Fonte: Acervo MIS

**Fig. 4 – O San Pedro Hotel tinha o restaurante mais elegante da cidade na cobertura**



Fonte: Acervo MIS

da década de 30. A Rádio Iracema veio rivalizar com a PRE-9 em 1945. Britto seguiu os estudos ginasiais no Colégio Castelo Branco de 1943 a 1946 envolvido pela atmosfera de apreensão com a tragédia do conflito mundial, mas de muito glamour estampado nas revistas e no cinema, artífices da invasão cultural hegemônica que se estabeleceu rapidamente pelos *brothers* do norte.

Uma maior relação de Fortaleza com a sua natural maritimidade foi ampliada com a construção do Porto do Mucuripe, a partir de 1938, mas que apenas entrou em operação em 1953. Ampliou-se então o canal de comunicação com o mundo *moderno*, aumentou o fluxo de ideias, de notícias, de produtos e de pessoas. Teve início o processo de rodoviarização dos transportes com a forte ascensão da indústria automobilística, principalmente a individual. Os bondes deixaram de circular em 1947, sendo substituídos pelos ônibus, que vão marcar o início dos anos 50. Com o advento dos deslocamentos motorizados ocorreu também o espalhamento da capital. Continuou o processo de ocupação do lado leste da cidade com a implantação da Avenida Santos Dumont (antiga Nogueira Acioli) a partir do centro, passando pelo bairro do Outeiro (atual Aldeota). O processo seria consolidado com a abertura da avenida Beira-Mar (1961) e o início de uma crescente verticalização, substanciada pelo advento do sistema dos elevadores como principal fluxo vertical. Nesse sentido a arquitetura apresenta as suas credenciais, oferecendo o devido verniz modernizador à cidade através das novas edificações e dos novos materiais.

É justamente nesse momento que há os primeiros contatos com a arquitetura de Mies van der Rohe, de Frank Lloyd Wright, de

Gropius, além das notícias da reconstrução do Novo Mundo. Nesse período tem contato com a produção de alguns nomes que contribuíram para a mudança no cenário urbano de Fortaleza. O arquiteto húngaro Emilio Hinko<sup>4</sup>, egresso da Politécnica de Milão, chegou em 1929, rapidamente se estabeleceu, passando a ser o preferido da elite local para projetos e construções, tais como a Base Aérea, o Hospital de Messejana, o Clube Iracema, o Hotel Excelsior (o primeiro “arranha-céu” da cidade com 8 pavimentos) e o Clube Náutico Atlético Cearense, uma produção que marcou a década de 1940, de fundamentação eminentemente eclética. Outra personagem que teve uma atuação significativa foi o paulista Sylvio Jaguaribe Ekman<sup>5</sup>, graduado pela Escola de Engenharia Mackenzie em 1922, passa uma temporada na capital a convite e projeta o elitizado Ideal Clube, reduto da burguesia fortalezense; o edifício Carneiro, primeiro prédio de apartamentos; os edifícios Parente e Prudência; o Jangada Clube e a loja A Cearense. Abriu um escritório que atuou ativamente entre 1935 a 1947, ano em

---

<sup>4</sup> Emilio Hinko nasceu em Budapeste no ano de 1901 e se estabeleceu em Fortaleza em 1929. Projetista e construtor atuou principalmente em Fortaleza, mas construiu em Salvador, Recife e Rio de Janeiro. Seus projetos marcaram o cenário da cidade de Fortaleza nas décadas de 30, 40 e 50. Faleceu em 2002.

<sup>5</sup> Sylvio Jaguaribe Ekman (1900-1978), engenheiro-arquiteto, chegou a ter o escritório mais bem equipado da cidade para projetar e construir. Segundo o engenheiro José Alberto Cabral, “fazíamos a apropriação integral da obra, ou seja, o acompanhamento e controle total da construção.” em depoimento à arquiteta Beatriz Diógenes (DIÓGENES, 2010, p.107). Sylvio era filho e neto de arquitetos. Carlos Ekmann (1866-1940), seu pai, chegou ao Brasil em 1894, casa-se com Flora Jaguaribe, cearense, e estabelece escritório em São Paulo. É autor do projeto da Vila Penteado, remanescente do estilo *Art Nouveau*, hoje sede da pós-graduação da FAU/USP.

que retornou a São Paulo. Foram desenvolvidos nesse intervalo vários projetos em estilo *Art Nouveau* e *Déco*, de inspiração historicista, da qual faz parte o estilo Missões que caracterizaram uma época de transição estilística. Segundo Borges (2007, p. 15),

Em consonância com a tendência nacional, foi sobretudo através do *Art Déco* que se apresentaram então as primeiras iniciativas de atualização da arquitetura local a esses preceitos, emergindo assim obras marcadas pela geometrização de seus elementos construtivos e decorativos, pela adoção de novas técnicas e materiais, por uma nova escala urbana e por uma maior preocupação com as questões de ordem econômica e racional.

**Fig. 5 – Excelsior Hotel à direita projetado por Emilio Hinko foi inaugurado em 1931**



Fonte: Acervo MIS

**Fig. 6 – Sede do Náutico Atlético Cearense em 1948**



Fonte: Acervo MIS

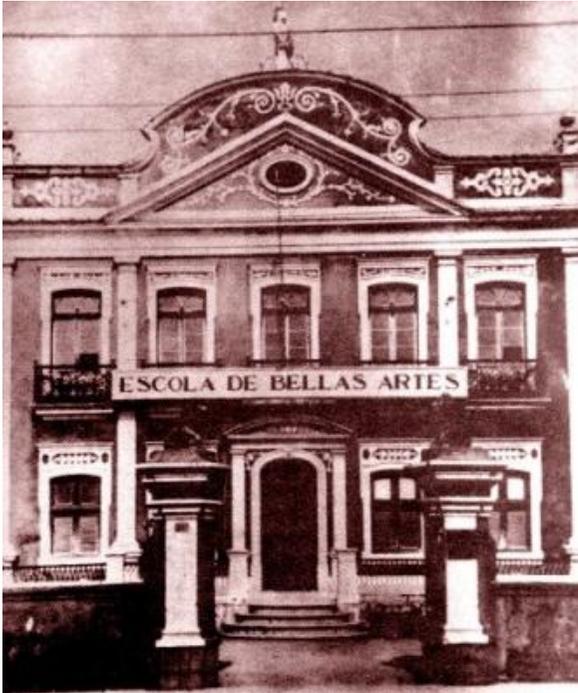
Fortaleza alcançou a década de 1950 reconhecida como importante polo regional, ocupada por 270 mil habitantes, que representou um aumento de 50% em relação a sua população nos dez anos anteriores. Foi a época da consolidação dos grandes clubes como o Náutico e o Ideal, que foram definitivamente implantados na orla, resultaram e determinaram uma nova visão do uso do litoral como espaço de lazer. Surgiram os primeiros sinais de trânsito, assim como a introdução dos primeiros veículos fabricados no país, como o Fusca, o Jeep, a Rural e a Kombi; e o país atravessou uma fase desenvolvimentista sem precedentes com o Governo de Juscelino Kubitschek (1955-60). JK implanta um sistema estratégico de modernização do país baseado no Plano de Metas, ancorado em 13 pontos de ação, com o lema *50 anos em 5*. Dentro do processo de expansão acadêmica surgiu a Universidade Federal do Ceará instalada em 25 de junho de 1955. Logo em seguida foi implantada a Escola de Engenharia, criada em 1956.

Paralelamente a esse processo proativo, o estado do Ceará registrou em 1951 e 1958 duas grandes secas, que provocaram um fluxo migratório significativo em direção à capital do Estado. Nesse contexto

revelou-se a insuficiência de infraestrutura e serviços urbanos de Fortaleza. A Aldeota consolidou-se como o bairro nobre da cidade, ao mesmo tempo em que a periferação habitacional marcou o conflito de uma cidade incipientemente fragmentada. Nessa época ficou evidente que Fortaleza ainda se ressentia de uma participação profissional eloquente na produção de seu espaço arquitetônico urbano.

Até meados do século XX não se pode falar, no Ceará, de uma arquitetura cearense fruto da produção de arquitetos. Predominava a atuação de leigos, a maioria deles desenhistas, que trabalhavam no mais das vezes em parceria com engenheiros civis. Tratava-se de uma prática desprovida de pressupostos programáticos e teóricos, descomprometida com as questões essenciais da arquitetura e seus significados como expressão da cultura, e cuja produção, conseqüentemente, sob o ponto de vista estético, deixava a desejar, embora fosse facilmente aceita pelos setores emergentes da burguesia local. Trechos inteiros de bairros novos são construídos de acordo com essa visão, configurando uma linguagem arquitetônica de gosto duvidoso, frequentemente denominada de *kitsch*. (PAIVA; DIÓGENES, 2013, p. 20)

**Fig. 7 – Casarão da Escola de Belas Artes de Pernambuco**



Fonte: Acervo José Armando Farias Filho

Envolvido por toda essa atmosfera renovadora, cuja dinâmica alterava a percepção do mundo, seu tempo e seu espaço, revelada pelas edificações e pelas mudanças físicas nas cidades, Britto notou a importância do desenho, como fonte dessas inovações. Daí optou por levar à frente a sua admiração pelos projetos bastante divulgados pelas revistas de Arquitetura, que desfilavam as avançadas criações da primeira geração modernista brasileira. Conhecedor de que em Recife essas ideias já estavam sendo implantadas com uma fundamentação técnica-profissional, transferiu-se para Pernambuco resolvido a iniciar os estudos para se tornar arquiteto. Ingressou no curso de Arquitetura da Escola de Belas Artes de Pernambuco<sup>6</sup> em 1951 e graduou no ano de 1955.

Recife já era então um centro regional difusor das concepções modernistas. Estava em curso então os desdobramentos do pioneirismo da chamada escola carioca, principal referência do fluxo modernista na Arquitetura nordestina. No entanto, quando Luiz Nunes chegou em 1934, vindo da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, a cidade já

---

<sup>6</sup> A Escola de Belas Artes de Pernambuco foi fundada em 1932 no bairro de Santo Antônio em Recife. Iniciou com a oferta de cursos de arquitetura, pintura e escultura. No final da década de 1940 a Escola foi agregada à Universidade Federal de Pernambuco. No ano de 1976 foi extinta para formar o Centro de Artes e Comunicação da UFPE, juntamente com a Faculdade de Arquitetura, o Departamento de Letras e o Curso de Biblioteconomia.

respirava os novos ares. Conforme citam Marques e Naslavski (2007, p. 83)

As ideias de Le Corbusier eram, então, familiares a vários profissionais atuantes no Recife. De tal modo que, quando elas foram difundidas por ocasião da primeira vinda do mestre suíço ao Brasil (1929), considerada como um marco de referência na formação da consciência da modernidade arquitetural, elas repercutiram de imediato na cultura recifense.

Nessa questão é importante comentar as origens da disseminação do ideário modernista pelo território nacional a partir de alguns acontecimentos ocorridos nas principais metrópoles brasileiras, Rio de Janeiro e São Paulo. O Rio à época era a capital federal, e tornava-se o foco das atenções modernizadoras de um país que buscava uma identidade descolada da decadência do Brasil colonial, agrário e colonizado. São Paulo, apesar da umbilical Semana de Arte de 1922 e a Casa Warchavchik de 1927/28, se reconstruía após os movimentos revolucionários de 32, ainda engatinhava no modernismo arquitetônico.

Caminhava ainda pelo *Art Déco* de Elisario da Cunha Bahiana e Flávio de Carvalho. Os primeiros cursos de Arquitetura foram fundados apenas na década de 1940: o da Mackenzie em 1947 e o da

Universidade de São Paulo em 1948. Já os cariocas haviam recepcionado Le Corbusier em dezembro de 1929 ao retornar de uma viagem à Argentina e se inteirado de toda a sua verve modernizante em uma palestra bastante concorrida na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA). Frank Lloyd Wright também visitou o Rio em 1931 e Warchavchik chegou a participar do IV Congresso Panamericano de Arquitetos como representante brasileiro do Congresso Internacional da Arquitetura Moderna (CIAM) em 1930. No entanto, foi a breve, mas profícua passagem de Lúcio Costa pelo ENBA em 1930/31 que firmou a semente do pensamento modernista no espaço da formação profissional, ao adotar, não sem muita discussão e conflitos, as postulações corbusianas, que acreditava serem as mais adequadas às demandas de uma sociedade que se urbanizava, fundamentada na técnica e na racionalidade.

Pelas características uniformizantes dos novos princípios vanguardistas e pela inspiração centralizadora e nacionalista do governo getulista, a Arquitetura passa a ser tratada como alavanca modernizadora. A materialização dessas ideias facilmente percebida nas edificações representa o momento das transformações políticas e sociais. É nesse panorama que se consolida a hegemonia da emissão carioca das

concepções modernistas para outras regiões do Brasil, em especial, o Nordeste. São Paulo vai influenciar de forma mais incisiva a partir da introdução do Brutalismo apenas no período pós-Segunda Guerra Mundial. Conforme esclarece Zein (2001, p. 55):

[...] Nesse contexto urbano destacam-se as exceções modernas, cujo apelo à economia construtiva e aos valores da era industrial encontram maior ressonância a partir do esforço modernizador, que se segue à República Nova. Naquele momento, é o Rio de Janeiro o local por excelência para sua implantação, pela maior proximidade com as fontes desse poder.

Retornando ao Recife, ratificamos a importância da presença de Luiz Nunes na introdução da Arquitetura Moderna na cidade, que já havia tomado contato com as ideias modernistas na literatura e nas artes. Na ENBA já havia adotado o ideário vanguardista de Lúcio Costa, tendo inclusive sido presidente do diretório estudantil e junto com Jorge Moreira iniciado um movimento grevista contrário à sua demissão da direção. Após a sua graduação em 1933 foi contratado para o Setor de Obras Públicas do Estado de Pernambuco, onde teria uma função de chefia. Em um ambiente bastante receptivo pode concretizar as suas concepções no planejamento e projeto de várias obras, ao mesmo

tempo em que influenciou tantos outros profissionais e estudantes contemporâneos.

Os recifenses já haviam inaugurado a Escola Livre de Engenharia e a Escola de Belas Artes em 1932, assim como já haviam organizado a sua primeira exposição de arte moderna em 1933, com a participação de Cicero Dias e Vicente do Rego Monteiro, participante da Semana de 22. Os periódicos repercutiam as novidades vindas da região sul, de forma quase imediata. Em 1930 o poeta Manuel Bandeira comentou positivamente sobre a visita de Le Corbusier ao Rio de Janeiro no jornal *A Província* em dois artigos intitulados *As Novas Concepções do Urbanismo* e *Le Corbusier na Escola de Belas Artes*. Na mesma época o governador pernambucano Lima Cavalcanti admirado pelo Jardim Schwartz projetado por Burle Marx em Copacabana em 1932 e fascinado pelo Plano Agache convidou o paisagista para uma temporada em Recife. Burle Marx também foi estudante da ENBA e já estava sintonizado com os preceitos do pensamento modernista, tanto que no projeto paisagístico da casa Schwartz havia trabalhado em parceria com Lúcio Costa e Gregori Warchavchick. Os seus projetos de praças em Recife colaboraram para afirmar a renovação pretendida pelo governador: a Praça Barão de Lucena, a Praça Pinto Damaso na Várzea

e o Jardim do Grande Hotel Recife. Sua contribuição liga-se à ebulição modernizadora e nacionalista do momento na cidade descrita nas palavras de Herkenhoff (2006, p. 60),

No Jardim da Casa Forte, as vitórias-régias articulam a Amazônia ao Nordeste, mas havia plantas de todo o Brasil. No Jardim do Benfica (1937), Burle Marx introduziu mandacarus, coroas-de-frade e macambiras, espécies da caatinga. Além da ideia ecológica de Trópico, ali estavam signos da região da seca. O paisagista se inspirou em Os Sertões de Euclides da Cunha. Para Mota Menezes, Burle Marx trouxe a paisagem do sertão à gente da cidade e da Zona da Mata. No Recife, Burle Marx pode realizar pela primeira vez sua vocação paisagista no espaço público. O jardim brasileiro encontrava harmonia plástica, ecológica e urbanística como unidade estética. Introduziu na experiência coletiva um vocabulário moderno da forma viva. É sua invenção.

Em 1934, Luiz Nunes organiza e funda a Diretoria de Arquitetura e Construções (DAC), através da qual procura implantar as suas ideias modernistas nos projetos de edificações encomendadas pelo poder público. Na sua equipe estava integrado o engenheiro Joaquim Cardozo, que calculou as primeiras obras contemplando as possibilidades plásticas e estruturais proporcionadas pelo concreto armado

demandadas pelos projetos modernistas do departamento. É através do DAC que ocorre uma das mais representativas expressões da Arquitetura moderna nordestina, a utilização do cobogó como elemento de vedação e não de processo construtivo, que seria utilizado amplamente por Ivan Britto em suas principais obras. O cobogó<sup>7</sup>, feito em cimento e areia, pré-fabricado, era utilizado para erigir paredes, preenchido posteriormente os seus furos com argamassa. Luiz Nunes e sua equipe passaram a usá-lo simplesmente como elemento de vedação, aproveitando-se das suas características formais como protetor da incidência direta de sol, e permitir a ventilação e garantir certa privacidade interna.

---

<sup>7</sup> O termo cobogó é a junção das iniciais de três sobrenomes, respectivamente COimbra, BOeckman e GÓis. São eles: O senhor Coimbra, português, mestre de obras; o senhor Boeckmann, mecânico ferreiro e o doutor Antônio de Góis, engenheiro, professor de geologia e chegou a ser prefeito da cidade de Recife. São os fundadores uma construtora (A. O. Coimbra) que criou o tijolo original em cimento perfurado, que era usado para fazer paredes fechadas. O DAU passou a utilizá-los em sua essência e simplicidade (GOMES, 2007, p. 56).

**Fig. 8 – Pavilhão de Verificação de Óbitos  
(atual sede do IAB-PE) de Luiz Nunes**



Fonte: <http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.072/352>. Acesso em 29/05/2014

Em 1935 um fato concorre para que haja um hiato nessa produção. A Intentona Comunista ocorrida nesse ano refletiu no Departamento, acusado constantemente de fazer uma arquitetura caracterizada por uma uniformização e sistematização, além de adotar procedimentos de obra que incluíam mestres-de-obras e operários nas tomadas de decisões que, segundo Geraldo Gomes<sup>8</sup> “cheiravam a comunismo”. Pressionado pelos acontecimentos, Luiz Nunes renunciou ao cargo de chefia do departamento e seguiu para o Rio na companhia de Joaquim Cardozo. Nesse período a DAC ficou inativa por alguns meses. Ele retornaria apenas em 1937 para reassumir mais uma vez o já renomeado Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU). Joaquim Cardozo conheceu Oscar Niemeyer e passou a integrar a sua equipe como calculista principal.

Estavam seladas as bases para a afirmação da Arquitetura Moderna na região Nordeste. O Estado de Pernambuco é um dos palcos mais efervescentes desse momento, que atua como polo irradiador das novas concepções para as outras regiões próximas. A sua implantação

---

<sup>8</sup> Geraldo Gomes no capítulo “A Pré-fabricação e a Racionalização na Arquitetura Moderna em Pernambuco na Década de 30 do Século Passado”. (IDEM, 2007, p. 60)

**Fig. 9 – Usina Higienizadora de Leite de Luiz Nunes**



Fonte: <http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.131/3826>. Acesso em 29/05/2014

tem uma relação direta com essa presença de Luiz Nunes, que veio a falecer prematuramente em 1937, vítima de tuberculose, mas que se consolidou com a chegada de outros profissionais também comprometidos com os mesmos princípios de Nunes. Conforme atesta Moreira (2007, p. 7),

Entre 1946 e 1951, estabeleceram-se no Recife o carioca Acácio Gil Borsoi, o português Delfim Amorim e o italiano Mario Russo. Esses arquitetos adaptaram princípios modernistas da escola carioca e do modernismo europeu às condições climáticas e construtivas da região. A produção pernambucana de meados dos anos 50 em diante chegou a ser considerada por Bruand como um desenvolvimento autônomo das linguagens das escolas paulista e carioca. Russo, Borsoi e Amorim tornaram-se professores da Escola de Belas Artes de Pernambuco, formando uma série de discípulos que desenvolveram carreiras produtivas e consistentes não só em Recife, mas também em outras cidades do Nordeste.

Esses acontecimentos contextualizam a chegada de Ivan Britto à Recife. Ele prestou com sucesso os exames de admissão e passou a estudar no Curso de Arquitetura da Escola de Belas Artes de Pernambuco (EBAP). Iniciou os estudos a partir de 1951 até o ano de 1955, quando se graduou. No período foi aluno desse trio de arquitetos adeptos dos conceitos modernistas e técnicas racionalistas de projetar,

tendo sido bastante influenciado pelo seu ideário. Além disso, era constante o fluxo de informações através da leitura de livros recentes e revistas especializadas como a francesa *L'architecture D'aujourd'hui* e da brasileira *Acrópole*<sup>9</sup>, que difundiram com muito vigor entre os estudantes os projetos e concepções de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Burle Marx, Afonso Eduardo Reidy, Rino Levi, Vilanova Artigas e Le Corbusier, entre outros.

Britto trabalhou ainda como estudante nos três últimos anos de estudo, ou seja, no 3º, 4º e 5º anos do Curso de Arquitetura, no Escritório Técnico da Cidade Universitária da Universidade do Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) durante os anos de 1953, 1954 e 1955. O professor italiano Mario Russo coordenava o escritório, tornando-se uma das principais referências projetuais para esses alunos. Russo ministrava também a disciplina de Composições Arquitetônicas na EBAP e aplicava uma metodologia que consistia, segundo depoimento de Reginaldo Luiz Esteves em "uso de tramas ordenadoras para o estudo de plantas e fachadas, estudos de circulações

---

<sup>9</sup> A revista *Acrópole*, revista de tiragem mensal, dedicada aos temas contemporâneos da Arquitetura, foi fundada em 1938 por Roberto A. Correia de Brito. Em 1953 foi vendida a Max M. Grunewald, que a dirigiu até o ano de 1971 quando encerrou a sua publicação na edição no. 391.

horizontais e verticais, situações climáticas para cobertura e fechamento de paredes”<sup>10</sup>. No Escritório Técnico da Cidade Universitária passaram vários estudantes que se tornariam significativos representantes da produção modernista pernambucana como Mauricio de Passo Castro, Everaldo Gadelha, Heitor Maia Neto, além do próprio Reginaldo. No curso foi contemporâneo de vários outros tais como Waldeci Pinto, Paulo Vaz, Marcos Domingues, Carlos Correia Lima, Edison Lima, Augusto Reynaldo, Dílson Mota, Hélio Moreira e Ana Regina Moreira. Dentre eles, Edison Rodrigues de Lima, diplomado em 1954, viria posteriormente tornar-se professor da EBAP e mais ainda, vice-presidente e presidente do IAB-PE durante os anos de 1955 a 1959, quando organizou o V Congresso Brasileiro de Arquitetos<sup>11</sup>. Edison foi um dos mais importantes personagens na afirmação do arquiteto como profissional na sociedade pernambucana pela sua atuação no IAB-PE. O convívio com esses personagens, suas ideias e a atmosfera renovadora recifense marcou profundamente a trajetória posterior de Britto ao retornar à Fortaleza para iniciar a sua vida profissional.

---

<sup>10</sup> COSTA, Alcilia Afonso de Albuquerque. A produção arquitetônica moderna dos primeiros discípulos de uma Escola. Vitruvius. São Paulo, jul. 2008, ano 09, n. 098.05, p. 10-22.

<sup>11</sup> Ivan Britto viria a compor a delegação do IAB-CE que participou do evento.

Quase todos os contemporâneos de Ivan Britto na capital cearense foram graduados no Rio de Janeiro. Foram eles José Liberal de Castro, José Neudson Bandeira Braga, Kepler Pompeu, Marcos Vinícios Studart, Luis Aragão, Enéas Botelho e Marrocos Aragão. Britto foi um dos únicos do grupo pioneiro egresso da Escola de Pernambuco, juntamente com José Armando Farias, graduado em 1951, mesmo ano em que iniciou os estudos na Belas Artes. Armando Farias tornou-se um companheiro de jornadas profissionais, acadêmicas e até familiares. Atuaram em parceria em projetos, dividiram um mesmo espaço de trabalho no centro de Fortaleza. Inclusive há registros que localizam nesse escritório a histórica reunião de criação do departamento do Ceará do IAB. A prematura morte de Armando Farias interrompeu sua profícua trajetória. Britto seguiu com sua produção individual, entre os projetos particulares e institucionais, estabelecendo contato mais próximo com os colegas integrantes do grupo acadêmico, principalmente Liberal de Castro e Neudson Braga.

---

## 1.2 A UFC e a Escola de Arquitetura como *locus* modernista

A Universidade Federal do Ceará (UFC) surgiu no advento dos ares modernizantes da capital no ano de 1955, mesmo ano em que Ivan Britto graduou-se em Recife. Alguns cursos de formação superior já haviam sido instalados no Estado, tais como o de Direito (1903), a Faculdade de Farmácia e Odontologia (1916), o de Agronomia (1918) e a Faculdade de Medicina (1948) antes da fundação da própria UFC. A primeira Reitoria foi montada provisoriamente em uma sala no pavimento térreo da Faculdade de Direito, onde foi oficialmente instalada em 16 de junho de 1955<sup>12</sup>. A Universidade passou a ter uma sede efetiva quatro meses depois, quando foi acomodada em um bangalô em frente à Praça Clovis Bevilacqua a apenas cem metros da Faculdade de Direito. Contudo, em breve ela iria se transferir dali, como descreve o próprio Antônio Martins Filho, primeiro reitor da Universidade:

---

<sup>12</sup> A solenidade contou com a presença do governador do Estado Paulo Sarasate e do professor Jurandyr Lodi, Diretor do Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura, que em nome do Presidente da República Café Filho declarou instalada a Universidade do Ceará, atual Universidade Federal do Ceará.

Ali iríamos permanecer somente um semestre, pois que, em abril de 1956, já se tornou possível adquirir, da Imobiliária José Gentil S.A., a propriedade onde hoje está instalada a Reitoria no Benfica. A primeira sede da Reitoria teve para nós uma alta significação, porque ali, num ambiente de extrema simplicidade, foram tomadas importantes decisões para a segura e definitiva implantação da Universidade. (MARTINS FILHO, 1996, p. 42)

A nova universidade ainda em busca de instalações adequadas e definitivas, através do Reitor Antônio Martins Filho demonstrou interesse pelo solar da família Gentil e outras propriedades adjacentes, colocadas em disponibilidade.

Assim, com apenas um ano de funcionamento a Reitoria da universidade já estava instalada definitivamente em um imóvel próprio, localizado em uma região relativamente próxima ao centro histórico da cidade, mas distante da sua agitação. A região era bastante arborizada, possuía um clima agradável e, conforme os objetivos previamente traçados, compreendia suficiente área livre para expansões futuras. O local foi apropriadamente selecionado para a instalação da Reitoria e o seu campus<sup>13</sup>, com planos já definidos para sua ampliação. Com a

---

<sup>13</sup> A aquisição formalizou-se em 1956 ao preço “justo e certo de cinco milhões de cruzeiros”. (MARTINS FILHO, 1996, p. 58). A inauguração da sede da Reitoria ocorreu no dia 25 de junho de 1956.

chegada da academia o bairro inicia a sua vertente cultural e passa a estabelecer uma imagem de vanguardismo, de juventude e de intelectualidade. A universidade englobou os cursos e faculdades já existentes, ampliaram-se os seus serviços e sua estrutura organizacional e firmou-se como uma instituição consciente de sua importância e do seu papel no desenvolvimento da sociedade cearense.

Fortaleza já sentia as transformações tecnológicas advindas do início do século XX, como a industrialização dos processos construtivos e o emprego de novos materiais, fatos que repercutiram com intensidade nas relações sociais e econômicas, na apropriação do espaço nas cidades e nas concepções arquitetônicas. Segundo Reis Filho (1973, p.88),

O período que se inicia por volta de 1940, com a Segunda Guerra Mundial, e que nos traz até 1960, com o plano de Brasília, compreende a fase de mais intensa industrialização e urbanização da história do País. Ocorre então um vertiginoso avanço técnico e econômico, acompanhado de profundas transformações sociais. A ele corresponde também a eclosão do movimento contemporâneo de arquitetura, cujas primeiras manifestações poderiam ser recuadas até a Semana de Arte Moderna de 1922 em São Paulo, mas que aguardava as oportunidades adequadas à sua expansão.

A UFC passa assim a atuar como centro de discussão, de difusão das novas ideias e das ações de modernização da capital, tendo como foco o campus do Benfica, profundamente marcado pela efervescência cultural, pela irradiação permanente do conhecimento, pelo irrequieto espírito universitário e pela singularidade da nova Arquitetura que caracterizaria estrategicamente as suas edificações.

O tema é comentado por Taralli e Campello (2007, p. 8) para o DOCOMOMO segundo os pesquisadores:

Estes projetos orientaram a produção arquitetônica dos edifícios da UFC a partir de 1960, posteriormente retomados na década de 70, respondendo ao projeto do Governo para a modernização das universidades brasileiras fundamentadas na Reforma Universitária de 1968, que explicitava a racionalização, expansão, a flexibilidade, a integração e a autonomia do ensino superior. Estes preceitos encontraram correspondência direta no racionalismo-funcionalista do Movimento Moderno da arquitetura brasileira, sendo adotados na concepção arquitetônica das edificações do *campus* da UFC deste período, constituindo até hoje, um ambiente construído de valor arquitetônico significativo para a instituição e a cidade.

Em 1964 aconteceu um movimento no sentido de fomentar a criação de uma Escola de Arquitetura e Urbanismo no Estado do Ceará.

**Fig. 10 – Presidente Castelo Branco desamarra a fita Simbólica da inauguração da Escola de Arquitetura**



Fonte: Acervo MAUC

As discussões sobre o assunto aconteceram em meio às profundas mudanças que ocorreram na política nacional, com a tomada do poder pelos militares. No entanto tiveram sequência. Tanto é que em 26 de dezembro o Presidente da República investido pelo governo de exceção o cearense Marechal Humberto de Alencar Castello Branco declarou oficialmente instalada a Escola de Arquitetura e Urbanismo na UFC, em solenidade acontecida na Reitoria.

O curso já estaria em pleno funcionamento no ano seguinte, sob a direção do arquiteto Hélio de Queiroz Duarte<sup>14</sup>. Logo foi formado um grupo de arquitetos que deu suporte à criação do curso. Entre esses profissionais estavam Liberal de Castro, Neudson Braga, José Armando Farias e Ivan Britto. Esses profissionais se desincumbiram da árdua tarefa de fazer funcionar o curso de Arquitetura e Urbanismo funcionar imediatamente. Ao mesmo tempo, foram incorporados ao Departamento de Obras e Planejamento da UFC, através do qual projetaram diversas edificações para atender à implantação e expansão da Universidade. Conforme citam Juca Neto, Fernandes, Nascimento et al (2009, p. 5)

---

<sup>14</sup> O arquiteto Hélio Duarte, Professor Catedrático da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, foi designado especialmente pelo Reitor Antônio Martins Filho.

**Fig. 11 – Reitor Antonio Martins Filho com os jovens professores no pátio da Escola de Arquitetura. Da esquerda para a direita: Liberal de Castro, Ivan Britto, Neudson Braga e outro não identificado**



Fonte: Acervo Ivan Britto

Em meados da década de 1950, jovens arquitetos cearenses, recentemente diplomados, voltam à terra natal com o compromisso de aplicar as novas práticas profissionais e os novos métodos de trabalho. Formados no Rio de Janeiro e em Recife, trazem o debate sobre a arquitetura e o urbanismo modernos praticados naqueles centros.

Na década de 1960, segundo dados do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010)<sup>15</sup>, Fortaleza já contava com uma população em torno de 514.818 habitantes. A cidade iniciava então um processo acelerado de aumento populacional, uma sociedade que adotava os benefícios e os conflitos trazidos pelos avanços tecnológicos, que exigia melhor infraestrutura urbana, que passava a atrair cada vez mais famílias em busca de melhorias de condições de vida.

Em 1961 surge o primeiro local destinado exclusivamente a acolher estudantes da universidade em um prédio alugado na Praça Clóvis Bevilacqua. Surgiu depois o Clube Estudantil Universitário, que tratava de uma forma mais ampla das questões estudantis. A edificação

<sup>15</sup> Entre as décadas de 50 e 60, a população de Fortaleza registrou um crescimento em torno de 90%, passando de 270.169 hab. para os 514.818 hab. citados. População nos Censos Demográficos, segundo os municípios das capitais, 1872-2010. IBGE (2010).

de dois pavimentos situava-se na Avenida da Universidade (antiga Visconde de Cauípe). No térreo funcionava o restaurante universitário, a Divisão de Assistência ao Estudante e o serviço médico no primeiro pavimento, e os apartamentos dos estudantes junto ao Diretório Central dos Estudantes (DCE) no segundo andar.

Com a tomada do poder pelos militares em 1964, houve a dissolução do DCE e a Universidade instala a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE). Nesse sentido, o Reitor Antônio Martins Filho propõe a criação de um local específico para receber e abrigar estudantes do interior que chegavam à capital e ingressavam na universidade. A tarefa de projetar o edifício da residência universitária é destinada a Britto, que trabalha no escritório técnico do Departamento de Obras e Planejamento instalado em uma das alas recém-construídas da Reitoria, com um grupo de desenhistas e projetistas envolvidos diuturnamente no trabalho, inclusive sábados e domingos. A edificação integrou um ambicioso conjunto de obras programadas para serem entregues à comunidade acadêmica no primeiro semestre de 1965, ano em que a Universidade completou dez anos de funcionamento. Na programação de inaugurações estava incluído o prédio reservado ao Museu de Arte, o prédio provisório da Escola de Arquitetura e Urbanismo, o edifício-sede

da Escola de Engenharia (atual Curso da Ciência da Informação e Comunicação Social) e a edificação que abrigaria a Imprensa Universitária, além de obras na Casa José de Alencar e na própria Reitoria. Seguindo uma linha de prioridades, a Residência Universitária 125<sup>16</sup> foi inaugurada apenas em janeiro de 1966. A edificação passou a integrar o Campus do Benfica, tendo importante papel na consolidação do circuito cultural do bairro, reforçado pelas outras unidades da universidade, pela constante presença e apropriação dos espaços urbanos por parte dos estudantes, professores e profissionais liberais.

Atualmente a UFC possui 14 residências universitárias<sup>17</sup> que oferecem ao todo 458 vagas para estudantes matriculados em qualquer curso de graduação, oriundos de outras cidades cearenses ou mesmo de outros Estados que, comprovadamente, não tem condições financeiras de arcar com os custos de estadia na cidade para completar os seus estudos acadêmicos. O processo de seleção e a análise socioeconômica é responsabilidade da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE). O

---

<sup>16</sup> Assim denominada por conta do endereço. Está localizada na Rua Paulino Nogueira, 125, no campus do Benfica. As outras edificações também adotam o mesmo sistema.

<sup>17</sup> São ao todo 14 residências: 13 localizadas no Benfica e 1 no campus do Pici, inaugurada em 2012. Dessas unidades, 9 são masculinas, 3 são femininas e 1 é mista.

aluno concorrente à vaga passa por entrevista, visita técnica dos avaliadores do Programa e a participa de um seminário, no qual são tratados assuntos relacionados aos direitos, deveres, convivência e regras de coletividade. A UFC arca com todos os custos de manutenção dessas edificações.

**Fig. 12 – Situação da Residência Universitária no bairro Gentilândia. Na legenda: 1. Reitoria / 2. Concha Acústica / 3. Museu de Arte / 4. Escola de Arquitetura e Urbanismo / 5. Imprensa Universitária / 6. Pró-Reitoria de Extensão / 7. Institutos Básicos / 8. Casas de Cultura**



Fonte: Intervenção do autor em imagem do Google Earth (2014)

A criação da universidade foi fundamental para a sedimentação dos ideais modernizantes na capital cearense. Ela já nasceu sob a égide vanguardista das novas concepções. Tornou-se um porto seguro e confiável para a sociedade, o aval necessário e conveniente para a concretização das ações modernizadoras, a ruptura com o passado provinciano. A arquitetura pelo seu caráter material expressou, não apenas conceitualmente, mas de forma concreta e espacial os valores de uma nova era. Não houve assim nenhum conflito de ideias, nenhuma reação tradicionalista, pois que a modernidade estava inexoravelmente impregnada na gênese da instituição, modelo a ser seguido dali para frente. Conforme atesta Zein (2001, p. 37),

A Arquitetura moderna sempre se caracterizou por sua intenção "exemplar", pelo didatismo; os grandes mestres pioneiros foram, além de arquitetos, professores e divulgadores das novas concepções. Dessa maneira cada obra dos pioneiros da modernidade tendia a não bastar-se, mas igualmente visava reforçar uma atitude de explicitação clara dos novos valores, chegando às vezes ao panfletarismo. E por muito tempo essa foi uma importante herança incorporada a quaisquer manifestações arquitetônicas do século 20.

---

### **1.3 O IAB e o CREA:** *cultura e política profissional*

O Instituto de Arquitetos do Brasil é a única entidade representativa dos arquitetos presente em todos os estados brasileiros, fato que denota o seu caráter federativo. A primeira unidade foi fundada no Rio de Janeiro no longínquo dia 26 de janeiro de 1921, na Escola Nacional de Belas Artes sob a denominação de Instituto Brasileiro de Architectura, tendo sido o arquiteto Adolfo Morales de Los Rios o seu primeiro presidente. A sua fundação ocorre, portanto anteriormente à Semana Modernista em São Paulo. No Instituto surgem logo os embates entre os modernistas e os neocolonialistas. Até que com a presidência de Nestor Egidio de Figueiredo em 1931, ascende ao poder a corrente modernista, determinante para que a entidade assuma a defesa da nova arquitetura. Em 1934 adota a denominação atual e a sigla IAB.

Em meados do século XX mais precisamente em 18 de abril de 1957, é fundado o Departamento do Ceará do Instituto de Arquitetos do Brasil, por um grupo de profissionais formados nas escolas de Belas Artes do Rio de Janeiro e de Recife. Vários deles são cearenses que se graduaram fora do Estado e retornaram a capital trazendo as arejadas

ideias modernistas que representavam uma nova mentalidade mais adequada ao espírito renovador pós-guerra e a construção de uma nação que se pretendia evoluída e progressista. Integraram esse grupo os arquitetos Ivan da Silva Britto, José Liberal de Castro, Luis de Carvalho Aragão, José Armando de Farias, Roberto José Villar Ribeiro e Grijalva Costa Filho<sup>18</sup>. Participavam também Enéas Botelho e Marcos Vinicio Braga Studart. Em seguida chegaram Neudson Braga e Kepler Pompeu. Vários deles integraram a primeira turma de docentes da Escola de Arquitetura da UFC.

Oito desses profissionais reunidos no escritório de Ivan Britto e José Armando Farias fundaram a Delegacia em 1957. Kepler Pompeu foi eleito o primeiro presidente do IAB-CE já transformado em departamento em 1963, por força do estatuto da entidade, que previa o mínimo de 20 associados para a transformação da sua condição original de delegacia. Assim a arquitetura passa a ter um órgão representativo na sociedade cearense, cuja ação imediata é polarizar as discussões acerca das inúmeras vertentes de crescimento da capital, na caracterização morfológica da cidade e na tipologia das novas edificações. A entidade passaria a exercer uma forte influência nas

---

<sup>18</sup> Desse grupo de pioneiros apenas Ivan Britto e José Liberal de Castro encontram-se vivos.

discussões acerca das questões urbanas na cidade. Discussões essas que tratavam simultaneamente da organização e implantação da profissão no Estado, de sua política profissional e do debate da produção intelectual dos profissionais em atuação. O IAB-CE foi um dos únicos departamentos instalados que enviou delegação ao V Congresso Brasileiro de Arquitetos (CBA) em 1957 na cidade do Recife, da qual participaram Ivan Britto e os arquitetos José Liberal de Castro e José Armando de Farias. Além dos cearenses e do grupo pernambucano, apenas o IAB-SP participou com a presença de Vilanova Artigas e Luis Saia. Com a continuação de uma atuação bastante efetiva na entidade, Britto foi eleito para a presidência do IAB-CE no biênio entre 1968 e 1969.

Após esse período Britto passa a atuar mais diretamente nas discussões profissionais no âmbito do multifacetado Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA), que havia se instalado do Ceará desde o ano de 1934, implantado pela política trabalhista de Vargas<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> O Sistema CONFEA/CREA's com o objetivo de regulamentar as profissões de engenheiro, arquiteto e agrimensor foi criado pelo Decreto Federal de 11 de dezembro de 1933. Em abril de 1934 foi implantada pela Resolução no. 2 o CREA-PE, como sede da 2ª. Região, que integrava os estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. O CREA-CE foi criado apenas em 17 de janeiro de 1936.

**Fig. 13 – Ivan Britto no VII CBA em Belo Horizonte representando o IAB-CE. É o segundo da esquerda para a direita**



Fonte: Arquivo Ivan Britto

**Fig. 14 - Ivan Britto em evento promovido pelo CREA acompanhado de sua esposa Gilvanete Britto**



Fonte: Arquivo Ivan Britto

Ivan Britto foi conselheiro do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia nos anos de 1971, 1972 e 1973, representando o IAB-CE. Seguiu sua participação no Conselho como vice-presidente em 1974 e 1975. Depois foi eleito para a presidência do CREA-CE para o mandato de 1976 a 1978.

## **Capítulo II:** *A prática projetual*

O capítulo irá apresentar uma série de projetos desenvolvidos por Ivan Britto por todo o período delimitado pela pesquisa. Esses dados são provenientes dos arquivos mantidos em seu escritório particular, em informações emitidas pelo próprio arquiteto e nas Anotações de Responsabilidade Técnica (ART's) emitidas no então órgão regulador e fiscalizador do exercício profissional, o Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA-CE)<sup>20</sup>.

### **2.1 Inventário e catalogação de projetos**

A listagem foi a base de dados para a elaboração de um fichamento dos projetos realizados pela equipe do grupo de pesquisa da

---

<sup>20</sup> Em 30 de dezembro de 2010 o Presidente da República Luis Inácio Lula da Silva sancionou a Lei 12.378 que criou o Conselho de Arquitetura e Urbanismo – CAU, que foi o marco legal da saída dos arquitetos do Sistema CREA-CONFEA. O CREA fundado em 1933 naquela época ainda regulamentava e fiscalizava o exercício da profissão no país.

UNIFOR. Esse trabalho não atingiu a sua plenitude pela mais absoluta falta de informações de alguns projetos, apenas citados no arquivo de Britto, mas que necessitariam de um aprofundamento na busca de dados, na consulta de outros registros, tais como contratos, atualização de cadastro imobiliário, de cruzamento de dados e até mesmo de entrevistas com clientes e parentes.

Nos arquivos particulares de Britto os projetos estão distribuídos de duas maneiras. A primeira consta de fichário organizado em ordem alfabética, que contempla registros de sua atividade profissional, desde estudos, levantamentos, avaliações, estudos preliminares, anteprojetos, consultas aos projetos executados. Em combinação com as fichas há um arquivo vertical onde constam as pastas suspensas contendo desenhos, notas, levantamentos, impressões, croquis dos projetos. As pastas estão dispostas por ordem do ano de concepção. Mesmo com essas facilidades, esbarrou-se inúmeras vezes na própria dificuldade do arquiteto em rememorar suas passagens profissionais. A pesquisa ocorreu num constante intercâmbio entre esses dados iconográficos e suas conexões com as informações orais. Posteriormente, ocorreu a seleção dos projetos mais destacáveis da sua produção intelectual.

**Fig. 15 – Escritório do arquiteto montado atualmente em sua residência**



Fonte: Acervo do autor (2014)

Seguem algumas imagens captadas durante a pesquisa no escritório do arquiteto.

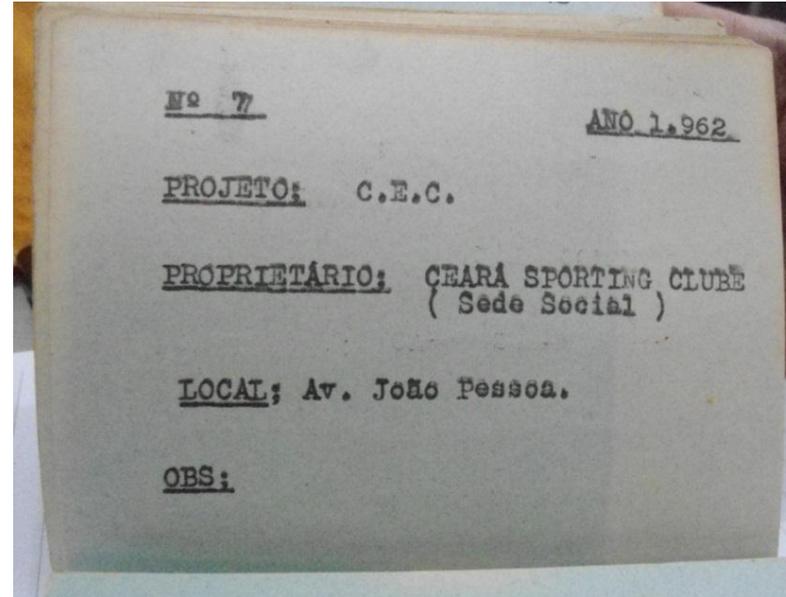
Britto procurou manter uma série de registros durante o período produtivo, por ele mesmo atualizado. Verificamos o seu comportamento meticuloso e a adoção de métodos organizacionais demonstrados pela preocupação em padronizar as informações, dados e documentos. Essa atitude assinala uma profunda redundância entre as suas atitudes pessoais, o caráter das suas ações com o método rigoroso aplicado em suas concepções arquitetônicas. Ainda assim há vários dados ausentes ou incompletos que comprometem a localização, a determinação das condições de contratação e de execução do projeto ou mesmo do nome do contratante. Após uma revisão conjunta pudemos reorganizar uma lista com os projetos em ordem temporal a partir de 1956.

**Fig. 16 – Fichário contém parte da sua produção**



Fonte: Acervo do autor (2013)

**Fig. 17 – Ficha arquivada por ordem alfabética contém dados dos projetos**



Fonte: Acervo do autor (2013)

Segue a lista, com as hachuras destacando os projetos por ano de concepção, segundo as fichas do arquiteto.

**Tabela 1 – Lista de projetos do arquiteto Ivan Britto**

Ano	Projeto	Local
1956	Clube Iracema	Fortaleza-CE
1956	Clube de Jaguaribe	Jaguaribe-CE
1958	Instituto de Anatomia e Medicina Legal	Fortaleza-CE
1958	Conjunto residencial Banco Lar Brasileiro S.A.	Fortaleza-CE
1959	Conjunto residencial Banco Lar Brasileiro S.A.	Recife-CE
1959	Balneário Cedro Clube	Cedro-CE
1959	Clube dos Engenheiros do Ceará	Fortaleza-CE
1962	Riviera Iate Clube	Aquiraz-CE
1962	Sede social do Ceará Sporting Club	Fortaleza-CE
1962	Residência Universitária da Universidade Federal do Ceará – UFC	Fortaleza-CE
1962	Fábrica de Madeiras Prensadas Polítese S/A	Juazeiro do Norte-CE
1962	Indústria de Cimento	Barbalha-CE
1962	Sede Social do Clube de Regatas Antônio Bezerra – CRAB	Fortaleza-CE
1963	Prefeitura Municipal	Juazeiro do Norte-CE
1963	Indústria Politex S.A. Ind. e Com.	Juazeiro do Norte-CE
1963	Indústria Cerâmica do Cariri S. A. (CECASA)	Juazeiro do Norte-CE
1963	Indústria Eletromáquinas S. A.	Juazeiro do Norte-CE
1963	Indústria de Moagens do Cariri S. A. (IMOCASA)	Crato-CE
1963	Faculdade de Filosofia-Benfica	Fortaleza-CE

**Tabela 1 – Lista de projetos do arquiteto Ivan Britto**

Ano	Projeto	Local
1964	Hotel da Rede Ferroviária Federal / Rede Viação Cearense (RFFSA/RVC)	Cratúis-CE
1964	Seminário Diocesano*	Parnaíba-PI
1964	Remanso Hotel de Praia e Hotel de Serra*	Guaramiranga-CE
1965	Usina Beneficente de Leite da empresa CILA	Fortaleza-CE
1965	Sede Social do Circulo Militar de Fortaleza	Fortaleza-CE
1966	Sede da APESC*	Fortaleza-CE
1966	Maternidade Fund. São Sebastião	Pedra Branca-CE
1967	Indústria A. Silva Com. e Ind. S.A. (ASCISA) Distrito Industrial	Fortaleza-CE
1967	Fábrica Cearense de Papel	Fortaleza-CE
1967	Centro Social da Fundação São Sebastião	Fortaleza-CE
1967	Conjunto Residencial pertencente ao Sr. Manoel Martins Lopes*	Fortaleza-CE
1967	Conjunto Residencial pertencente ao Banco Lar Brasileiro S.A.*	Fortaleza-CE
1967	Centro Comercial*	Fortaleza-CE
1967	Cia. de Fiação de Tecidos Ernesto Deocleciano	Sobral-CE
1968	Dois conjuntos residenciais da COHTRACE	Fortaleza-CE
1969	Penitenciária Agroindustrial do Ceará – Paulo Sarasate	Fortaleza-CE
1970	Beija-Flor Clube Infantil	Fortaleza-CE
1970	Indústria de queijos, iogurtes e sorvetes da CILA	Fortaleza-CE
1970	Estádio Plácido Castelo, o “Castelão”	Fortaleza-CE
1970	Concurso Banco do Brasil	Caxias-RS
1970	Restaurante Clube Líbano	Fortaleza-CE

\* Projetos não edificados

Ano	Projeto	Local
1972	Prédios (garagem e anexos) da ECT	Fortaleza-CE
1972	Novas instalações do IBEU	Fortaleza-CE
1972	Loteamento de propriedade de Dona Maria de Lourdes Rizzatto	Fortaleza-CE
1972	Novas instalações do Banco do Ceará	Fortaleza-CE
1972	Faculdade de Veterinária - Itapery	Fortaleza-CE
1973	Colônia de Férias da APESC, denominada Cidade do Sol*	Fortaleza-CE
1973	Escola profissional do SENAI	Sobral-CE
1974	Prédio da Casa da Amizade do Rotary Clube*	Fortaleza-CE
1977	Ampliação da Sede do Clube de Regatas Barra do Ceará	Fortaleza-CE
1978	Colônia de Férias da APESC	Fortaleza-CE
* Projetos não edificadas		

Fonte: Currículo e dados das fichas do arquivo Ivan Britto (2015)

Além dos projetos listados há o registro de várias atividades profissionais afins, tais como avaliações de imóveis, participação em comissões de concorrências e perícias para questões judiciais em Fortaleza e cidades do interior do estado. Estão citados de forma mais genérica em seu currículo cerca de quinze projetos para edifícios de apartamentos em Fortaleza e cerca de sessenta projetos residências unifamiliares em Fortaleza, Sobral e Crato. Várias dessas residências já

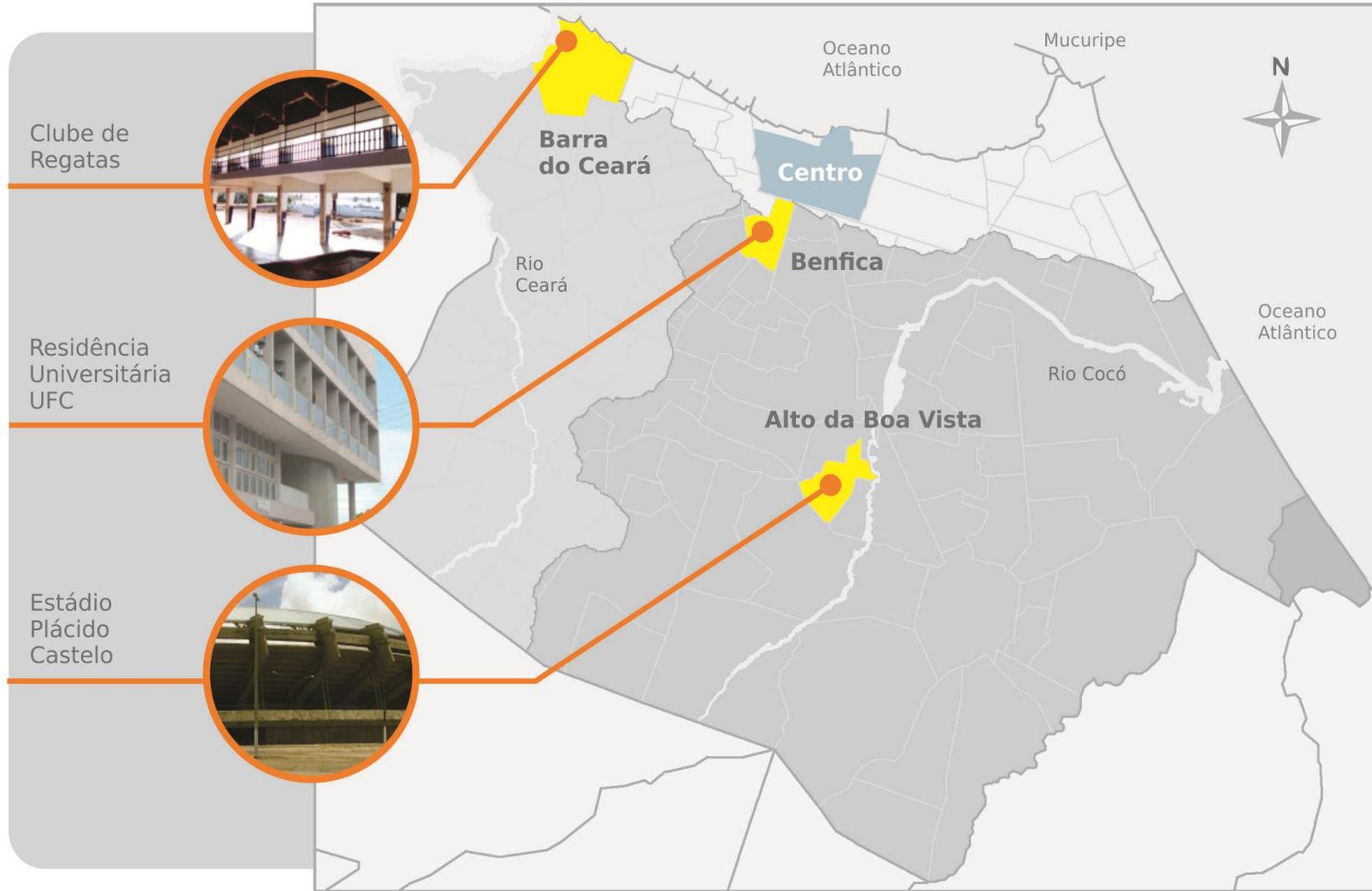
estão demolidas por estarem localizadas em zona de alto interesse especulativo e imobiliário. Há um período bastante produtivo, com uma produção diluída pela capital e entre localidades interioranas. As demandas surgiram com os mais variados programas: de residências (unifamiliares, multifamiliares e conjuntos), clubes, indústrias e até uma penitenciária. As solicitações vinham de inúmeras origens distintas, os arquitetos eram poucos e atendiam uma vasta clientela. Alguns clientes de Britto são bastante ativos e recorrentes, como a família Rizzato, a Imobiliária J. Carneiro, o Banco Lar Brasileiro, a companhia de laticínios CILA e a cooperativa COHTRACE. Necessário será o devido aprofundamento na pesquisa e catalogação de sua produção, visto que é evidente o sincronismo dos projetos e as transformações sociais e econômicas que ocorriam no estado. Sem dúvida a arquitetura do cotidiano, do pequeno programa e das intervenções silenciosas surgem em maior número, nem por isso são menos meritorias de conhecimento. Poucas são as oportunidades na trajetória de um arquiteto em participar de projetos de referência como o Estádio Castelão. Britto ao transpor para as suas concepções de qualquer porte a sua *expertise* profissional sintonizada com a sua visão do mundo fundamentada na formação funcionalista revela sua integridade histórica.

## **PARTE II - Os projetos:** *uma produção referenciada*

Foram destacados da sua produção três projetos referenciais, os quais receberam mais ampla profundidade de análise, que serão apresentadas nos próximos capítulos. São os seguintes:

- A Residência Universitária (REU) da Universidade Federal do Ceará no campus do Benfica;
  
- O Clube de Regatas Antônio Bezerra (CRAB), mas conhecido somente como Clube de Regatas, localizado na Barra do Rio Ceará;
  
- O Estádio Plácido Castelo, mais conhecido como Castelão, no bairro do Alto da Boa Vista.

**Fig. 18 – Mapa de Fortaleza com a localização das obras selecionadas para estudo referenciado**



Fonte: intervenção do autor sobre mapa das bacias hidrográficas de Fortaleza (PDDU-For)

Estes projetos constituirão os próximos três capítulos da dissertação. Foi feita uma análise macro de cada um com base nos levantamentos de dados sobre as origens dos projetos, sua implantação, um breve histórico do local, inserção no contexto urbano, os condicionantes geográficos e ambientais. Do ponto de vista da edificação, naturalmente, é o projeto arquitetônico que referencia a análise desenvolvida através sua construção ideológica e seus resultantes formais. Foram observados os materiais, os acabamentos, as especificações, a técnica construtiva, a distribuição dos ambientes, as circulações e fluxos, os acessos, as conexões sócio espaciais, as relações programáticas e a sua espacialização, assim como as questões que envolvem a volumetria, os cheios e vazios, a lógica estrutural, a distribuição dos planos horizontais e verticais, enfim, itens que caracterizam as obras e determinam a sua relevância na historiografia da Arquitetura Moderna no estado do Ceará.

A pesquisa acerca das obras selecionadas tem como foco o reconhecimento do pensamento modernista de Britto, exposto nas soluções projetuais materializadas. Não se propõe a esgotar a amplitude de variáveis contidas numa crítica referenciada. Seria uma tarefa bastante pretensiosa que, muito provavelmente, geraria um estudo

fragmentado, desconexo e descontínuo, não por uma fragilidade da avaliação em si, mas pela multiplicidade de visões, pelas alternativas de caminhos, em quantidade muito superior às possibilidades dessa pesquisa. Conforme alerta Zein (2011, p. 8-9), seria uma “façanha filosoficamente impossível, qualquer tentativa de se compreender qualquer obra de arquitetura em sua plenitude”. Ela ainda reforça a sua visão quando afirma que

Um trabalho desse tipo é, por definição, interminável. Mas pode chegar a ser suficiente: não porque se tenha esgotado o conhecimento da obra, mas porque foram atingidas as metas, que quem a estuda, se propôs alcançar. Não porque se chegou na verdade, mas porque já é possível ensaiar uma resposta plausível, que agora convém expor a uma comunidade mais ampla; pois, ao ser debatida nessa comunidade, dita acadêmica, o debate nos ajudará a aperfeiçoarmos nosso processo reconhecimento crítico, nossas ideias e nossas conclusões.

São vários os autores que fizeram as suas reflexões no sentido de entender as manifestações determinantes do mundo moderno e aplicá-las à nova arquitetura. De uma forma mais ampla os princípios

gerais conformados nos cinco pontos determinados por Le Corbusier<sup>21</sup> em 1920 constituem-se na principal referência ao tratar-se da caracterização dos projetos modernistas e transformaram-se em cânones da nova arquitetura. São eles: a franqueza da *planta livre*, determinada pela versatilidade do posicionamento dos planos internos divisórios de ambientes, permitido pela independência entre a estrutura e os planos de vedação; a liberdade da *fachada livre*, gerada pelas possibilidades advindas da separação da estrutura na composição formal dos planos exteriores; a existência de *janelas em fita* (do francês *fenêtre en longuer*), permitindo amplas aberturas compostas e maior integração entre interior e exterior nos pavimentos; o uso de *pilotis*, liberando o espaço do térreo para o uso público ao elevar o nível do primeiro piso da edificação e o *terraço-jardim*, que proporciona utilização do espaço anteriormente ocupado pela estrutura de cobertura. Esses itens foram largamente utilizados pelos arquitetos modernistas, sendo observados nas análises dos projetos selecionados.

Outros autores dessa fase umbilical do modernismo na arquitetura também dedicaram suas reflexões no sentido de determinar

---

<sup>21</sup> Foram divulgados pela revista francesa *L'Esprit Nouveau* em 1926, criada em 1920 pelo próprio Charles Edouard Jeanneret e o pintor Amédée Ozenfant. Apenas com a publicação do livro *Vers une Architecture* em 1923 começou a assinar Le Corbusier.

características formais ao movimento. No Brasil, os primeiros arquitetos ao assumir o ideário modernista manifestaram o seu pensamento nessa fase pioneira, formulando textos e escritos que influenciariam as próximas gerações. Gregori Warchavchik, Rino Levi e Lucio Costa deixaram importantes documentos, norteadores para as definições projetuais, em todos os usos e tipologias arquitetônicas do século XX. São conceitos, características e condutas que atenderão tanto o processo de projeção como os procedimentos de identificação e análise de edificações, monumentos e intervenções urbanas que se pretendam modernas. O caráter universal dessas considerações transcendem o tempo e o espaço, prestando-se ao estudo do modernismo arquitetônico em várias situações distintas, seja no Ceará, em Pernambuco, em São Paulo, Minas Gerais, nas capitais ou nas cidades interioranas, litoral ou sertão. Lemos (1979, p. 135) afirma que:

[...] A década dos anos 20 terminou já tendo havido alguns fatos que viriam a influir na formação dos primeiros e raros adeptos da arquitetura moderna então praticada na Europa [...], atestando a chegada dos postulados de Le Corbusier, através desses personagens fundamentais na implantação das novas ideias.

O arquiteto russo Gregori Warchavchik<sup>22</sup> chegou ao Brasil em 1923, trazendo os conceitos racionalistas e funcionalistas europeus. Lançou *Acerca da Arquitetura Moderna* em 1925, um artigo originalmente escrito em italiano intitulado *Futurismo* no jornal *Il Piccolo*, no qual reproduzia os postulados corbusianos, a racionalização e a economia da construção, ao passo que enaltecia as mudanças dos novos tempos.

Construir uma casa a mais cômoda e barata possível, eis o que deve preocupar o arquiteto construtor da nossa época de pequeno capitalismo, onde a questão de economia predomina sobre todas as mais. A beleza da fachada tem que resultar da racionalidade do plano da disposição interior, como a forma da máquina é determinada pelo mecanismo que é a sua alma. O arquiteto moderno deve amar sua época, com todas as suas grandes manifestações do espírito humano, como a arte do pintor moderno ou poeta moderno deve conhecer a vida de todas as camadas da sociedade. Tomando por base o material de construção de que dispomos, estudando-o e conhecendo-o como os velhos mestres conheciam sua pedra, não receando exibi-lo no seu melhor aspecto do ponto de vista de estética, fazendo refletir em suas obras as ideias do nosso tempo, a nossa lógica, o arquiteto moderno saberá comunicar à arquitetura um cunho

---

<sup>22</sup> Gregori Ilych Warchavchik (1896-1972), arquiteto de origem russa, nascido em Odessa, formado pelo Instituto Superior de Belas Artes de Roma em 1920. Chegou ao Brasil contratado pela "maior construtora do país, a Companhia Construtora de Santos" (BRUAND, 2003, p. 64). Roberto Simonsen, proprietário da empresa, era um dos poucos assinantes brasileiros da revista *L'Esprit Nouveau*, dirigida por Le Corbusier.

original, cunho nosso, o qual será talvez tão diferente do clássico como este o é do gótico. Abaixo as decorações absurdas e viva a construção lógica, eis a divisa que deve ser adotada pelo arquiteto moderno. (WARCHAVCHIK, 2003, p. 18)

No mesmo ano em 18 de outubro, outro importante personagem, Rino Levi<sup>23</sup> também publicara, as suas considerações sobre as mudanças que aconteciam na Europa e as consequências nas cidades e na arquitetura brasileiras. Em *Arquitetura e Estética das Cidades* tratou do espírito novo que já o influenciava e vários dos seus colegas estudantes da *Scuola Superiori de Architettura de Roma*. Lá foi aluno de Marcello Piacentini<sup>24</sup>, um dos principais difusores do pensamento de Le Corbusier, Mies e Gropius. No texto Levi (2003, p. 38) anunciou o novo

---

<sup>23</sup> Rino Levi (1901-1965), filho de imigrantes italianos, arquiteto paulista, formado em Roma. No ano de 1925, no quarto ano de sua formação, publicou o texto no jornal O Estado de São Paulo. Assim como Warchavchik trabalhou na Companhia Construtora Santos. Projetou o primeiro condomínio de apartamentos em São Paulo, o Edifício Columbus (1934). Foi um dos artífices da constituição do IAB em São Paulo em 1943. Em 1946 venceu o concurso para a sede do instituto. Com intensa atividade institucional, participa do 1º. Congresso Brasileiro de Arquitetos (1945) e tornou-se membro do CIAM.

<sup>24</sup> Marcello Piacentini (1881-1960) foi um dos mais assíduos colaboradores da revista italiana *Architettura e Arti Decorative*, destacado veículo que repercutiu os ideais modernistas na década de 1920 na Europa. Na *Scuola Superiori de Architettura*, Piacentini implantou uma disciplina de nome *Edilizia Citadina ed Arti dei Giardini*, que estudava o exercício do projeto urbanístico e suas relações com a arquitetura. Apesar do contato com o ideário modernista, manteve-se numa linha clássica, enfático na monumentalidade e o aspecto cívico da arquitetura. Assim, fez vários trabalhos no período hegemônico fascista de Mussolini, sendo rotulado como o *architetto dei regime*. Foi professor de Warchavchik, Levi e Lina Bo. Desenvolveu projetos no Brasil para o Conde Francisco Matarazzo em São Paulo e um estudo para a Cidade Universitária do Rio de Janeiro em 1938, a convite do governo varguista, que não foi executado.

espírito que dominava as cabeças mais progressistas, que resvalavam na construção sob a forma de

[...] praticidade e economia, arquitetura de volumes, linhas simples e poucos elementos decorativos, mas sinceros e bem em destaque, nada de mascarar a estrutura do edifício para conseguir efeitos que, no mais das vezes são desproporcionados ao fim, e que constituem sempre uma coisa falsa e artificial.

Defendeu o aprimoramento técnico e profissional como recurso fundamental para o enfrentamento dos novos tempos. Ao demonstrar preocupação com a adesão ao movimento internacional, Levi (2003) já afirmava que apesar de ser preciso estudar o que se está fazendo no exterior em termos de estética, ela deve ser realizada com "alma brasileira", já que nosso clima, natureza e costumes são diferenciados daqueles da Europa. O que evidenciava a sua lucidez quanto as necessárias adaptações ao panorama nacional.

Em 1936 Lúcio Costa publicou em *Razões da Nova Arquitetura*<sup>25</sup> o seu pensamento sobre as transformações que estavam

---

<sup>25</sup> Texto-manifesto elaborado em 1934-35 publicado no primeiro número da Revista da Diretoria de Engenharia do Distrito Federal, a primeira publicação técnica eminentemente modernista no Brasil.

ainda sendo processadas por uma sociedade em transição. Conforme cita Segawa (2002, p. 81) em seu livro *Arquiteturas no Brasil*:

[...] uma longa reflexão sobre o significado da técnica na transformação das sociedades, ou ao menos como “ponto de partida”, o advento da indústria e em particular o descompasso da técnica com a arte [...].

Ao longo do texto Lucio Costa foi revelando os paradigmas da modernidade enquanto apresentou as novas tecnologias construtivas, os padrões a serem seguidos, juntamente com os mais recentes materiais. Costa (1936, p. 10) anuncia a nova técnica e proclama o “segredo da nova arquitetura”, quando expressa que [...] o que comanda a transformação radical de todos os antigos processos de construção – é a *ossatura independente* [...]. Para ele as paredes, enfim, ficaram sem a responsabilidade de sustentação do edifício, permitindo-lhes a flexibilidade nas dimensões, no uso dos materiais, na forma, permitindo-lhes uma nova função, sem “riscos e preocupações”. Essa independência é que oferece ao arquiteto moderno o alcance de seus objetivos, principalmente, no que se refere à liberdade, tanto em planta quanto em fachada, bastante evidentes nos pontos apresentados por Le Corbusier.

O próprio arquiteto fez uma elegia aos resultados das técnicas inovadoras, ao citar que:

A nova técnica, no entanto, conferiu a esse jogo imprevista elasticidade, permitindo à arquitetura uma intensidade de expressão até então ignorada: a linha melódica das janelas corridas, a cadência uniforme dos pequenos vãos isolados, a densidade dos espaços fechados, a leveza dos panos de vidro, tudo voluntariamente excluindo qualquer idéia de esforço, que todo se concentra, em intervalos iguais, nos pilotis – solto no espaço – o edifício readquiriu, graças à nitidez das suas linhas e à limpidez dos seus volumes de pura geometria – aquela disciplina e *retenue* próprias da grande arquitetura; conseguindo mesmo, um valor plástico nunca dantes alcançado, e que a aproxima – apesar do seu ponto de partida rigorosamente utilitário – da arte pura. (COSTA, 2003, p. 47)

Lucio Costa é o personagem da transição. Ao se converter ao modernismo e implantar a semente inovadora na Escola Nacional de Belas Artes depois de uma curta e turbulenta temporada na sua direção, transforma-se em referência para os novos projetos e profissionais que assumiram o risco modernista. Ao afirmar os principais pontos demarcatórios definidores dos novos tempos, ele determina em que direção se moverão as próximas decisões arquitetônicas, prontamente

multiplicada por outras reflexões sobre a nova arquitetura materializada em obras por todo o país.

O olhar sobre a Arquitetura Moderna será mais depurado com o passar do tempo, uma proveitosa abertura de lentes, pontuado por outros autores mais recentes. Em uma certa rebeldia contra a *standardização* do repertório rigoroso imposto por um *international style* proposto pelos mestres modernos europeus, os arquitetos brasileiros assimilaram os princípios modernistas orientados para atender as nossas exigências climáticas, tropicalizaram elementos, adotaram soluções regionalizadas, geográficas e ambientais, baseados em nossas premissas históricas e culturais. Em 1970 o professor Armando de Holanda da Universidade Federal de Pernambuco compilou em livro as suas lições sobre a construção na região nordeste do Brasil, de características tropicais e temperatura média muito elevada. A “arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados” é o lema principal que tem como pano de fundo os princípios da arquitetura moderna. Ao listar uma série de princípios acerca da boa construção local, Holanda revelou a preocupação com a tradição e a sustentabilidade ambiental, sob a forma de técnicas, processos construtivos, métodos, materiais que visam um

adequado desempenho das edificações. São nove os princípios citados em forma de regras e atitudes norteadoras das decisões projetuais:

- *Criar uma sombra*, no qual trata das coberturas ventiladas e aberturas que proporcionem melhor condicionamento térmico e circulação do ar;

- *Recuar as paredes*, através do qual procura-se criar áreas sombreadas que façam o papel de filtro à incidência direta dos raios solares às faces das edificações;

- *Vazar os muros*, adotando materiais como o elemento vazado (cobogó) que garantam um contínuo fluxo de ar e anteparos de filtragem da luz;

- *Proteger as janelas*, ao adotar o uso de elementos externos com a função de quebra-sol, que permitam a renovação de ar nos ambientes;

- *Abrir as portas*, e criar contatos entre o exterior e o interior, vazar elementos, mas sem perder a privacidade;

- *Continuar os espaços*, tornando os espaços fluidos e contínuos;

- *Construir com pouco*, em que sugere a padronização no uso de materiais e a racionalização dos processos construtivos;

- *Conviver com a natureza*, ao buscar o equilíbrio ambiental nas intervenções, a boa relação com os elementos naturais, ecológica e esteticamente;

- *Construir frondoso*, em que defende uma cultura tropical da construção e critica uma dependência cultural em relação aos países mais desenvolvidos Holanda (2010, p. 49) relata que: [...] *no sentido de uma arquitetura sombreada, aberta, contínua, vigorosa, acolhedora e envolvente, que, ao nos colocar em harmonia com o ambiente tropical, incite-nos a nele viver integralmente.*

Em *Há que se ir às coisas: revendo as obras*, Zein (2011) discorre sobre o(s) olhar(es) sobre as obras arquitetônicas e propõe uma metodologia referenciada para dissecá-las e compreendê-las, tanto em nível de projeção quanto em nível de pesquisa acadêmica. Atenta para o objetivo de que, no âmbito da academia, o conhecimento produzido a partir dessa crítica referenciada deve ser exposto, divulgado e compartilhado, de forma clara e inteligível. Quanto aos itens a serem estudados, a autora se mostra avessa quanto ao uso de *check-lists*, já que considera um reducionismo, que certamente redundará numa visão insuficiente e óbvia sobre a obra arquitetônica. Entretanto admite que há alguns pontos mínimos que poderiam ser elencados, como por exemplo,

*o programa a atender / geometria dos espaços; sítio geográfico e cultural onde se situam / relação com o lugar e com o entorno; materiais e técnicas passíveis de serem empregados / resultados construtivos e tecnológicos; precedentes arquitetônicos que se deseja privilegiar ou negar / ênfases formais e construtivas que se escolhe privilegiar.* Esses itens, embora “corriqueiros e básicos”, não são suficientes e deverão ser acrescentados a critério do pesquisador, em função do que interessa ao seu propósito.

A análise de obras arquitetônicas é reveladora de uma concepção de mundo. A arquitetura atua assim como documento na historiografia geral. Para além dos aspectos físicos, há outros pontos que poderão ser levados em conta numa leitura mais ampla: *os usos sociais, as condições de produção, o entorno com seus respectivos usos e significados*, conforme cita Waisman (2011, p. 13). A autora expõe em *O Interior da História – Historiografia Arquitetônica para Uso de Latino-Americanos* os seus conceitos instrumentais para a análise da arquitetura. São itens mais abrangentes, dos quais selecionamos alguns que serão bastante úteis no estudo referenciado dos projetos selecionados de Ivan Britto. Dentre esses conceitos destacamos:

- A *periodização*, com a função de situar o objeto de estudo em um contexto histórico no sentido de compreendê-lo em uma totalidade;

- A *continuidade e a descontinuidade*, em que comenta as variadas conexões não lineares do objeto arquitetônico, no qual seus diferentes aspectos formais, estruturais, tipológicos articulam-se na sociedade sob ritmos distintos de avanços e retrocessos, pertinências e anacronismos;

- As *durações históricas*, que trata das relações entre os acontecimentos pontuais, de curta, média e longa duração. Esses períodos relacionam-se a obras, às produções na vida profissional de um arquiteto e a historiografia urbana ou das sociedades. Demanda uma reflexão sobre a ação de uma intervenção ou acontecimento de forma ampliada no tempo;

- *Centro, periferia e região*, em que coloca o distanciamento do centro como fator de referência ao tratar de escala de valores culturais. Ocorre que os monopólios deram lugar ao pluralismo, a afirmação de valores locais, o “descentramento” e o “deslocamento” acontecem também na produção arquitetônica. Waisman propõe a substituição dos termos periferia e margem pelo conceito de região e afirma com relação ao confronto entre universalismo e localismo que a

ideia (totalitária) de uma cultura superior é substituída aqui pela do pluralismo cultural. Os juízos sobre vantagens e desvantagens, apresentadas por cada cultura nos diversos âmbitos, poderão entrar em outros sistemas – o da demografia, da climatologia, o da produção agrícola ou industrial etc. – dentro dos quais poderão ser categorizados de acordo com as suas respectivas vantagens e desvantagens, porém não serão juízos de valor que permitam qualificar ou desqualificar globalmente uma cultura regional em função da outra. (WAISMAN, 2013, p. 96-97)

## CAPÍTULO III - *A Arquitetura Moderna da Residência Universitária*

### 3.1 O bairro e a edificação

A Residência Universitária (REU) da UFC é um dos mais preservados edifícios do período modernista inicial em Fortaleza. A edificação está implantada no Campus Benfica. A denominação do campus refere-se ao bairro Benfica, conhecido como reduto intelectual da cidade, local de origem da universidade e de intensa movimentação cultural. A rigor, a edificação situa-se na Gentilândia, um micro bairro encravado no Benfica, o que caracteriza uma situação *sui generis*, em se tratando das demarcações comuns interbairros em qualquer cidade brasileira<sup>26</sup>. O bairro do Benfica, cuja origem remonta ao processo de descentralização do núcleo histórico de Fortaleza. A cidade teve sua ocupação inicial junto ao litoral, mas com a concentração de população e



<sup>26</sup> Os moradores da Gentilândia sequer aceitam o Benfica como local de residência. Constitui uma comunidade bastante gregária, que se relacionam há gerações, reconhecem-se fraternalmente e que apenas convivem com os habitantes do entorno.

novas demandas de infraestrutura passa a se expandir a oeste e sul, através dos caminhos de acesso às vilas e cidades interioranas.

**Fig. 19 – Vista da esquina das ruas Paulino Nogueira e Waldery Uchoa**



Fonte: Acervo do autor (2014)

O projeto representa um importante exemplar das concepções modernistas que aportaram em Fortaleza a partir da década de 1950. A Residência compõe um conjunto de edificações que formam o campus inicial de implantação da UFC ocorrido no bairro do Benfica. A Universidade recém-criada transformou-se em um símbolo da modernização da capital. Afora o prédio definitivo da Reitoria, instalada no eclético Solar dos Gentil, que conferiu um ar de nobreza e tradição muito afeito à academia, os novos edifícios foram projetados por um grupo de arquitetos pioneiros diplomados fora do Estado que chegaram impregnados com as ideias e concepções da Arquitetura Moderna, alinhadas com o pensamento progressista da Universidade.

Esses arquitetos, assim como os primeiros profissionais já diplomados na nova Escola de Arquitetura, inspiravam-se nas propostas da arquitetura moderna brasileira, principalmente a obra de Afonso Eduardo Reidy, do Rio de Janeiro, e na chamada arquitetura paulista, de Vilanova Artigas. Havia também como fecunda fonte de consulta a biblioteca da Escola de Arquitetura, repleta de periódicos estrangeiros, que forneciam aos arquitetos atualização profissional, pois passavam a ter ciência das últimas realizações internacionais. (DIÓGENES, 2010, p. 115)

As características estético-formais modernistas catalisaram o rigor, a racionalidade e o cientificismo exigidos por aqueles “novos tempos”, e materializaram sua essência para a sociedade fortalezense. A edificação foi inaugurada em 1966 e encontra-se praticamente intacta nas suas principais características modernas originais. Atualmente, continua a receber e abrigar os estudantes do interior do estado, mantendo a sua destinação de uso. Constitui-se assim um dos projetos mais relevantes da produção do arquiteto Ivan Britto, do Campus do Benfica da UFC e da Arquitetura Moderna em Fortaleza.

---

### **3.2 A descentralização e os novos bairros**

A fase inicial da expansão da cidade ocorre para o oeste, onde se localizou o primeiro bairro considerado nobre de Fortaleza, a Jacarecanga, onde se instalou a elite comercial e empresarial, juntamente com as primeiras indústrias e as vilas operárias. A cidade continuava limitada pelo Rio Pajeú e não havia um vínculo de utilização da faixa de praia para o lazer. A contratação de Adolfo Hebler em 1855, nomeado arquiteto da Câmara, constitui o fato determinante da

renovação das concepções urbanísticas que se instalam a partir de então. Ele adota premissas *haussmanianas*<sup>27</sup> de intervenção, implanta os *boulevares*, desenha uma série de três plantas da cidade no sentido de registrar e sistematizar o crescimento da cidade e propõe a expansão em direção a leste e a adoção das radiais na malha viária reforçando a centralidade da parte histórica, ao mesmo tempo em que permite a ocupação desses trechos intermediários entre os diversos caminhos de acesso à cidade. Há uma preocupação com o embelezamento, a arborização das ruas e a construção de praças. A descentralização aconteceu nas direções oeste, inicialmente, e depois ao sul, ao seguir as rotas de contato com o interior já estabelecidas tradicionalmente.

É nesse contexto que ocorre a ocupação de áreas ao sul do centro da cidade e que surge o bairro do Benfica ao final do século XIX. Motivados pelas dificuldades de moradia, o intenso movimento de mercadorias e veículos, a busca de maior privacidade e ares mais aprazíveis as classes mais abastadas passaram a ocupar áreas mais afastadas do centro. Outros fatores reforçaram esse movimento, as

---

<sup>27</sup> Georges-Eugène Haussmann (1809-1891) foi nomeado prefeito de Paris por Napoleão III em 1853 e adotou intervenções em larga escala na cidade ainda medieval sob o pretexto de modernizá-la: demoliu quadras inteiras, criou padrões construtivos e construiu grandes e largas avenidas e boulevares, assim como implantou serviços públicos, como distribuição de água encanada, rede de esgotos e saneamento. As ações do Barão de Haussmann tornaram-se referência para as remodelações urbanas de grande impacto.

melhorias no arruamento, a inserção dos veículos particulares e o sistema de atendimento dos bondes elétricos às zonas mais afastadas. A ocupação seguiu ao longo da Estrada de Arronches (atual Parangaba), a partir da Praça do Encanamento, atual Praça Clóvis Bevilacqua, que fornecia, então, água para o abastecimento da cidade em canecos. Na praça foram instalados chafarizes em 1862 e depois erigidas as caixas d'água em 1911, em estrutura de ferro, existentes até hoje. Em 1938 foi inaugurado na margem sul o novo edifício da Faculdade de Direito, primeiro curso superior a se instalar no Ceará em 1903. O trajeto dos bondes seguia a partir da praça pela Avenida Visconde de Cauípe (atual Av. da Universidade) até o fim da linha Benfica dos bondes elétricos.

---

### **3.3 O surgimento do Benfica e da Gentilândia**

Na região do Benfica foram sendo construídas chácaras, que ocuparam grandes lotes. O termo Gentilândia tem origem relacionada às primeiras ocupações no local. Entre essas famílias destacava-se a do comerciante, banqueiro e empresário José Gentil Alves de Carvalho, proprietário do Banco Frota Gentil. Após instalar-se na região edificou a

**Fig. 20 – Residências originais no entorno da Praça JoãoGentil localizada na Gentilândia**



Fonte: Acervo do autor (2014)

Vila Gentil, que oferecia residências para aluguel que ofereciam serviços de reparação, água encanada e esgoto. O quadrilátero onde se instalou a Vila Gentil era formado pelas ruas Marechal Deodoro (ao sul), Av. Visconde de Cauípe (a norte), e ruas Adolfo Hebster (a oeste) e Treze de Maio (a leste). O local era bastante arborizado, com mangueiras e benjamins, várias delas ainda preservadas, nas duas praças e no canteiro central da Avenida Treze de Maio, que é atualmente a principal rota de ligação do bairro com o eixo leste-oeste da cidade. A área se constituiu em uma espécie de *bairro em miniatura* inserido na região do Benfica.

Com a decadência dos negócios da família, as casas foram sendo vendidas, preferencialmente aos seus moradores originais. A Universidade Federal do Ceará, recém-criada em 1955 e ainda em busca de instalações adequadas, através do Reitor Antônio Martins Filho demonstrou interesse pelo solar da família Gentil e outras propriedades adjacentes. O local foi selecionado para a instalação da Reitoria e o seu *campus*<sup>28</sup>. Com a chegada da academia o bairro reforça a sua vertente cultural e passa a estabelecer uma imagem de vanguardismo, de

<sup>28</sup> A aquisição formalizou-se em 1956 ao preço “justo e certo de cinco milhões de cruzeiros”. (MARTINS FILHO, 1996, p. 58). A inauguração da sede da Reitoria ocorreu no dia 25 de junho de 1956.

juventude e de intelectualidade. Fortaleza já sentia as transformações tecnológicas advindas do início do século XX, como o emprego dos novos materiais e a industrialização dos processos construtivos, fatos que repercutiram com intensidade nas relações sociais, na apropriação do espaço nas cidades e nas concepções arquitetônicas.

Conforme Reis Filho (1973, p.88) cita,

O período que se inicia por volta de 1940, com a Segunda Guerra Mundial, e que nos traz até 1960, com o plano de Brasília, compreende a fase de mais intensa industrialização e urbanização da história do País. Ocorre então um vertiginoso avanço técnico e econômico, acompanhado de profundas transformações sociais. A ele corresponde também a eclosão do movimento contemporâneo de arquitetura, cujas primeiras manifestações poderiam ser recuadas até a Semana de Arte Moderna de 1922 em São Paulo mas que aguardava as oportunidades adequadas à sua expansão.

A UFC passa assim a atuar como centro de discussão, de difusão das novas ideias e das ações de modernização da capital, tendo como foco o campus do Benfica e as suas edificações exclusivamente projetadas sob uma visão funcional-racionalista arquitetônica

paradigmática com o papel transformador com que a universidade se impunha.

---

### **3.4. O projeto da Residência Universitária da UFC**

A Residência Universitária (REU) iniciou suas atividades em 1966 abrigando apenas estudantes masculinos. Somente a partir de 1990 foram admitidas mulheres entre os seus residentes. Para elas foram destinados 6 dos 24 apartamentos. No total, são oferecidas 76 vagas, distribuídas em 20 apartamentos que comportam 3 estudantes e 4 unidades maiores para 4 estudantes. Atualmente há 2 unidades adaptadas para portadores de necessidades especiais. As unidades habitacionais estão distribuídas nos dois últimos pavimentos, de forma simétrica, dispostos em uma modulação de 3,50m. Os apartamentos maiores ficam nas extremidades dos pavimentos.

**Fig. 21 – Implantação da REU com relação ao lote e à Praça João Gentil**



Fonte: Sampaio Neto (2012)

A edificação possui quatro pavimentos, que abrigam, além dos apartamentos nos andares superiores de uso exclusivo para os moradores, a cozinha coletiva e salas de estudos no primeiro pavimento, uma lavanderia e a sala de TV no térreo. Está localizada à Rua Paulino Nogueira, 125, defronte à Praça João Gentil, mais conhecida como Praça da Gentilândia, em um terreno na cabeceira da quadra. Pela sua inusitada implantação em lote longilíneo, de esquina à esquina, o prédio corresponde integralmente à praça. Possui assim posição privilegiada quanto a sua visibilidade por qualquer das vias laterais, a Rua João Gentil e a Rua Waldery Uchoa, embora a arborização densa formada por mangueiras muito frondosas impeça a sua integral visualização pelo centro da praça.

A edificação mantém o seu uso até os dias de hoje, conservando praticamente intactas todas as suas características formais. O seu volume predominantemente horizontal se estabelece na extensão da quadra e a paisagem do entorno, pois não há nenhuma construção de porte próxima. A Residência Universitária é a maior edificação da Gentilândia. As suas características formais também são ímpares: os volumes bem definidos, as formas rigidamente lineares, a rigorosa

modulação da estrutura. Há um equilíbrio de forças entre o que existe e o que falta. Não há conflito, mas uma suave harmonia.

O concreto armado foi um dos sistemas estruturais mais utilizados pelas propostas modernistas. Foi intensamente adotado pelos arquitetos da geração pioneira. A UFC também passou a abrigar no Departamento de Obras e Planejamento engenheiros que realizaram os cálculos estruturais para os seus edifícios em elaboração. Há então uma simbiose nessa atmosfera acadêmica que congregou esses profissionais da construção civil, arquitetos e engenheiros absolutamente obcecados pela nova técnica. A estrutura é um dos evidentes sinais dos preceitos modernistas na Residência Universitária. Ivan Britto formou-se na Escola de Belas Artes de Pernambuco, que trazia a experiência de ter em seus quadros o engenheiro Joaquim Cardozo<sup>29</sup>, calculista pioneiro da Arquitetura Moderna. Cardozo numa aula inaugural em 1939 dos cursos da Escola de Belas Artes disse ao comentar a atuação dos arquitetos naquele período,

(...) eles chegaram a aliar distintivamente a consciência perfeita do meio físico ao espírito tradicional, conseguindo, ao

---

<sup>29</sup> Joaquim Cardozo exerceu a cátedra de Teoria e Filosofia da Arquitetura na Escola de Belas Artes de Pernambuco, tendo calculado projetos de Luis Nunes (Caixa D'água de Olinda) e Oscar Niemeyer (Conjunto de Pampulha).

mesmo tempo, os melhores efeitos plásticos do concreto armado. (...) foram utilizados todos os elementos arquitetônicos novos, a coberta-terrace, o pilotis, as janelas de grandes vãos, a cor como elemento modificador do espaço e da iluminação, a estrutura independente, etc., assim como o emprego de estruturas especiais para a realização de formas puras, que somente com o concreto se pode realizar e que são soluções mais livres e perfeitas (...) E se procurou integrar os edifícios na paisagem, (...) Os volumes e superfícies vazados que antigamente eram resolvidos com as venezianas, foram criados agora com o emprego justo e adequado de um material pernambucano por excelência: o combogó. (...) Estas superfícies de combogó, atuando nas fachadas muito insoladas, como verdadeiro brise-soleil, produzem desenhos caprichosos de sombra e luz, de bom efeito decorativo. (MACEDO; SOBREIRA. 2009, p. 15)

Os pilares cilíndricos determinam a modulação do edifício, surgem nos pilotis ao passo em que tornam-se mimetizados pelo conjunto viga-laje a partir do primeiro piso. O prisma retangular que marca a volumetria do prédio, avança sobre o vazio do pé-direito duplo, mas surge apoiado pela sutileza da colunata à direita da fachada, composta por três pilares esbeltos, esguios, amarrados na base por um plano vertical suspenso.

Segundo o próprio autor, o arquiteto Ivan Britto em entrevista concedida para a pesquisa, o projeto previa mais dois pavimentos-tipo,

que não foram construídos em função do tempo exíguo e pelos recursos extras que seriam necessários para a manutenção do edifício e dos seus usuários. Apesar da estrutura em concreto, calculada pelo engenheiro Valdir Campelo<sup>30</sup>, prever a carga integral para o projeto original, a edificação não deverá ser completada, apesar de já ter havido pelo menos uma tentativa por parte do arquiteto no sentido de sensibilizar a direção da Universidade para promover a conclusão dos pavimentos restantes. Outro fator que, certamente, impedirá a construção dos dois pavimentos foi a instalação do elevador. Inicialmente previsto pelo projeto arquitetônico, o equipamento apenas foi instalado recentemente em uma reforma ocorrida no ano de 2010.

A horizontalidade conquistou assim a dominância no conjunto. Considero que a proporção em relação a sua implantação não seria tão harmoniosa se houvessem mais dois pavimentos (v. fig. 23). O terreno é estreito e raso, a taxa de ocupação é alta e os recuos frontal e laterais de três metros não oferecem suficiente espaço para uma composição mais equilibrada no caso do gabarito ser maior. Além do

---

<sup>30</sup> José Valdir de Medeiros Campelo (1928-1993), engenheiro calculista, foi professor da Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFC ministrando a disciplina de Sistemas Estruturais por mais de duas décadas. Segundo Diógenes, (2010, p. 22): "Valdir Campelo era um estudioso do assunto e se empolgava com os desafios propostos pelos arquitetos, sempre procurando encontrar a solução correta para cada problema."

mais a altura do prédio não agride o perfil do entorno, de casario térreo e lotes pequenos. Ao contrário, ele se integra, de certa maneira, pela sua extensa horizontalidade, a simplicidade e repetição dos seus elementos externos.

**Fig. 22 – Perspectiva do estudo preliminar do projeto**



Fonte: Acervo Ivan Britto

**Fig. 23 – Vista da confluência das ruas Paulino Nogueira e João Gentil**



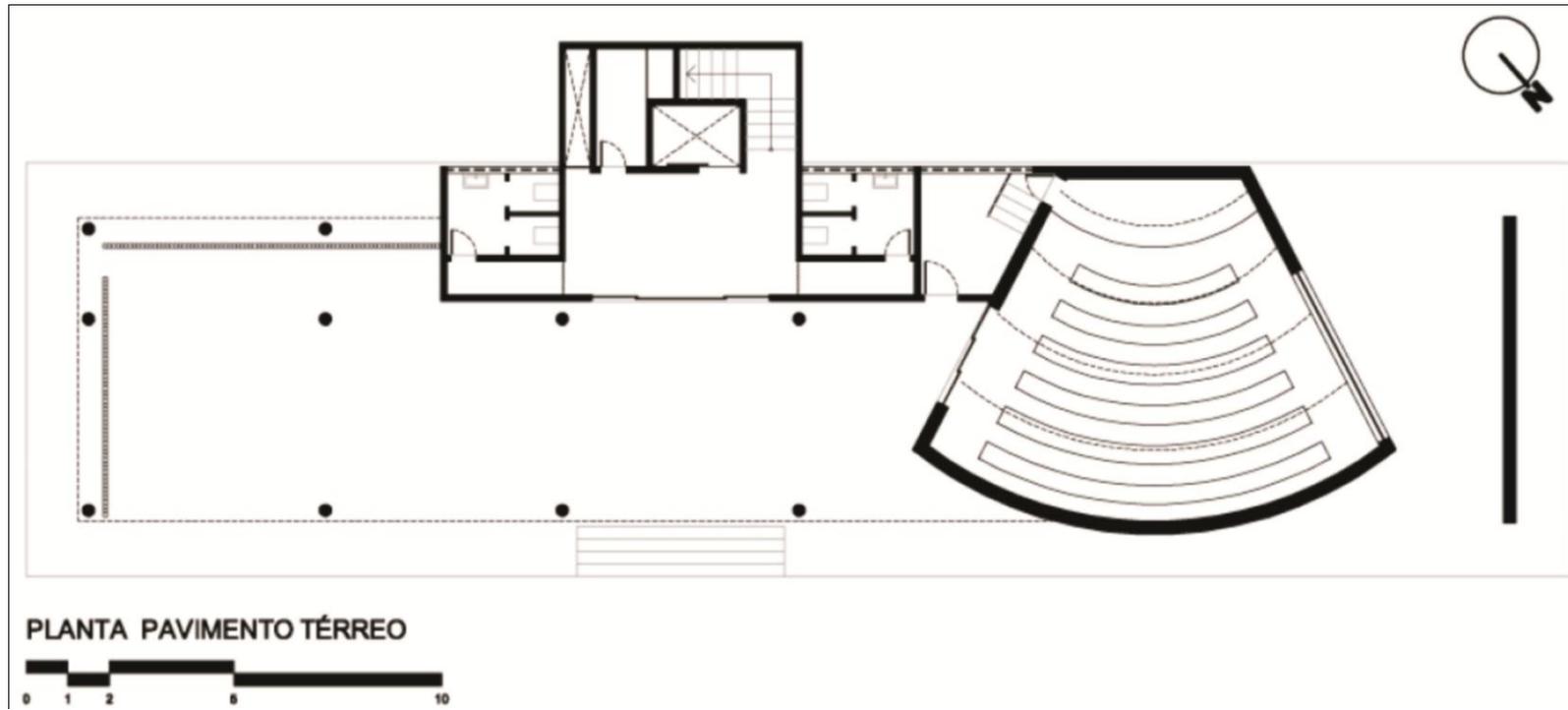
Fonte: Acervo do autor (2014)

As varandas individuais são marcadas pela modulação demarcadas pelos planos de vedações laterais. O contraste com os dois primeiros pavimentos é total, enfatizado pela descontinuidade da estrutura e o volume curvo do auditório original. Essa massa opaca, compacta transfere para si a tarefa de prender o prédio ao solo, sem, no entanto ferir a singeleza dos delgados pilares laterais ao vencerem o pé-direito duplo com elegância e altivez (fig. 28). As esquadrias em módulos

quadrados de caixilharia em madeira e vidro vão do fundo da laje ao rés do chão, proporcionando ampla visão e uma transparência absoluta dos ambientes.

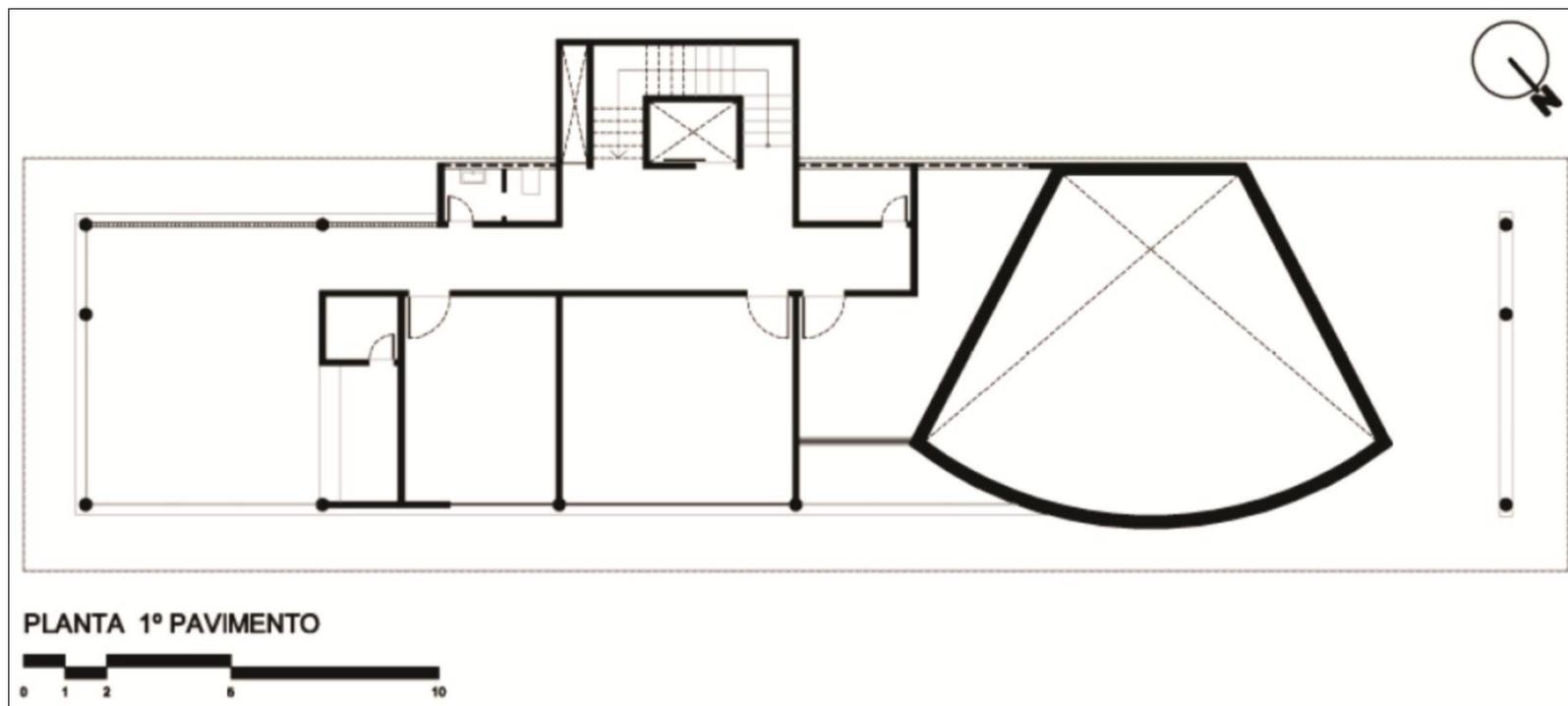
A grandeza da REU reside também no fato de que, apesar de destinada a estudantes carentes, grupo social de pouco prestígio se comparado aos integrantes da máquina acadêmica, foi elaborada com a isenção e qualidade projetual que se espera de uma obra baseada em princípios arquitetônicos superiores, para além do proselitismo clientelista e visão reducionista da realidade social. Pode-se mesmo dizer que a REU possui arquitetura tão digna e marcante que eclipsou outras obras do conjunto modernista que compõem o campus do Benfica da UFC, como a Pró-Reitoria de Extensão, projeto de Liberal de Castro (1961) ou o Museu de Arte Universitária (MAUC). Não se quer afirmar que estes sejam inferiores, mas que a REU, respaldada pela sua implantação privilegiada, exhibe uma variedade de formas, jogo de volumes, contrastes vazios/cheios e um colorido que impressionam desde a primeira vista e, por sorte, ainda conserva praticamente intactas todas as características formais das quais emana sua expressão serena e equilibrada.

Fig. 24 – Planta do térreo destaca o pilotis, o acesso principal e o auditório (hoje sala de TV)



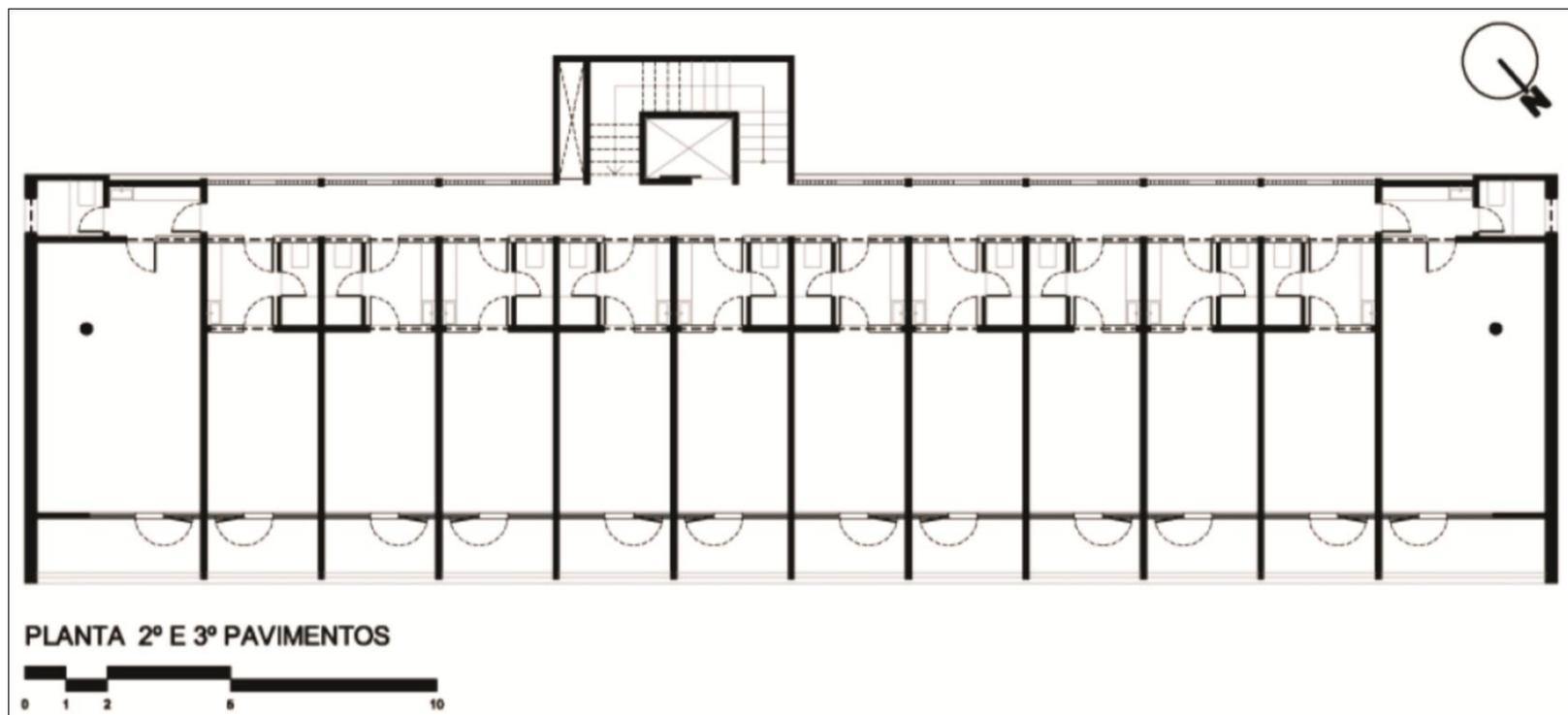
Fonte: IPHAN; UFC (2009)

Fig. 25 – Planta 1º. pavimento



Fonte: IPHAN; UFC (2009)

Fig. 26 – Planta dos apartamentos



Fonte: IPHAN; UFC (2009)

**Fig. 27 - Pilares laterais e pé-direito duplo**



Fonte: Acervo do autor (2014)

**Fig. 28 - Volume lateral e proteção da insolação**



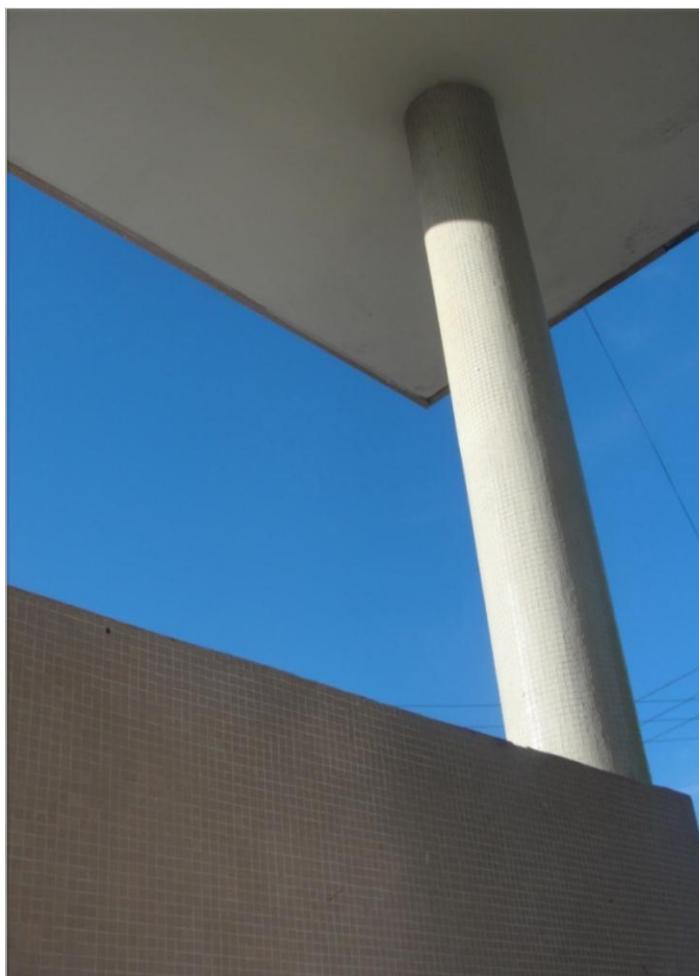
Fonte: Acervo do autor (2014)

**Fig. 29 – Painel de cobogós e estrutura independentes**



Fonte: Acervo do autor (2014)

**Fig. 30 – Detalhe da coluna no pilotis**



Fonte: Acervo do autor (2014)

**Fig. 31 – Transição entre os pavimentos**



Fonte: Acervo do autor (2014)

**Fig. 33 – Vista das varandas das UH's**



Fonte: Acervo do autor (2014)

**Fig. 32 – Vista para a Praça João Gentil**



Fonte: Acervo do autor (2014)

**Fig. 34 – Cobogós na fachada posterior**



Fonte: Acervo do autor (2014)

**Fig. 35 – Detalhe parapeito curvo em pastilha**



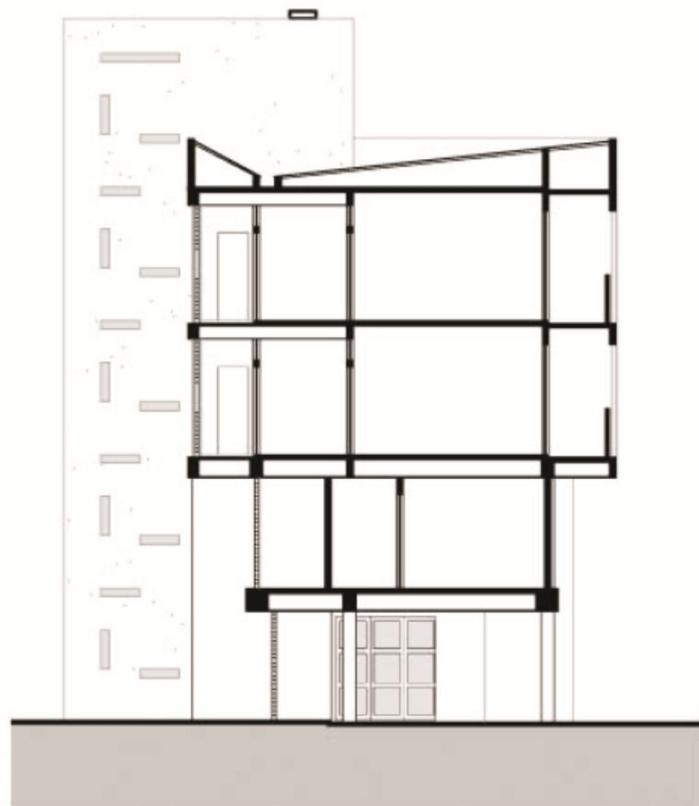
Fonte: Acervo do autor (2014)

**Fig. 36 – Detalhe da varanda e revestimentos**

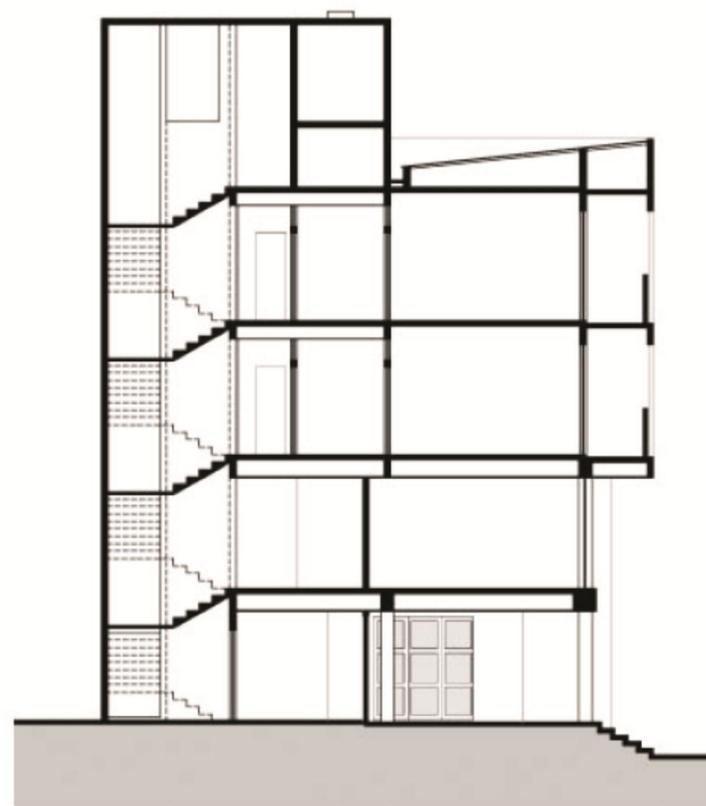


Fonte: Acervo do autor (2014)

Fig. 37 – Cortes transversais: ao nível dos apartamentos e na caixa de escada



CORTE TRANSVERSAL

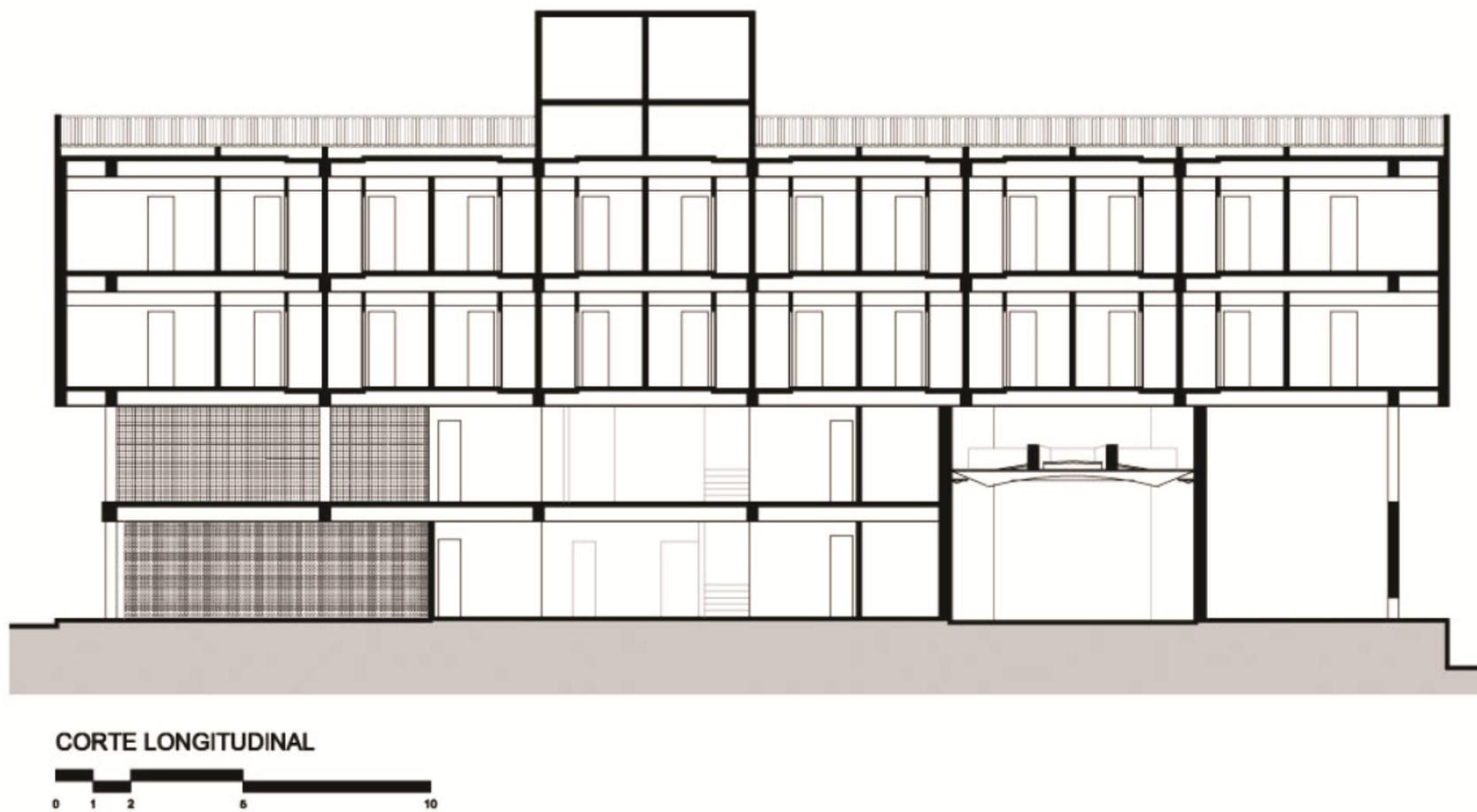


CORTE TRANSVERSAL



Fonte: IPHAN; UFC (2009)

Fig. 38 – Corte longitudinal mostra a modulação das unidades e a estrutura racional



Fonte: IPHAN; UFC (2009)

**Fig. 39 – Vista posterior com as vedações das circulações dos apartamentos e os cobogós no pilotis**

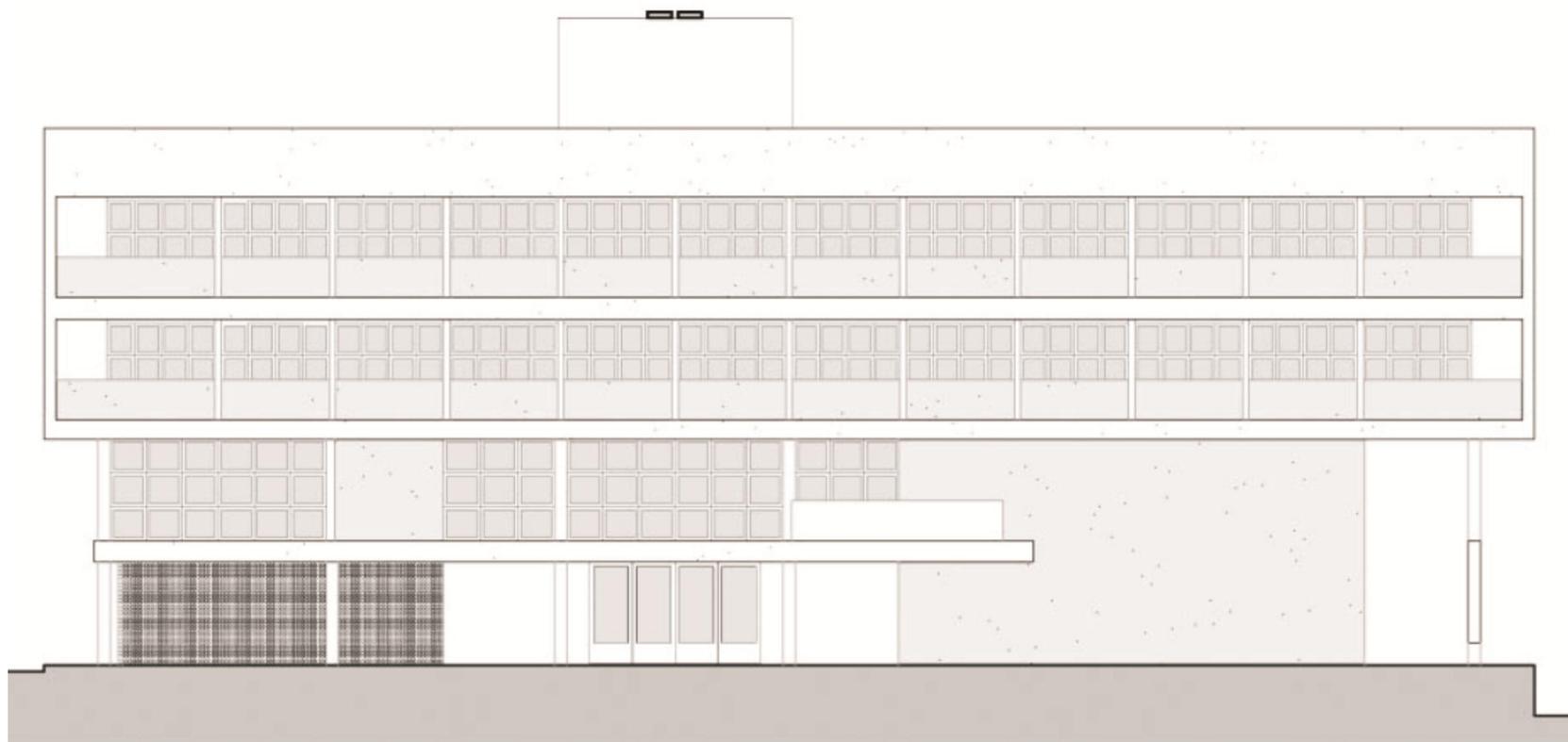


FACHADA SUDOESTE



Fonte: IPHAN; UFC (2009)

**Fig. 40 – Vista frontal apresenta a rígida modulação estrutural e a ruptura dos volumes**



FACHADA NORDESTE



Fonte: IPHAN; UFC (2009)

**Fig. 41 – A sala de estudos no 1º. pavimento e a transparência das vedações e materiais**



Fonte: Acervo do autor (2014)

**Fig. 42 – Interior da sala de estudos no 1º. pavimento com vista para a praça**



Fonte: Acervo do autor (2014)

A permanência de um prédio durante décadas sem perda de sua identidade física ou 'social' não é comum a qualquer obra e reside na sua qualidade de ser, no sentido de entidade material que interage com contexto urbano. Deve 'falar' juntamente com as condições históricas, embora nem todos os prédios tenham o que 'dizer', sendo preciso perceber aqueles que por diversos motivos sintetizaram o espírito de uma época e o transcenderam, algo que Waisman identifica como

“...permanência significativa no tempo... uma qualidade extra histórica, isto é, seu valor artístico ou arquitetônico, sua condição própria de obra de arte, de monumento. Monumento não é o que dura, mas o que permanece. No caso da arquitetura, ‘o que permanece’ do evento original é uma forma física significativa (WAISMAN, 2013, p.12-13)

Para saber a existência ou não desse significado, que se expressa tanto na forma material quanto na importância social da construção, a autora esclarece que se pode investigar a utilização do imóvel, os condicionantes de sua produção, sua significação no entorno e para seus contemporâneos, a amplitude de suas conexões com os sistemas gerais do momento como critérios para aferir a importância da obra ou do conjunto (idem, p.5). Tais considerações foram percebidas na análise crítico-referenciada da REU, percebendo-se que ela reflete de modo cômico essas questões e, com isso, tenha garantido sua permanência, não apenas sua duração, na cultura de Fortaleza. Conseguiu manter íntegra sua identidade nas duas dimensões, material enquanto obra construída segundo elevadas premissas conceituais e sociais, por sua relação ativa e contínua com a vida urbana local,

**Fig. 43 - Circulação do pavimento-tipo e paginação cobogós**



Fonte: Acervo do autor (2014)

**Fig. 44 - Detalhe bandeira e ventilação cruzada**



Fonte: Acervo do autor (2014)

**Fig. 45 - Vista interna da unidade**



Fonte: Acervo do autor (2014)

**Fig. 46 - Vista interna para a circulação**

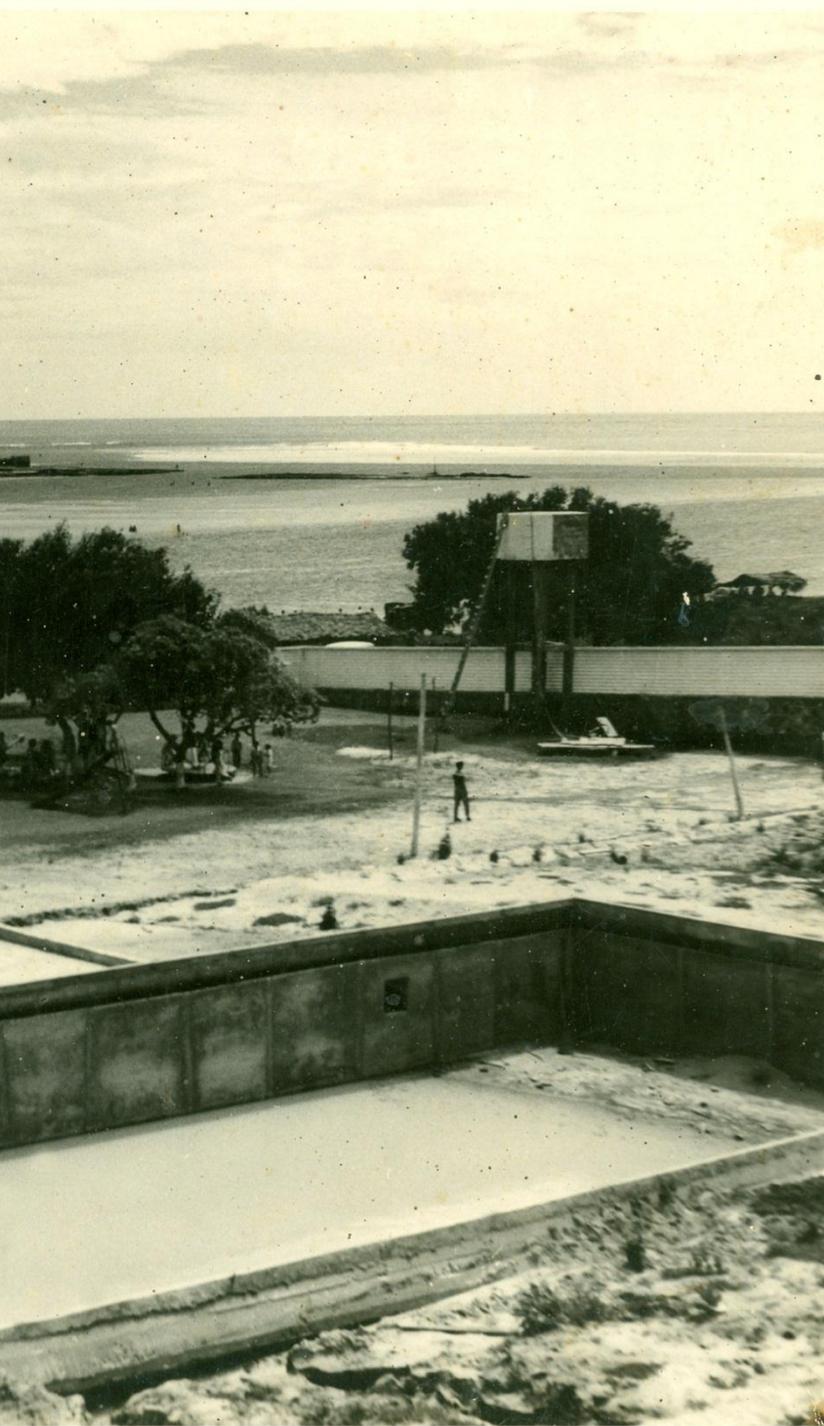


Fonte: Acervo do autor (2014)

## Capítulo IV - *O Clube de Regatas da Barra do Ceará*

### 4.1 O clube do marco zero

Ao observarmos a evolução urbana da cidade de Fortaleza percebe-se que há, após a consolidação do que viria a ser conhecido como o núcleo central histórico, uma vertiginosa ocupação a leste no início do século XX, notadamente a partir da década de 1930. Entretanto, as primeiras ocupações fora do sítio central iriam ocorrer ao longo das vias de contato da cidade com o interior. A situação geográfica litorânea de Fortaleza determinou uma série de caminhos que geraram uma conformação radial. A saída para a direita em direção à Ponta do Mucuripe foi a última a ser povoada, pois os caminhos do comércio levavam principalmente ao oeste e ao sul. A ligação com o oeste, esta sim já tinha antecedentes históricos. Ocorreram ali na barra do Rio Ceará as primeiras tentativas de ocupação do litoral da capitania desde 1604 por portugueses e holandeses. O objetivo não foi propriamente de



colonização, mas um posto de defesa territorial, tão incipiente que foi rapidamente destruído pelos ataques indígenas e pela dificuldade de abastecimento e de manutenção.

No entanto, esse foi o fato determinante na construção ideológica do marco zero de Fortaleza<sup>31</sup>, concepção polêmica nos meios culturais da sociedade. A ocupação histórica do local é tão inconteste que há documentos, achados arqueológicos, e até um monumento dedicado ao ponto inicial da existência de Fortaleza, foi doado pelo governo espanhol, o Cruzeiro de Santiago.

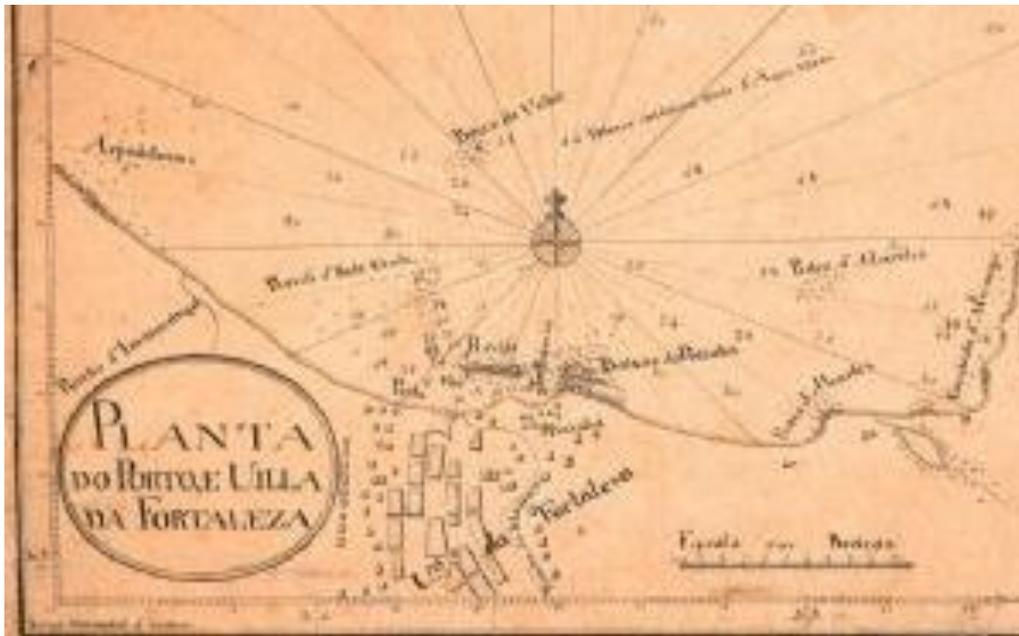
O núcleo central gerador de consequências urbanas permanentes vai surgir posteriormente, junto ao rio Pajeú com a implantação do Forte de Schoonenborch por Matias Beck, que viria ser sobreposto pela Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção em 1662. Após o surgimento da cidade é que o engenheiro militar Antônio José da Silva Paulet, ajudante-de-ordem do Governador da província, fez o mapeamento e propôs uma estrutura viária com malha em xadrez. A primeira planta da cidade, a “Planta da Vila de Fortaleza” de 1818,

---

<sup>31</sup> Por outro lado, os que contestam a versão indicam que não houve a formação de um núcleo que viesse a ser configurado como urbano, nem uma sequência de relações sociais, que configurasse uma sociedade, mesmo que incipiente, ao longo desse período histórico de afirmação da posse do território.

trouxe o desenho reticulado e apontou claramente os caminhos de contato com o interior. Essas vias radiais foram consolidadas ao longo do processo de expansão urbana, que viria acontecer rapidamente nos séculos seguintes, o que determinou o traçado radio-concêntrico ortogonal da cidade de Fortaleza até os dias de hoje. Um desses caminhos faz a interligação entre o núcleo central de Fortaleza com a faixa oeste, onde se situava o primitivo e estéril núcleo de ocupação.

**Fig. 48 – Planta da Villa da Fortaleza e seu Porto, destacando a ocupação a leste do rio Pajeú. (Silva Paulet), 1818**



Fonte: [www.fortalezaemfotos.com.br](http://www.fortalezaemfotos.com.br). Acesso em 12/09/2014

No mapa percebe-se a presença do rio Pajeú e o seu papel delimitador da ocupação do núcleo apenas na sua margem esquerda, contrário à enseada do Mucuripe. Foi natural, então, que o direcionamento da expansão inicial da cidade ocorresse para oeste, onde se estabeleceram as primeiras casas elegantes, construídas por uma elite urbana, surgida a reboque da incipiente industrialização que se implantou com o Ciclo do Algodão<sup>32</sup>, responsável pela hegemonia de Fortaleza perante outras cidades até então mais importantes, como Aquiraz, Icó e Aracati. A Jacarecanga tornou-se o primeiro bairro nobre, assim reconhecido pela preferência que teve pelos abastados industriais e pela burguesia comercial, que já queriam se distinguir do restante da população pelo porte das habitações, pelos modos de vida e pela distância do núcleo histórico.

Fortaleza consolidou-se como o maior centro urbano do Estado, com uma população que beirava os 45mil habitantes. No final do século XIX, mais precisamente em 1873 passa a funcionar efetivamente a rede ferroviária municipal, com a inauguração da Estação de Fortaleza

---

<sup>32</sup> O chamado Ciclo do Algodão foi impulsionado pelas consequências desastrosas na economia estadunidense, ancorada no cultivo do produto, pela Guerra da Secessão ocorrida de 1861 a 1864.

da Estrada de Ferro de Baturité<sup>33</sup>. Esse fato reforça a ligação de Fortaleza com as cidades interioranas, passando, então a se consolidar como um polo aglutinador, não somente de bens, produtos e serviços, mas também de uma população, que não parou de crescer.

**Fig. 49 – Mapa esquemático com as rotas de acesso ao centro de Fortaleza e a expansão a leste e oeste em direção aos rios limítrofes**



Fonte: intervenção do autor sobre imagem do Google Earth (2014)

<sup>33</sup> A Estação Central, atualmente chamada de Estação João Felipe, posteriormente foi construída sobre o cemitério de São Casimiro, inaugurada em 1880, pelos braços dos flagelados da seca de 1877, mão-de-obra disponível e barata que foi utilizada em várias obras pela cidade emergente.

Grande parte do incremento populacional deve-se ao fato de ter ocorrido a grande seca de 1877-1879, que determinou enorme movimentação de flagelados em direção às cidades médias e à capital. A população da cidade praticamente triplicou. Em três anos de estiagem chegaram em torno de 100 mil retirantes, que sofreram sem as mínimas condições de higiene e habitação. Fortaleza chegou ao final do século XIX com 30mil habitantes, 72 sobrados e 17mil analfabetos.

Além do trauma pelos danos ocorridos pelas secas, a cidade ainda contava com alguns avanços recheados pelos ideais civilizatórios ansiados pela elite local, como os alinhamentos das ruas (1875), a ferrovia (1873), o Passeio Público e bondes puxados a burro (1880), o telégrafo (1882) e a telefonia (1883). O movimento republicano alinhava-se com a intelectualidade urbana, que encontrou ali terreno fértil para as suas pretensões modernizadoras, baseadas em conceitos evolucionistas e positivistas. A cidade se aformoseava segundo padrões, hábitos e costumes europeus.

Com o impulso desenvolvimentista do período de transição dos séculos XIX e XX através da mecanização dos processos produtivos, pela introdução de novos modos sociais, pelo intercâmbio de ideias com

outros povos, pela movimentação intensa do porto, a estratificação cada vez maior da sociedade, surgiu o desejo pela construção de novos equipamentos e edifícios, assim como a necessidade de implementação de serviços urbanos: a iluminação e o transporte público, o abastecimento de água e as práticas saneadoras.

Era uma cidade que crescia de forma rápida e excludente, financiada por uma elite comerciante que já acumulava considerável riqueza e que queria demonstrar sua distinção social e econômica em todos os segmentos. Nessa época os primeiros clubes sociais iniciam as suas atividades: o Cearense (1868) e o Iracema (1884). O Clube Cearense tinha um seleto grupo de associados, elitista e exclusivista, tinha em seus quadros muitos estrangeiros que se estabeleceram comercialmente na cidade. Já o Iracema surgiu como uma reação nacionalista, de espírito sócio-político, pois contava com um núcleo fundador recheado de intelectuais, literatos, jornalistas e ativos militantes abolicionistas.

Ao longo dos anos foram surgindo vários clubes que representavam basicamente os movimentos de grupos sociais na territorialização da cidade. As classes mais abastadas passaram a ocupar

**Fig. 50 - Vista do Clube Líbano, já demolido**



Fonte: Acervo MIS

a faixa litorânea a leste do Centro e os clubes, elitizados, acompanhavam essa ocupação. Nesse sentido, surgiu o Ideal Clube, projetado por Sylvio Ekman em 1940 e logo em seguida o Náutico Atlético Cearense, instalado definitivamente em 1948 com projeto de Emílio Hinko.

Somava-se ainda o Iate Clube, o Círculo Militar, o Clube Líbano Brasileiro. Esses clubes eram os legítimos representantes de categorias profissionais, de comunidades e da burguesia local. A sua implantação na beira-mar ratificou o afastamento da elite da zona central em direção à faixa leste da orla, tornando-se em pouco tempo o local preferido dos eventos sofisticados e elegantes de seus distintos associados, que procuravam cada vez mais se distinguir socialmente das camadas mais populares. Essas continuariam a ocupar de forma mais ampla a zona oeste de Fortaleza. Britto concebeu vários projetos arquitetônicos para os clubes sociais, ele que desde a infância se inclinou para os esportes, como futebol, natação e remo, tinha a oportunidade de criar os espaços necessários e adequados para a prática desportiva. Há registros em seus arquivos de projetos de edificações para o Clube Líbano Brasileiro e da sede do Círculo Militar, do Ceará Sporting Clube e do Clube de Engenharia, além de outros em cidades interioranas. Dentre

esses projetos um dos mais destacados é o Clube de Regatas Antônio Bezerra (CRAB), localizado exatamente na foz do Rio Ceará.

---

## 4.2 Surge o Clube de Regatas

O Clube de Regatas Antônio Bezerra, o CRAB, iniciou suas atividades na década de 1960. O proprietário era um ex-sargento da Aeronáutica e odontólogo chamado Osvaldo Rizzato, bastante conhecido na cidade por seus investimentos e empreendimentos imobiliários. A idéia da fundação do clube era alavancar um projeto imobiliário em sociedade com o vereador Antônio Costa<sup>34</sup>, que já possuía um clube no bairro Antônio Bezerra, localizado junto ao caminho do Soure (atual Caucaia), também a oeste de Fortaleza.

Ivan Britto, recém-chegado à capital em 1955, já havia se estabelecido em escritório próprio, com uma prática profissional bastante intensa. Ao ser convidado para o projeto do clube, Britto desenvolveu

---

<sup>34</sup> Antonio Costa Filho foi piloto da aviação comercial e desportista. Eleger-se vereador por quatro legislaturas e deputado por dois mandatos. Foi sócio de Osvaldo Rizzato no empreendimento do Clube de Regatas. Faleceu em 1991.

suas ideias no sentido de materializar as concepções assimiladas de seus mestres modernistas, dentre elas a linguagem do concreto armado, de grandes vãos, com uma rigorosa modulação da estrutura, propiciando espaços generosos, e a transparência através das esquadrias de vidro. Explorou através dessa técnica construtiva, juntamente com a utilização dos novos materiais a visibilidade da privilegiada paisagem do entorno. A Barra do Rio Ceará já era amplamente utilizada como área de lazer natural por parte da populosa comunidade da região, constituída principalmente por trabalhadores das indústrias, comerciários e pessoas ligadas à atividade da pesca. As condições socioeconômicas dos habitantes do entorno estabeleceu um vínculo direto com a imagem do clube, que passou a ser reconhecido pelo seu caráter popular. Assim o CRAB ficou conhecido amplamente por Clube de Regatas da Barra do Ceará.

**Fig. 51 – Posicionamento do Clube de Regatas junto à foz do Rio Ceará**



Fonte: intervenção do autor sobre imagem do Google Earth (2014)

O empreendimento teve um lançamento impactante, no entanto, não obteve o retorno desejado apesar das estratégias de marketing utilizadas. Até as plantas do edifício foram divulgadas como forma de atrair os investidores. Paradoxalmente, o investimento foi

idealizado na contramão dos empreendimentos desejados e patrocinados pela elite local, que ocupavam paulatinamente a orla leste de Fortaleza. Além do mais, a imagem popular do clube teve uma repercussão negativa junto às classes dominantes, fato que inibiu o interesse dos potenciais sócios proprietários mais abastados. Apesar do fracasso nas pretensões iniciais do ponto de vista comercial, paradoxalmente, o clube passou a integrar o círculo dos locais de reuniões sociais mais importantes do período. As amplas instalações, os equipamentos esportivos, a variada programação e o aproveitamento do potencial paisagístico do local proporcionaram ao clube uma destacada frequência por, pelo menos, duas décadas.

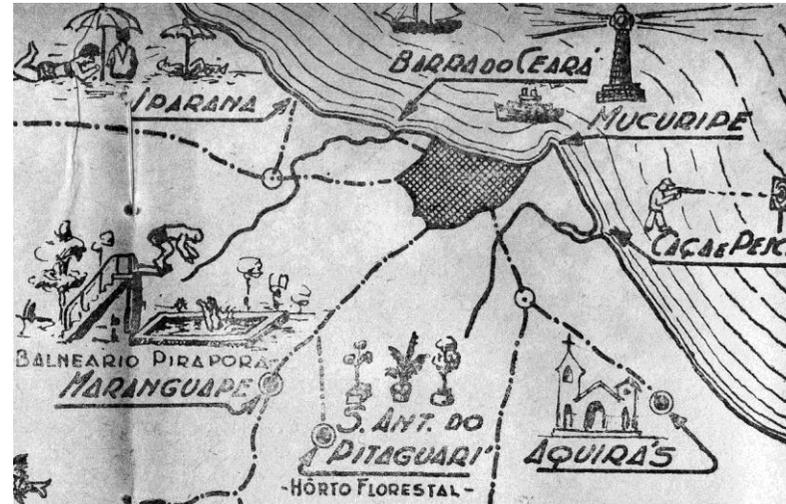
O projeto contemplou a edificação da sede social do clube além de equipamentos desportivos e de lazer, como as piscinas, quadras e a previsão de um abrigo para barcos, para atender a própria destinação esportiva da sua denominação. A distribuição dos elementos obedeceu a uma lógica de implantação hierárquica. Como o terreno possui uma natural declividade em direção ao rio, Britto definiu a sua divisão em três níveis distintos. No ponto mais alto posicionou a sede social em um bloco único paralelo a linha da margem do rio, ladeado pelos acessos principais, que ocorriam por uma via lateral.

**Fig. 52 – Paisagem natural da Barra do Rio Ceará**



Fonte: Guia turístico do Ceará (1967)

**Fig. 53 – O mapa do lazer em Fortaleza e cidades vizinhas em 1961 destacava a Barra do Ceará**



Fonte: Acervo Ivan Britto

Defronte ao bloco social há um plano longo para circulação e ocupação de mesas, constitui-se uma espécie de belvedere, com uma vasta visão do rio, da outra margem e a sua foz. Dali até a borda próxima do rio estende-se mais dois platôs correspondentes às piscinas e as quadras. Entre os planos e fazendo a integração entre eles, foram criadas em seus limites escadarias muito longas, que permitiam um fluxo bastante fluido dos associados, sem obstáculos físicos e com uma visibilidade total de todos os espaços do conjunto. Os planos em níveis

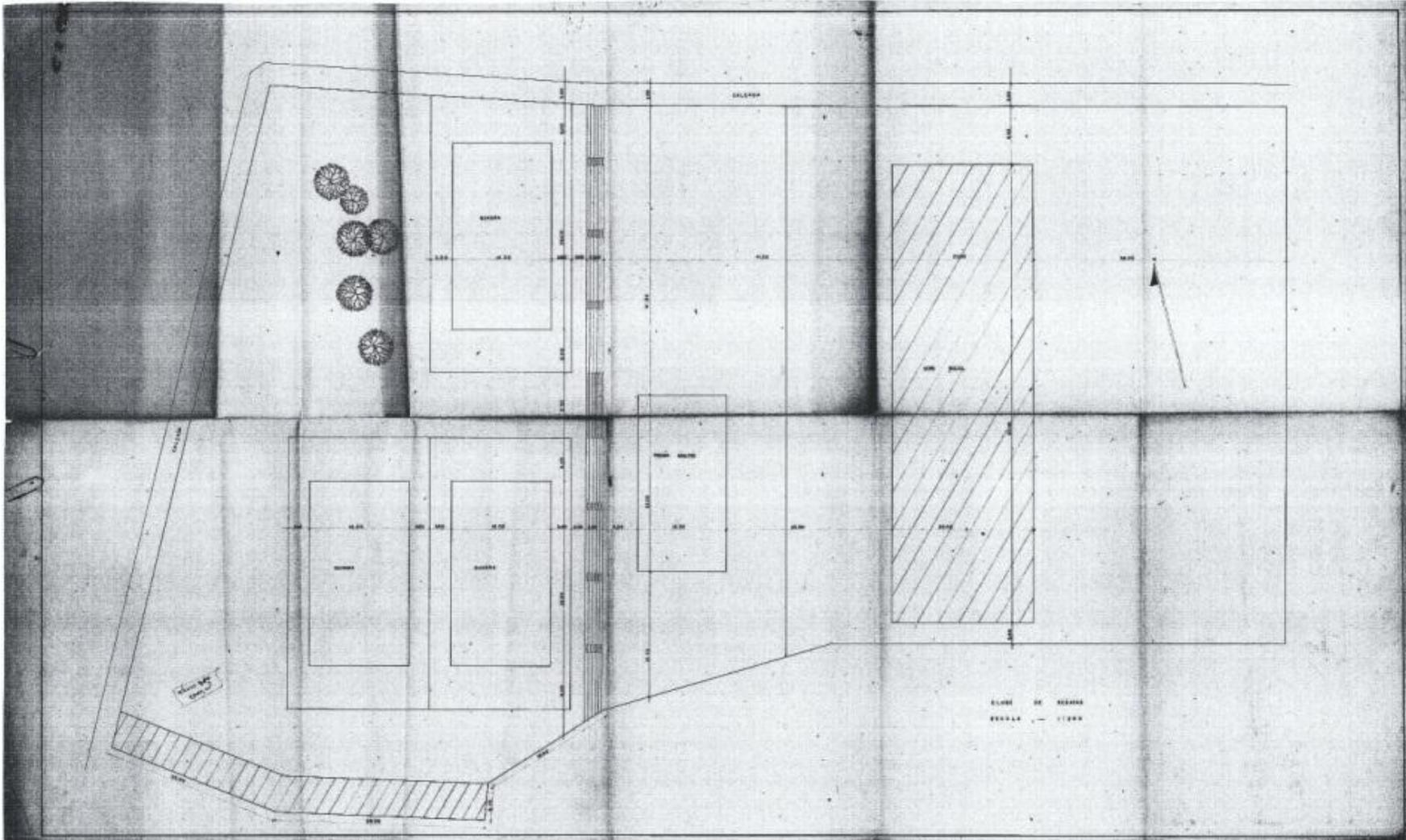
determinam também a continuidade dos espaços e atendem a um dos pontos destacados por Armando de Holanda em seu Roteiro para Construir no Nordeste.

**Fig. 54 – Fachada do Clube de Regatas da Barra do Ceará**



Fonte: Acervo Ivan Britto

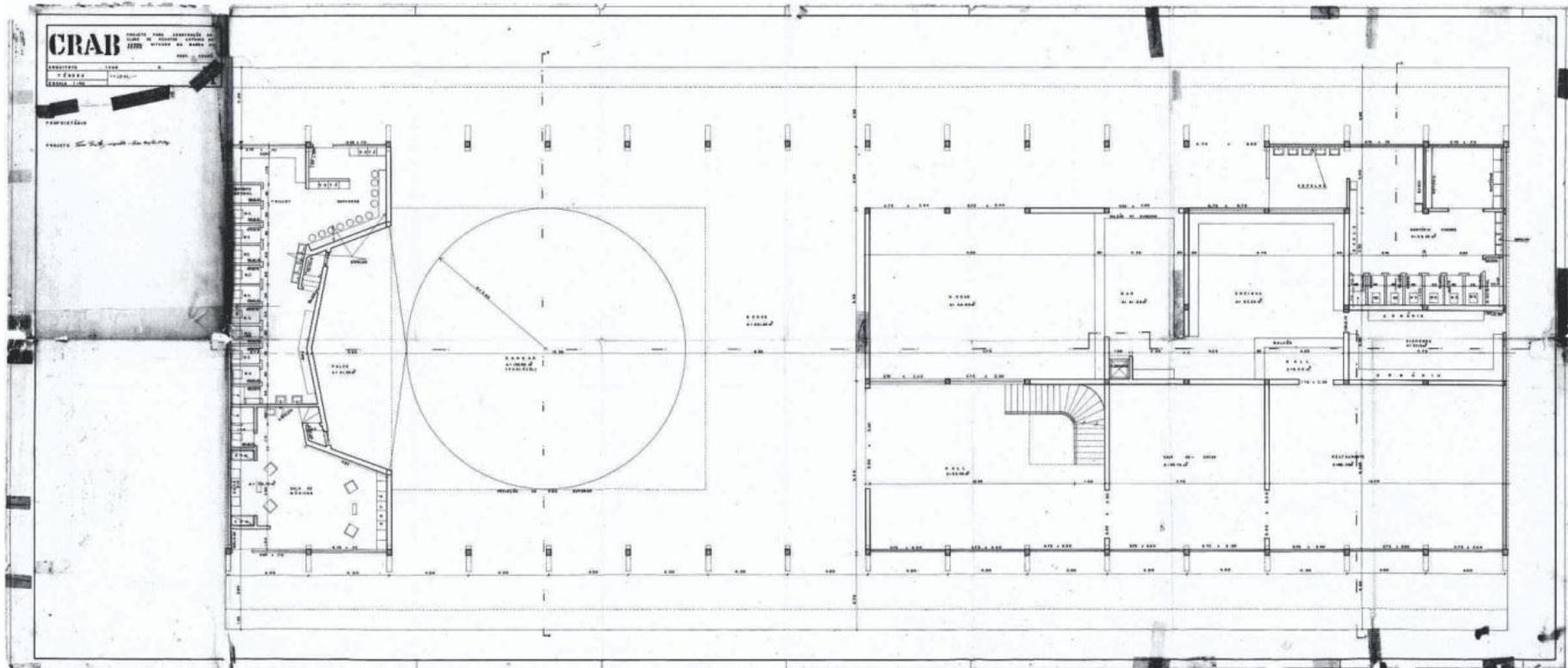
Fig. 55 – Planta de implantação com a locação da sede social, piscinas e quadras nos três níveis em que o terreno foi retificado



Fonte: Acervo Ivan Britto

A sede social determinou praticamente toda a massa edificada do clube, caracterizando-o visualmente. Constitui-se de um bloco em forma prismática, retangular, com dominância horizontal. Segue com muita clareza os princípios modernistas. A estrutura em concreto do pórtico, projetada pelo engenheiro calculista Valdir Campelo, é determinante na forma final do edifício. São ao todo dezesseis pórticos dispostos lado a lado, com uma modulação de 4,00m de eixo a eixo, que vencem um vão de 20,00m dividido em dois planos de cobertura com lajes inclinadas, com uma cumeeira a 10,50m de altura e altura de 9,00m na sua borda. O pórtico também apoia a laje de piso do pavimento superior, destinado a outro salão mais exclusivo, que se lança em um balanço de 3,00m. A laje determina a altura de 4,20m no térreo, de piso a piso. Como consequência imediata da estrutura projetada ocorre a independência das vedações, das esquadrias e a liberdade da espacialização interna do programa de necessidades.

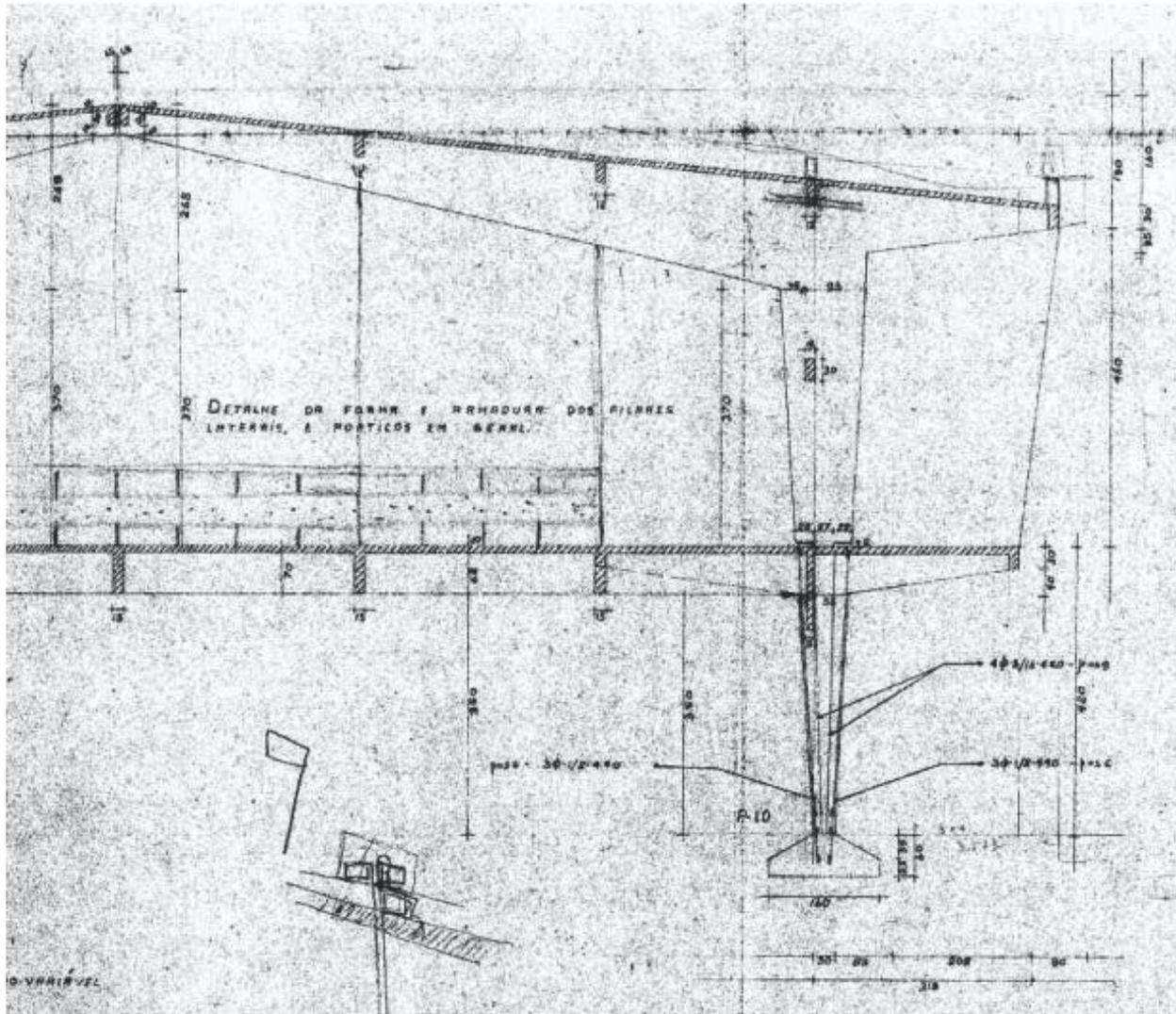
Fig. 56 – Planta do pavimento térreo do bloco da sede social



Fonte: Acervo Ivan Britto

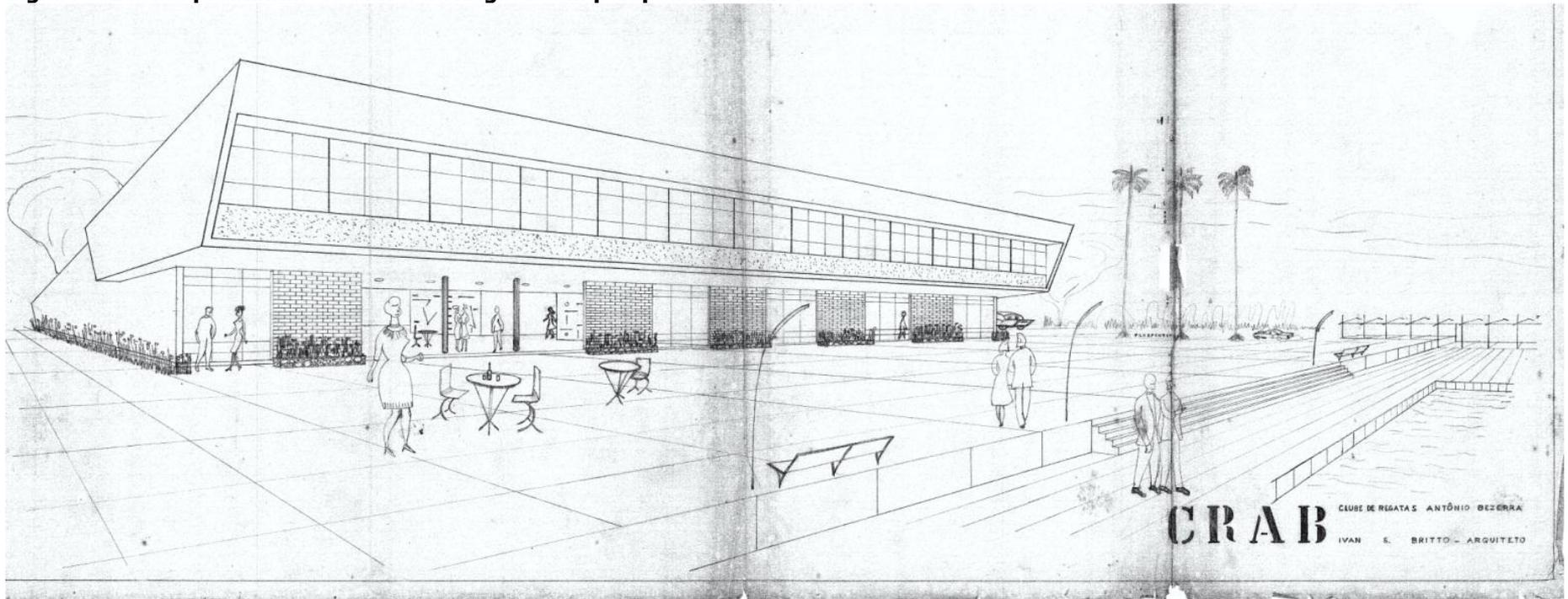


Fig. 58 – Detalhe do projeto estrutural destaca o pórtico



Fonte: Acervo Ivan Britto

**Fig. 59 – Estudo preliminar do Clube de Regatas em perspectiva cônica**



Fonte: Acervo Ivan Britto

No desenho em perspectiva do estudo preliminar observa-se a alteração ocorrida na volumetria entre o estudo e a obra. Havia uma intenção de criar um bloco fechado com esquadrias em fita aproveitando o balanço. Esse espaço seria correspondente ao salão nobre, hierarquicamente superior ao térreo, de utilização geral. A estrutura ficaria mimetizada e a modulação seria demonstrada pelos planos

fechados, pelas aberturas de circulação, acessos e esquadrias de ferro e vidro. As fachadas laterais inclinadas em uma única laje teriam uma diagonal mais marcante. A fachada principal teria, assim, uma maior imponência evidenciada pelo volume superior em elevação, lançando-se na altura em balanço. Seria certamente uma solução mais onerosa. As decisões de mudanças no projeto acarretaram a substituição da ousada volumetria em bloco por uma solução porticada, mais aconchegante pela naturalidade da coberta em duas águas, com lajes em concreto. A estrutura define as fachadas laterais. O módulo é duplo, formada pela junção de dois pórticos invertidos que se tocam formando a cumeeira. No conjunto, o resultado final confere mais amplitude horizontal e vertical, os pilares ficaram mais perceptíveis, a modulação mais marcada e a transparência entre o interior e o exterior mais ampla, transmitindo uma sensação de mais permeabilidade.

Outro detalhe que chama a atenção é o não fechamento das laterais no pavimento superior. O fechamento em alvenaria compactaria o bloco superior, o que permitiria a distinção volumétrica. Esse fechamento não ocorreu, mantendo visível o balanço da laje nas fachadas laterais. Essas interferências nas intenções originais do projeto tornaram-no certamente mais palatável aos gostos de seus contratantes,

visto que não foi identificada nenhuma informação de que patrocinaram outra obra de caráter “modernizador”. Mesmo assim, o projeto nos permite contemplar em uma edificação de caráter não residencial alguns dos pontos citados por Le Corbusier: a fachada livre, a planta livre, as janelas em fita e o térreo de livre circulação (apesar de situar-se em espaço privado) tal qual o pilotis.

A edificação segue com rigor o pensamento da racionalização da construção em um projeto de cálculo estrutural enxuto, que contemplou pilares bastante delgados para o porte da edificação. Os pilares, com seção retangular em concreto de 25x30cm, variam em largura da base ao topo, pois se elevam do piso à coberta com suas faces inclinadas e contínuas, apesar de serem interceptadas pela laje do pavimento superior. Essa continuidade reforça a integridade da edificação em sua verticalidade nos vãos entre os pórticos. Esse efeito diminui o peso visual do comprimento de 64,25m da mais franca horizontalidade. É uma compensação proporcional muito sutil, mas que proporciona equilíbrio a uma modulação tão rigorosa, quanto monótona. Monotonia essa que parece seguir o curso do rio, tranquilo e sereno, atuando numa combinação compassada em que os pórticos fluem à medida de suas correntes, no ir e vir ao mar, como citava Lucio Costa,

com uma “cadência uniforme” em referência à uniformidade dos intervalos. No conjunto o projeto refletiu princípios corbusianos como a pureza geométrica, as linhas simples e o rigor utilitário do edifício.

**Fig. 60 – Visita às obras do bloco principal.**



Fonte: Acervo Ivan Britto

Do ponto de vista da adequação ao sítio e às condições climáticas regionais, o projeto contempla algumas soluções adequadas,

**Fig. 61 – Sequência dos pórticos na fachada**



Fonte: Acervo Ivan Britto

outras nem tanto. A própria implantação do bloco da sede social privilegiou a vista para o rio e as condições paisagísticas em detrimento da insolação indesejável do oeste. Ao mesmo tempo em que proporciona visibilidade total do pôr-do-sol, considerado o mais bonito da cidade, expõe a sua fachada frontal, mais extensa. Para atenuar esses efeitos negativos de conforto, Britto propôs um pé-direito alto o que melhora o desempenho térmico interno por convecção do ar quente. Ao contemplar as aberturas de face a face, garantiu a ventilação cruzada em todo o ambiente. Ocorre a captação da ventilação predominante de sudeste e os movimentos da brisa marítima que segue em direção à terra pela manhã e retorna para o rio no período noturno. Britto consegue fazer uma proteção à fachada mais exposta ao utilizar-se dos balanços nas lajes que compõem o primeiro piso e a coberta. O avanço de 3,00m proporciona um espaço externo protegido, que impede a insolação direta nas esquadrias e funciona como um avarandado sombreado, que acontece nos dois pavimentos. Essa solução confere à edificação uma característica regional, mais próxima da arquitetura local tradicional do uso das varandas como elemento de proteção e transição para o espaço interno. Além da garantia da renovação de ar nos ambientes internos, há também o ganho pela iluminação natural ao minimizar a necessidade do uso de recursos artificiais durante o dia.

**Fig. 62 – Vista aérea do Clube de Regatas na foz do Rio Ceará. Ao lado esquerdo vemos trecho da ponte José Martins Rodrigues que atravessa o Rio Ceará**



Fonte: PMF (2006)

**Fig. 63 – Vista interna do bloco principal mostra a modulação da estrutura e a laje inclinada em concreto**



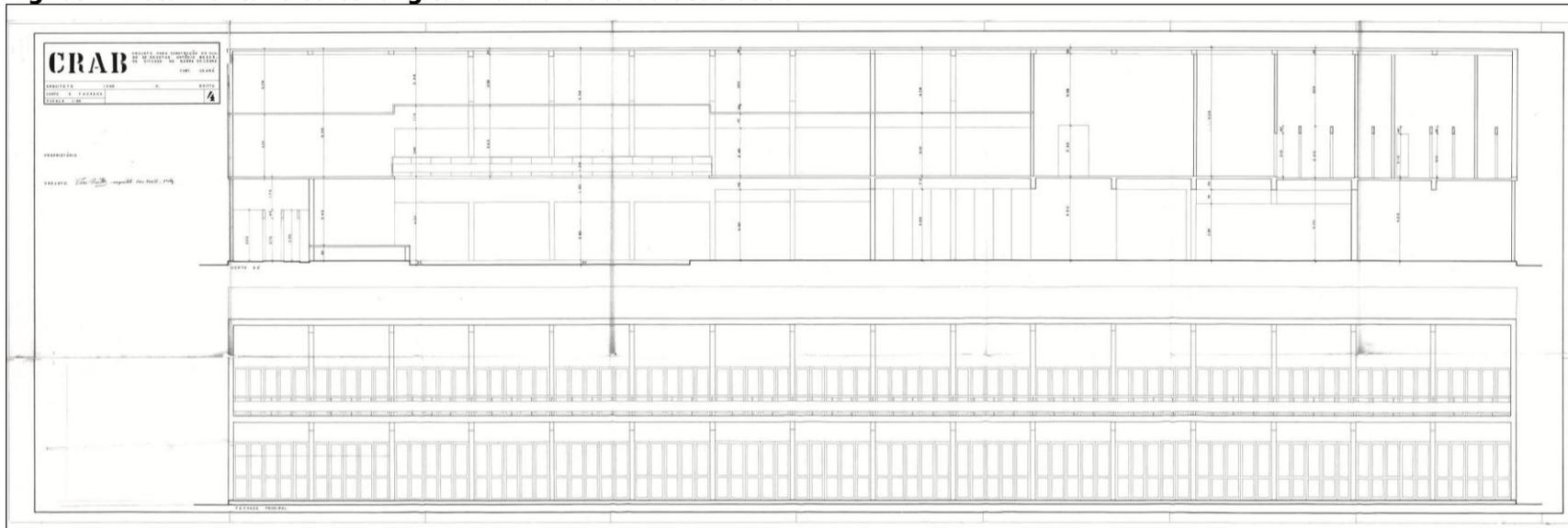
Fonte: PMF (2006)

**Fig. 64 – Piscina e trampolim do CRAB**



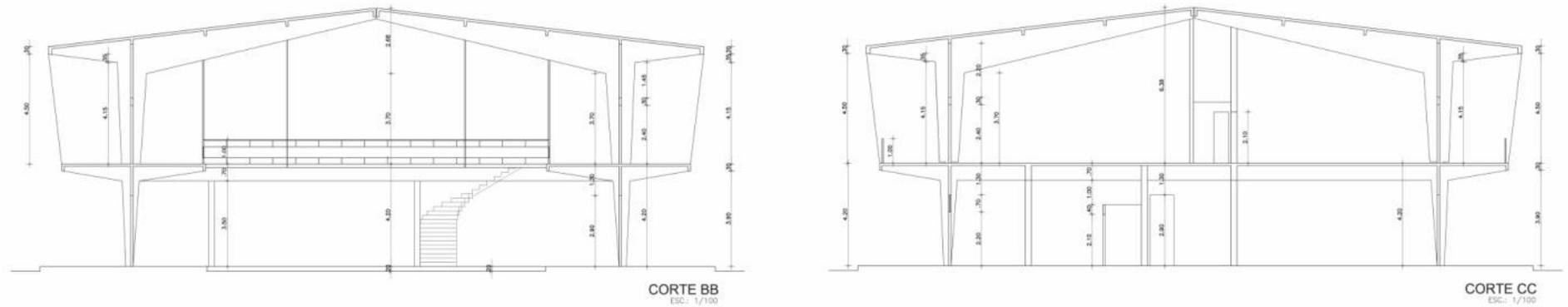
Fonte: Acervo Ivan Britto

**Fig. 65 – Vista frontal e corte longitudinal do bloco da sede social**



Fonte: Acervo Ivan Britto

**Fig. 66 – Cortes transversais do bloco principal**



Fonte: Acervo Ivan Britto

**Fig. 67 – Vista do palco através do vazio do salão do pavimento superior**



Fonte: PMF (2006)

**Fig. 69 – Vista externa do bloco principal evidencia a estrutura**



Fonte: Acervo PMF (2006)

**Fig. 68 – Vista externa do bloco principal pelo acesso**



Fonte: PMF (2006)

**Fig. 70 – Um dos mais tradicionais bailes de Carnaval ocorria no clube**



Fonte: Acervo Ivan Britto

**Fig. 71 – Vista do salão do bloco da sede social a partir do palco, com vista direta para o Rio Ceará**



Fonte: PMF (2006)

**Fig. 72 – Fotografia panorâmica das obras do CRAB**



Fonte: Acervo Ivan Britto

---

### **4.3 Atualmente, o CUCA**

Em 2006 a Prefeitura Municipal realizou o Concurso Público Nacional de Idéias para a reforma do Clube de Regatas com o objetivo de transformá-lo em um centro cultural-desportivo. A idéia é que esse se constituísse no equipamento-modelo dos chamados CUCA's, os Centros Urbanos de Cultura, Artes, Ciências e Esportes de Fortaleza. O certame

ocorreu com a instalação de uma comissão de licitação com a assessoria do IAB-CE, que colaborou na montagem do Termo de Referência, no edital, na composição da comissão julgadora, avalizando o caráter nacional da disputa. O IAB-CE distinguiu o arquiteto Ivan Britto, autor do projeto original, indicando-o para compor o corpo de jurados, que ainda contou com o arquiteto Eduardo de Castro Mello indicado pelo CREA-CE, a arquiteta Zilsa Maria Pinto Santiago pela UFC, o arquiteto Otacílio Teixeira Lima Neto – o Bisão (recentemente falecido) pela PMF, além do Assessor de Políticas da Juventude, Afonso Tiago Nunes de Sousa.

No dia 9 de março o resultado do certame foi divulgado no Museu de Arte Universitária da UFC (MAUC), em evento que contou com a mostra expositiva dos projetos classificados e a presença de vários representantes das equipes concorrentes. O júri conferiu o primeiro lugar à Suzuki Arquitetura, de Londrina, liderada por Eduardo Hideo Suzuki e Any Kig Kanabushi, dentre os 45 projetos inscritos.

A ata do júri citou o projeto vencedor da seguinte forma:

Esta ideia se destaca entre as demais pela implantação e articulação do conjunto das edificações no terreno, respeitando o ambiente circundante através da hierarquia dos

fluxos, acessos e disposição das funções do programa. A viabilidade econômica da proposta evidencia-se na manutenção racional e aproveitamento da estrutura existente (edificação e piscina), integrando-a aos novos usos. Considera a temática ambiental, apresentando e justificando soluções sustentáveis e de conforto ambiental. Demonstra conhecimento e domínio do programa com solução espacial elaborada de forma consistente, criando linguagem arquitetônica de qualidade, resultando em um desenho harmônico identificado com a concepção institucional do CUCA (PMF, 2006, p. 1).

**Fig. 73 – Fachada do bloco principal antes da sua reforma**



Fonte: PMF (2006)

**Fig. 74 – Vista aérea da foz do rio Ceará com destaque para a implantação do CUCA**



Fonte: [www.fortaleza, ce.gov.br](http://www.fortaleza.ce.gov.br). Acesso em 18/09/2014

Segundo os autores, o conceito do projeto está baseado na juventude, sua dinâmica e pluralidade, é sobre ela que incidem as mudanças. Comentam que “é importante tornar os jovens protagonistas dessa transformação, desde o planejamento das ações até o desfrutar dos resultados...” Nesse sentido é preciso “encarar os jovens como fontes e não receptores”. O projeto busca atender algumas premissas sociais impostas pelo edital, de forma a “romper os muros e trabalhar o estigma de morador da periferia”.

O CUCA foi batizado de Che Guevara, justificado na época pelo fato do revolucionário médico argentino ter a sua vida dedicada a combater as injustiças sociais e se contrapor a espoliação do trabalhador pelos ideais capitalistas. O fato gerou um intenso debate político-ideológico sobre a pertinência da denominação, mas que permanece até os dias de hoje. O conjunto foi inaugurado em 2009 e funciona com uma variada oferta de cursos, atividades e programas educativos, que contempla a comunidade do entorno, pessoas de baixa renda, historicamente carentes de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento humano. O bairro Barra do Ceará está inserido no perímetro de Secretaria Executiva Regional I (SER-I) da Prefeitura

Municipal, que congrega 10 bairros, a partir do limite da zona central até o extremo oeste da cidade. Segundo dados de uma pesquisa denominada Cartografia da Criminalidade e Violência de Fortaleza<sup>35</sup> de 2009, a SER-I agrega uma população total de 390mil habitantes, que representa 16,5% do total da capital, possui um dos piores índices de vulnerabilidade social, com rendimento médio familiar abaixo de 4 s.m. e taxa de inatividade de 37,2% entre os residentes. A Barra do Ceará com uma população de 81.104 habitantes e uma grande extensão territorial é apontada como o bairro que detém o maior número de ocorrências detectadas em termos absolutos. Apesar disso é o que vem obtendo decréscimo constante dos percentuais em relação aos outros bairros. Ao final a pesquisa faz algumas reflexões que podem ser relacionadas a evolução urbana e social da região, assim como a necessidade de que políticas públicas possam ser concretizadas no sentido de se obter avanços e modificação do quadro atual:

---

<sup>35</sup> A pesquisa foi realizada pelo Laboratório de Direitos Humanos, Cidadania e Ética (LABVIDA) e Laboratório de Estudos da Conflitualidade e Violência (COVIO), ambos da Universidade Estadual do Ceará, e o Laboratório de Estudos da Violência (LEV), da Universidade Federal do Ceará. Foram utilizadas informações fornecidas pela Coordenação de Medicina Legal (COMEL) da Perícia Forense (órgão que substituiu o Instituto Médico Legal - IML); pelo Sistema de Informações Policiais da Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social (SIP/SSPDS); e pela Guarda Municipal e Defesa Civil de Fortaleza (GMF).

Um dado que nos ajuda na compreensão dessa realidade é a localização dos bairros da SER-I no extremo oeste da cidade, região historicamente desprovida de investimentos em serviços e equipamentos públicos, que a diferencia da região leste da cidade de Fortaleza. Apesar disso, é nesta regional que há amplo capital social acumulado proveniente dos movimentos sociais urbanos e da existência de programas e projetos governamentais ou não governamentais.

A Barra do Ceará, apesar de ser o bairro com o maior número de ocorrências criminais da regional, demonstra queda em tais indicadores. Outros bairros da SER-I, contrariamente, apresentaram crescimento no número de ocorrências em 2009, ou sem mudanças significativas em relação aos anos anteriores. Cabe o questionamento: de que forma as políticas públicas governamentais têm, efetivamente, garantido a segurança e a qualidade de vida das pessoas?

Em face dessa situação é evidente a importância do resgate da edificação para o uso público, tanto do ponto de vista construtivo e projetual, como de suas intenções de usufruto e humanização das relações sociais. Infelizmente, o projeto selecionado não garantiu a manutenção das características originais modernistas. Aproveitou a

massa edificada do bloco da sede social, no entanto criou acréscimos espúrios que mascararam importantes pontos já citados anteriormente. Dessas, talvez a mais inadequada foi a transformação do contorno original da estrutura definidora da fachada lateral em um retângulo que escondeu as lajes demarcatórias da cobertura, preencheu as laterais da varanda em balaço até o nível do térreo. Essa interferência retira da estrutura ao papel de protagonista na definição da forma, além de não permitir mais a percepção visual do pórtico, principal elemento na composição da edificação. Houve o acréscimo de aletas de alumínio sobre o beiral da laje de cobertura para que houvesse maior proteção da insolação. Essas definições de projeto não levaram em consideração os relevantes pontos de identificação do prédio original com os princípios modernistas. Criou outras referências formais nas edificações anexas e submeteu o principal bloco a um padrão contemporâneo pretensioso e descompromissado com a memória da arquitetura moderna do estado.



## **Capítulo V - *O Estádio Plácido Castelo (Castelão)***

### **5.1 O início de um gigante**

Ivan Britto integrou a equipe de profissionais responsável pelo projeto do Estádio Plácido Castelo, conhecido popularmente como Castelão, cujo projeto iniciou-se em 1968, estendeu-se a 1971, mas que apenas foi inaugurado em 1973. Estiveram reunidos no grupo, além dele, os arquitetos Gerhard Ernst Bormann, José Liberal de Castro, Reginaldo Mendes Rangel e Marcílio Dias de Luna. Todos eram professores da Escola de Arquitetura da UFC, encontravam-se diariamente, conheciam-se mutuamente, assim como partilhavam o mesmo gosto pelo ideário modernista. Ainda assim, ao tomar conhecimento de um concurso de elaboração do projeto do estádio organizado pelo IAB-CE cada um se inscreveu individualmente para participar do certame. Por alegadas razões de conveniência de tempo, foram recomendados então pelo Governo do Estado a formarem o grupo

que iria se responsabilizar pelo projeto arquitetônico de maior expressão do período.

A ideia de um projeto de estádio estadual surgiu no governo de Plácido Castelo. O governador Plácido Castelo<sup>36</sup>, que emprestaria seu nome ao equipamento, foi o primeiro a ser eleito indiretamente durante a ditadura militar. Sua gestão foi marcada com a inauguração de grandes obras que notabilizaram o novo poder: rodovias, presídios, açudes, hospitais, a estação rodoviária de Fortaleza, a conclusão das obras do Palácio da Abolição<sup>37</sup> e até a criação do Banco de Desenvolvimento do Estado do Ceará (BANDECE). A mais significativa obra foi a construção de um estádio de futebol, de caráter público e de dimensões inéditas na região. O estádio integrou um arco de grandes praças desportivas erguidas por todo o país no período de exceção comandado pelos militares. Foi inaugurado em 1973 com um grande público em um jogo entre os dois principais clubes da cidade<sup>38</sup>, Ceará e

---

<sup>36</sup> Plácido Aderaldo Castelo (1906-1979), nascido em Mombaça, tem uma biografia repleta. Graduou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, exerceu jornalismo, docência e cargos de promotoria, juiz municipal e conselheiro do TCE, presidente da OAB-CE, membro da Academia Cearense de Letras, do Instituto Histórico do Ceará, foi deputado, prefeito de Fortaleza e governador do Estado de 1966 a 1971.

<sup>37</sup> O Palácio da Abolição foi projetado pelo arquiteto carioca Sérgio Bernardes em fins da década de 1950 e abriga a estrutura executiva do Governo do Estado. A edificação, hoje tombada em nível estadual, foi concluída no Governo Plácido Castelo após três mandatos de lentidão nas obras.

<sup>38</sup> A inauguração ocorreu apenas na gestão seguinte, do governador César Cals de Oliveira Filho (1926-1991), em 11 de novembro de 1973. O jogo era válido pelo campeonato nacional, recebeu o público de 44.742 pessoas e terminou com o placar *em branco*. Fonte: dados da Secretaria de Esportes do Ceará

Fortaleza, em meio a efusivas manifestações da sociedade cearense. O estádio estava incompleto nessa ocasião, faltava-lhe a coberta, assim como os anéis da arquibancada superior por trás dos dois gols. Mesmo sem a sua formatação final o equipamento impressionou pela sobriedade e pela monumentalidade, bastante evidenciados pelo uso do concreto aparente e do rigor geométrico da construção. Afinal esse foi o maior empreendimento da época, símbolo de desenvolvimento e um programa novo, em que tudo era superlativo. A conclusão das arquibancadas superiores e o devido fechamento do perímetro do estádio apenas ocorreu em 1980 no governo de Virgílio Távora<sup>39</sup>. Na época estava em plena vigência o regime militar já em clima de uma incipiente, mas irreversível insolvência política, mas que ainda patrocinava uma estratégia ufanista que teve uma âncora na construção de equipamentos desportivos no país.

---

<sup>39</sup> Virgílio de Moraes Fernandes Távora (1919-1988) foi nomeado governador em 1978. Era coronel do exército, tendo exercido mandatos de deputado e senador, foi um dos políticos mais influentes no Ceará durante o regime ditatorial militar brasileiro. Juntamente com César Cals e Adauto Bezerra formavam o trio dos *coronéis* da política cearense. Em 9 de julho de 1980 o Castelão recebeu a visita do Papa João Paulo II, para o X Congresso Eucarístico Nacional, com um público recorde de 120mil pessoas em toda a sua história.

**Fig. 76 – Estádio Castelão na época de sua inauguração em 1973 ainda inconcluso no anel superior**



Fonte: Arquivo Agência Diário

**Fig. 77 – Castelão no ano de 1987, com o anel superior das arquibancadas completo**



Fonte: Arquivo Agência Diário

**Fig. 78 – O Machadão em Natal foi demolido em 2011**



Fonte: <http://www.sospontanegra.org/2011/05/marcha-do-machado-dia-14-as-no.html>. Acesso em 10/12/2014

Foram construídos, no período da década de 1970 inúmeros estádios de referência em diversas capitais brasileiras tais como o Serra Dourada (GO), o outro Castelão (MA), o Machadão<sup>40</sup> (RN), o Vivaldo Lima (AM), o Mané Garrincha (DF), entre outros. Segundo o historiador Gerson Fraga, professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (RS) foram erguidos pelo menos trinta estádios entre 1972 e 1975.

Há uma questão a ser considerada na contextualização histórica. Quando o olhar crítico mira o viés político, se percebe que ocorreu uma sensível utilização da prática desportiva como instrumento de propaganda pela ditadura militar.

Não é incomum utilizar-se da popularidade do esporte para conectar um governo totalitário com a sociedade oprimida, censurada, em busca de um *brado retumbante* qualquer que possa lembrar uma vitória pessoal ou apenas a liberdade momentânea que isso possa a vir significar. O futebol foi tão incorporado pelo roubo ufanista do regime militar que culminou com o título de tricampeão mundial da Seleção

<sup>40</sup> O Castelão de São Luis do Maranhão denomina-se oficialmente Estádio Governador João Castelo. Já o Machadão em Natal (RN), inaugurado em 1972, originalmente foi chamado de Estádio Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, sendo também conhecido como Castelão. Apenas em 1989 o seu nome foi alterado para Estádio João Cláudio de Vasconcelos Machado.

Brasileira em 1970, como foi pelos fascistas italianos vencedores do Mundial em 1934, ou pelo governo militar argentino na Copa de 1978, como foi pelo governo alemão hitlerista nas Olimpíadas de 1936 em Berlim, mesmo com o seu fracasso nas pistas e gramados.

**Fig. 79 – A chegada da tocha olímpica e o Estádio Olímpico de Berlim em 1936**



Fonte: <http://www.fotocommunity.de/pc/pc/display/29325983>. Acesso em 10/12/2014

O Real Madrid foi largamente vitorioso durante o franquismo na Espanha, principalmente na década de 1950, quando venceu cinco torneios dos campeões da Europa, atual *Champions League*. O próprio

estádio do clube merengue tem o nome do seu presidente Santiago Bernabeu, cujo extenso mandato coincidiu quase que plenamente com a ditadura franquista entre os anos de 1943 a 1978. Mesmo que o status conferido ao esporte não tenha sido fruto dessas ações políticas, não quer dizer que não seja alvo de estratégias propagandistas no sentido de angariar a simpatia e a cumplicidade da sociedade, tornada beneficiária dessas conquistas da bola nos seus cenários admiráveis.

**Fig. 80 – Estádio Serra Dourada em Goiânia, projetado por Paulo Mendes da Rocha**



Fonte: <http://www.ogol.com.br/estadio.php?id=288>. Acesso em 10/12/2014

É um debate que transcende ao primeiro olhar da questão arquitetônica. No entanto, se insere diretamente na relação do contratante e financiador público com os parâmetros norteadores e impactantes dessas obras monumentais do Brasil “grande” e “milagroso”. O discurso vitorioso do país dentro e fora dos gramados tem a sua vertente simbólica na grandeza imponente do concreto. O porte desses equipamentos vangloriou o poderio tecnológico da indústria nacional, ao mesmo tempo em que uniu o desejo regional por grandes conquistas de seus clubes e o orgulho pelo sentimento de pertencimento a uma espécie de elite esportiva nacional, mesmo que esse panorama não refletisse as condições socioeconômicas dos estados contemplados. De toda forma, ainda nos dias de hoje, essas praças desportivas carregam enorme carga simbólica, sendo que invariavelmente, tornaram-

se verdadeiros ícones de suas cidades. A arquitetura não é uma resultante direta da intenção, muitas vezes camuflada, do contratante, nem ao menos pode ser responsabilizada (assim como o próprio esporte) pelos seus efeitos políticos (in)consequentes.

Há, no entanto, uma série de desdobramentos concretos intimamente relacionados à sua existência como objeto de análise arquitetônica, à sua materialidade e a sua inserção no espaço da cidade. Até hoje é inédito no estado o fato de que uma obra pública tão representativa tenha sido desenvolvida por uma equipe numerosa de profissionais de arquitetura. Seguramente, um dos desafios da pesquisa seria determinar qual o papel desempenhado por cada um dos autores. A dificuldade deverá ser minimizada simplesmente pela não tentativa de destrinchar os limites decisórios e inventivos dos autores, mas de vislumbrar a resultante projetual dessa conjunção intelectual. O trabalho coletivo é, portanto uma das características específicas relacionadas a esse projeto, assim como em várias outras ocasiões do modernismo arquitetônico, sendo mais relevante o projeto do Ministério da Educação e Saúde, que contou com a participação de Oscar Niemeyer, Jorge Machado Moreira, Carlos Leão, Afonso Eduardo Reidy, Ernani Vasconcellos, sob a coordenação de Lúcio Costa. Pois bem, essa equipe

constituía uma verdadeira seleção de notáveis (ou potenciais), assim como o grupo cearense, que envolveu os prestigiados professores da festejada Escola de Arquitetura do Estado. Seria a garantia da excelência do projeto que teria, nos dois casos, uma carga simbólica indiscutível para os momentos políticos correntes. Consideremos, pois a relevância das ideias coletivas sobre a individualidade das participações. Ao tratar do assunto, assinala Durand (1991, p. 16) que

Uma das características da arquitetura de vanguarda é a valorização do trabalho em grupo, com liberdade de expressão assegurada a cada participante. Esta particularidade, contudo, introduz um fator de indeterminação de autoria que pode levar à usurpação de ideias, gerando, com frequência, a necessidade de testemunhos com a finalidade de estabelecer os créditos de cada um, para a devida capitalização das contribuições pessoais.

As discussões iniciais acerca do projeto ocorreram em torno da localização do equipamento. Havia algumas alternativas, como o espaço ocupado pelo 23º Batalhão de Caçadores, área contígua ao já utilizado estádio municipal Presidente Vargas, o conhecido PV, no bairro do Benfica, muito próximo ao centro da cidade e uma boa alternativa de proximidade com os lados leste e oeste da cidade. Houve, obviamente

uma natural dificuldade nas negociações com os militares, já bastante imbuídos da necessidade de monitoramento e vigilância da própria sociedade. Eles não ficaram nem um pouco sensibilizados com a ideia de abrir mão do enorme terreno em local estratégico para um equipamento de concentração popular. Surgiram, então outras possibilidades em terrenos mais afastados, o que proporcionaria também um menor investimento estatal na aquisição de terras, devido ao porte do estádio, que deveria comportar mais de 100mil pessoas. O objetivo seria construir um dos maiores estádios do país. Essa decisão praticamente eliminou outras alternativas de sua implantação em áreas já urbanizadas. Outras possibilidades estudadas foram a zona oeste da cidade, nos bairros de Alagadiço, no Itaperi e no Pici. Foram inviabilizados também pelo alto custo do investimento. Surgiu então o terreno pertencente à Santa Casa de Misericórdia no bairro Alto da Boa Vista, sul da cidade, em uma região periférica de baixíssima densidade demográfica, sem infraestrutura instalada, mas de custo bem inferior às possibilidades aventadas. Assim, foi adquirido o local de 25 hectares para a implantação do estádio por Cr\$ 450.000,00 (quatrocentos e cinquenta mil cruzeiros). Um terreno plano, próximo às margens do Rio Cocó, coberto por uma vegetação rasteira e de baixo porte, que, em

**Fig. 81 – Área destinada à construção do estádio**



Fonte: Acervo MIS

tese, imporiam mínimos obstáculos ao desenvolvimento do projeto e execução das obras. E assim nasceu o chamado Gigante da Boa Vista.

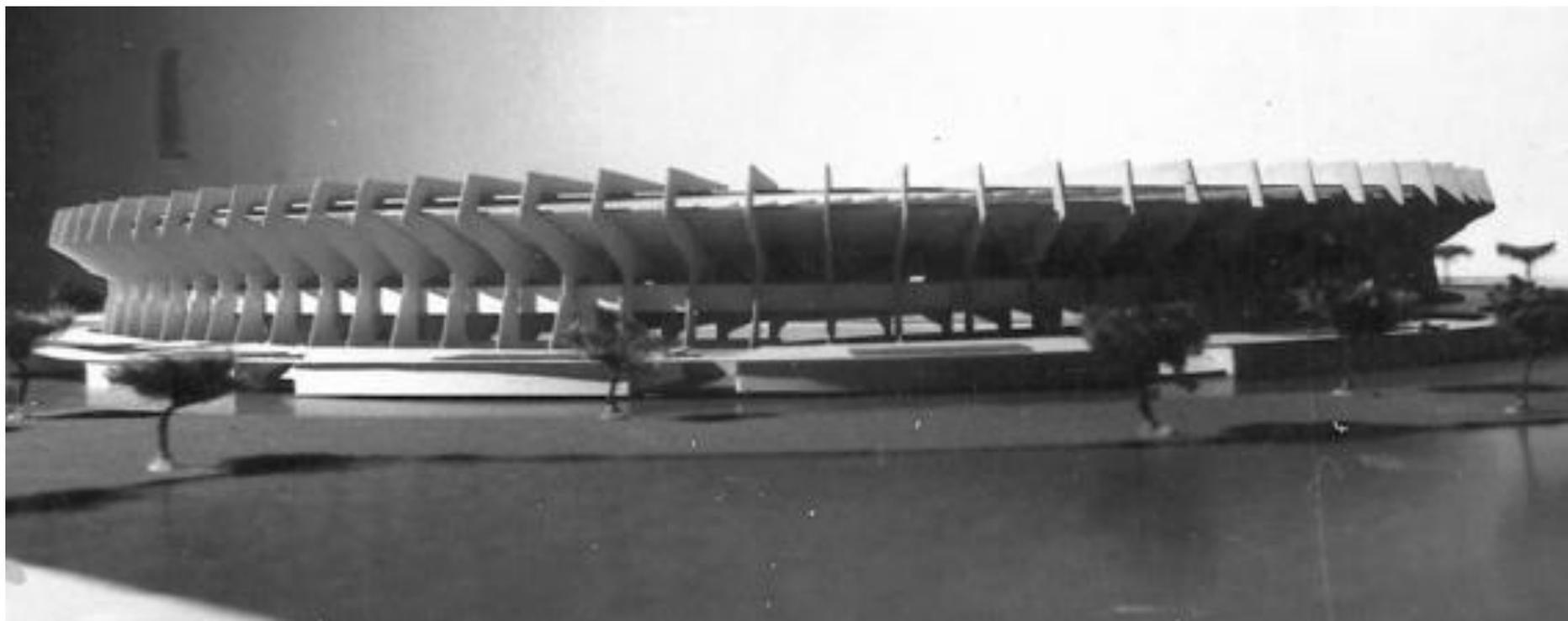
Havia uma hipótese de que o equipamento seria indutor de urbanização para a área. Na verdade ocorreu uma ocupação do entorno do estádio, mas o que se percebeu foi o desordenamento, a dificuldade de controle por parte dos órgãos urbanos da administração municipal em disciplinar a construção, o uso do solo estabeleceu-se à revelia da legislação. O bairro foi sendo configurado com um processo de favelização já iniciado, ocupações em áreas de risco, determinadas pela proximidade com as margens rio Cocó, o que proporcionou interferências danosas de degradação ambiental.

Completo-se assim a primeira das etapas iniciada com a criação de um órgão denominado Federação de Assistência Desportiva do Estado do Ceará (FADEC). A sua missão foi tomar os procedimentos administrativos para o empreendimento, tanto do ponto de vista do gerenciamento do projeto, como de determinar diretrizes de uma política pública de esportes para o estado.

O estádio foi concebido num incessante ritmo de trabalho devido à sua complexidade e o porte do projeto, inédito para todos os integrantes da equipe. A própria organização dos trabalhos e as decisões iniciais aconteceram antes mesmo da compra do terreno, conforme relata o arquiteto Sampaio Neto (2012, p. 70):

A equipe contratada tratou logo de se estruturar com a montagem de um escritório para este fim exclusivo; foram alugadas duas salas comerciais no recém-inaugurado edifício Palácio do Progresso, à época o mais moderno edifício comercial de Fortaleza, cujo projeto era de autoria de Liberal de Castro. Foram também contratados alguns valorosos auxiliares como o estudante de arquitetura (futuro arquiteto, artista plástico e professor da Escola de Arquitetura da UFC) Nearco Araújo e o desenhista e maquetista Jair Quezado. Cientes da provável demora na escolha e aquisição do terreno para o futuro estádio, os arquitetos resolveram desenvolver um projeto sem as considerações advindas do lugar, ainda indefinido. O "projeto fechado", conforme se refere Liberal de Castro pressupunha uma área mínima de 16 hectares para a sua implantação.

**Fig. 82 – Foto da maquete do estádio**



Fonte: Arquivo Nícia Bormann

Fig. 83 – Imprensa da época demonstrava o júbilo pelo projeto dos cearenses

JORNAL DA CONFIANÇA

Fortaleza, Ceará, 15 de novembro de 1973

**"KNOW-HOW"****CEARENSE**

A maior praça de esportes do Nordeste, o "Castelão", foi projetada por cearenses. Uma pesquisa em profundidade foi realizada noutros estádios para que, de seu somadouro, saísse o resultado do que se pretendia implantar aqui. O certo é que o projeto cearense chamou a si a responsabilidade de suprimir as falhas observadas em outros centros, acrescentando, também, pontos verificados inexistentes em outros projetos para que o "goal" saísse diferente.

Esse Estádio-cidade (quando pronto abrigará confortavelmente 110 mil pessoas), não parará na glória de mais de 70 mil espectadores iniciais. O Governo continuará se empenhando para que as curvas do oval sejam completadas e o orgulho cearense satisfeito com a contemplação e posse do que será um dos maiores estádios do mundo e o quarto do Brasil (no País, ficará abaixo apenas do Maracanã, Morumbi e Mineirão).

*O Castelão está aí.*

Fonte: Arquivo Jornal da Confiança

---

## 5.2 Um olhar periférico

Em termos de partido arquitetônico, a equipe definiu suas referências programáticas que interfeririam no formato geométrico do estádio. A principal delas refere-se à classificação do estádio em termos de uso. Ser ou não ser um estádio olímpico, eis uma questão primordial. Um fato histórico foi importante para essa decisão. O ano de 1968 foi o das XIX Olimpíadas de Verão da Cidade do México, a primeira ocorrida na América Latina, com transmissão pela TV e o assunto repercutia nas discussões sociais e em especial nas reuniões de projeto. As disputas ocorreram no Estádio Olímpico Universitário situado no campus da Universidade da Cidade do México que chegou a receber 83.700 pessoas na ocasião, mas a maior referência foi o Estádio Azteca<sup>41</sup>, onde ocorreram as partidas de futebol. Inaugurado em 1966, projetado para as Olimpíadas de 1968 e o Campeonato Mundial de 1970, o Azteca logo se tornou um ícone frente às expectativas geradas pelos dois dos maiores eventos esportivos do mundo.

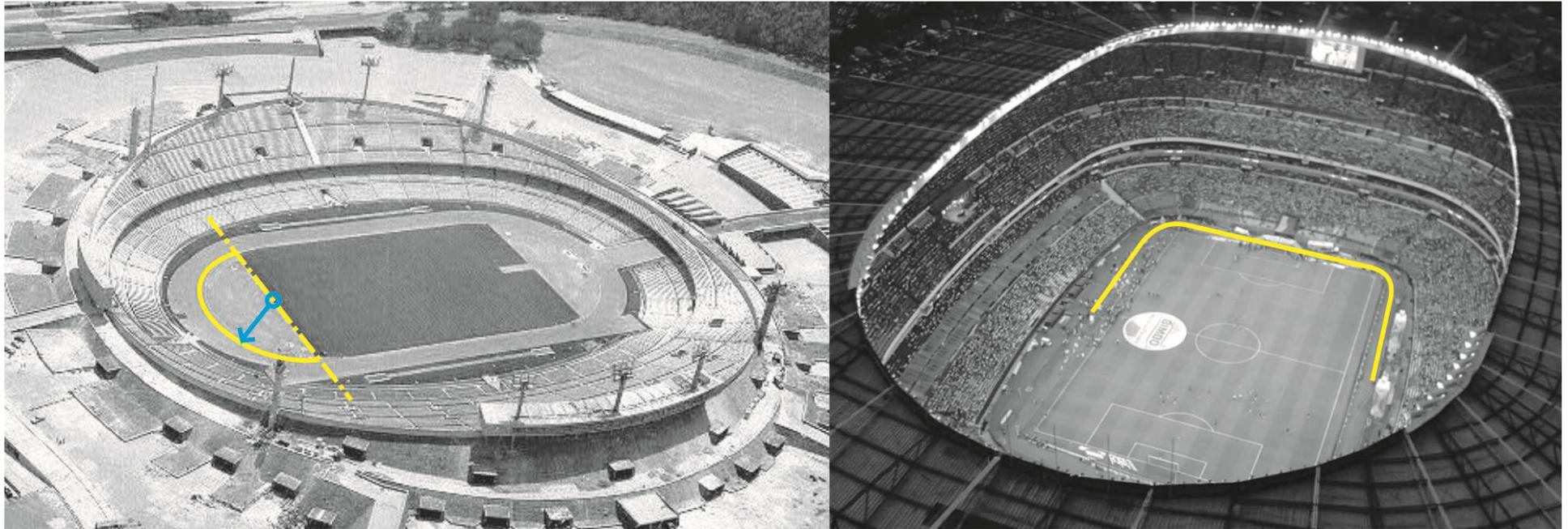
---

<sup>41</sup> O Estádio Azteca, projetado pelos arquitetos Pedro Ramírez Vázquez e Rafael Mijares Alcérreca, tem capacidade para 114.600 pessoas, segundo site da FIFA. É o terceiro maior estádio do mundo em espectadores sentados. Sua construção foi iniciada em 1962, com inauguração quatro anos depois, em 29 de maio de 1966. Foi palco de duas finais de Copa do Mundo (1970 e 1986). Ficou conhecido como o Colosso de Santa Úrsula.

A diferença fundamental entre os edifícios está no fato de que para que o estádio tenha a sua função olímpica tem que haver uma pista de atletismo de 400m que circunde o campo de jogo. Essa extensão de pista necessita que um arco de 180 graus seja desenhado nas duas extremidades do campo, com centro próximo à baliza do gol. Ora, essa conformação atende aos requisitos olímpicos, no entanto afasta o público, ao criar duas zonas de pouca visibilidade do jogo, em locais de menor procura pelos espectadores. Dá-se preferência para assistir os jogos nas faixas paralelas ao campo. A própria transmissão televisiva das partidas naturalmente repete essa opção. Assim, a decisão da equipe foi eliminar a possibilidade do estádio ter o uso olímpico para proporcionar ampla visibilidade do espectador em qualquer local das arquibancadas. Essa decisão foi determinante para a geometria e o formato final da edificação.

Nesse aspecto, o Estádio Castelão possui características similares ao Azteca, ou seja, não é um estádio olímpico. De forma irreversível. Esse foi um dos pontos que permeou as futuras decisões projetuais, ao privilegiar a funcionalidade, o conforto visual máximo e a utilização da praça esportiva para a prática do futebol, essencialmente.

**Fig. 84– Comparação entre os campos de jogo. Do lado esquerdo o Estádio Universitário com a pista de 400m, à direita o Estádio Azteca com a supressão da pista e a aproximação da arquibancada, similar ao Castelão**



Fonte: Intervenção do autor em imagens digitais (2014)

Outra referência havia sido um projeto nacional, o Estádio Magalhães Pinto, conhecido por Mineirão, localizado na região da Pampulha, inaugurado em 1965. Projetado pelos arquitetos Eduardo Mendes Guimarães e Gaspar Garreto, o Mineirão foi concebido sobre o antigo projeto do Estádio Universitário. De 30mil pessoas a sua capacidade seria ampliada para 100mil espectadores. Foram pesquisados exemplos

em vários países, principalmente estádios japoneses que receberam as Olimpíadas de Tóquio em 1964. Havia ainda o espírito da modernidade, uma das premissas usadas para a construção desses verdadeiros monumentos do progresso:

Podemos perceber que, nesse contexto, ser moderno representava ter um grande estádio, capaz de abrigar um número elevado de pessoas (mesmo sabendo que, nem em todos os jogos, essa capacidade máxima seria atingida) o que possibilitaria se firmar no circuito nacional do futebol, concorrendo diretamente com Rio e São Paulo que, como foi visto, eram hegemônicos em termos políticos, econômicos e futebolísticos. Além disso, há uma grande valorização do conhecimento científico, enfatizado através do elogio à competência e à habilidade dos bacharéis mineiros em engenharia e arquitetura. Este fato nos permite identificar a noção de progresso e desenvolvimento presente naquele tempo. Somado a isso, o Mineirão tornou-se um monumento para a cidade de Belo Horizonte, relacionado a um projeto de modernidade tecnocrática, de expansão urbana na qual as curvas da Pampulha substituíam as retas do projeto inicial. (CAMPOS; SILVA, 2013, p. 8)

**Fig 85 – Estádio Mineirão visto da Lagoa da Pampulha**



Fonte: Acervo do autor

O estádio Mineirão integrou o complexo da Pampulha, que teve por princípio a Carta de Atenas, edificada na década de 1940, um bairro novo criado por JK para ser o centro intelectual, cultural, lazer e esporte da ainda nova capital mineira. Marcou a arquitetura moderna brasileira com os projetos de Oscar Niemeyer, como a Casa do Baile, a

Igreja de São Francisco de Assis, o Cassino e o Iate Tênis Clube. Após a implantação da cidade universitária da Universidade de Minas, o seu centro olímpico serviu de base para a obra do novo estádio, com capacidade para 130mil pessoas, que representou a capacidade tecnológica e construtiva do estado. Da mesma forma, o projeto cearense também estava impregnado com esses princípios modernizantes. E estava a cargo de um grupo que estava vinculado à recém-criada Escola de Arquitetura da UFC, berço intelectual do modernismo na arquitetura de Fortaleza<sup>42</sup>. Apesar da similaridade do contexto conceitual o Mineirão tinha a derivação do formato olímpico e o Azteca surgiu como o principal estudo para o novo projeto.

A concepção do Estádio Castelão está vinculada à prévia determinação do entorno do campo de jogo no ponto de vista dos planos horizontais e da estrutura de concreto em relação aos seus planos verticais. Permeando essa tridimensionalidade estão contemplados os fluxos de acesso, circulação interna e evacuação do público, funcionários, atletas e prestadores de serviços.

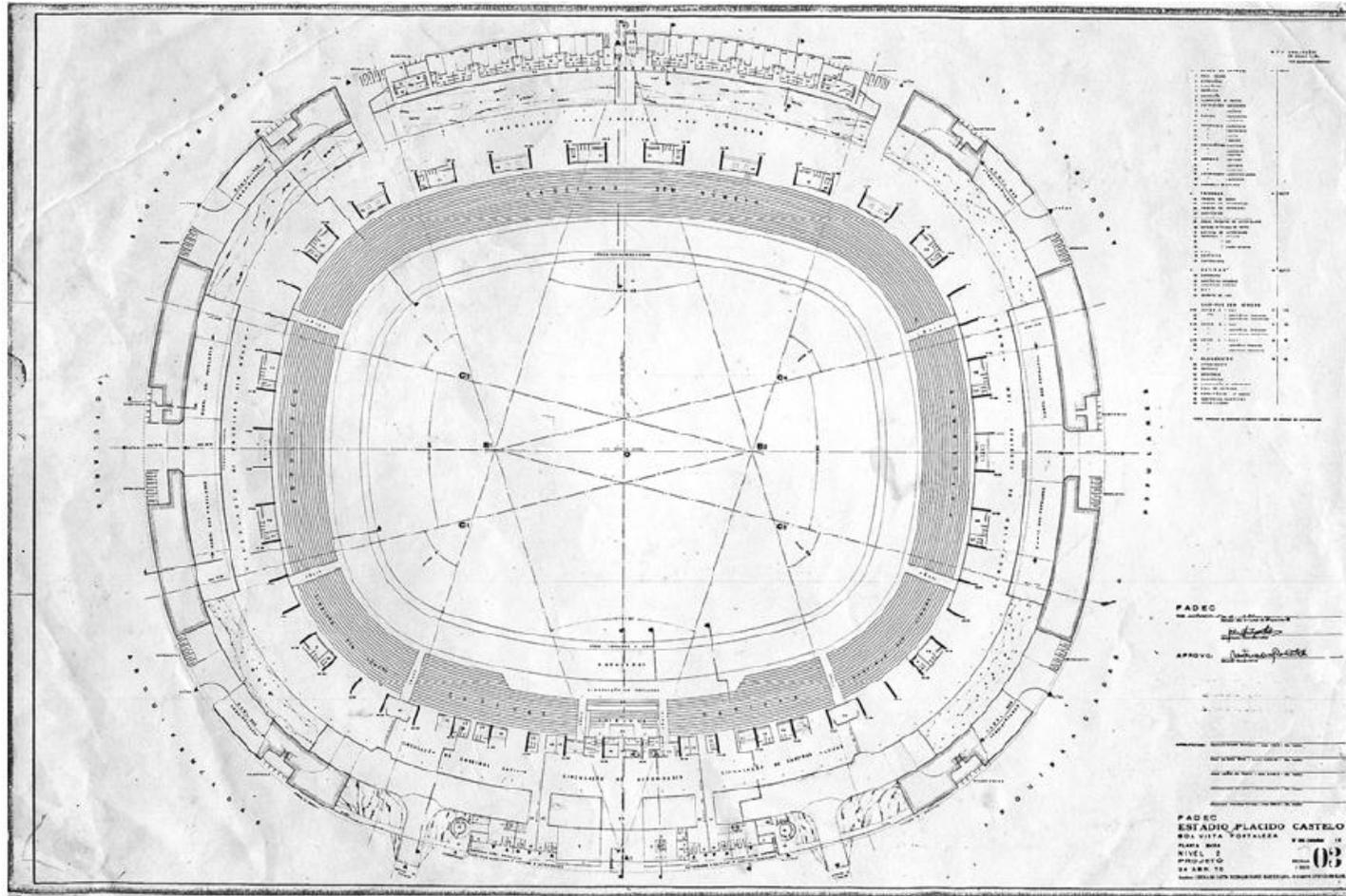
---

<sup>42</sup> Segundo relatos houve inclusive uma tentativa de que o projeto do Castelão tivesse sido destinado aos arquitetos mineiros. No entanto, uma pronta iniciativa junto ao governo do Estado levou inicialmente à ideia do concurso organizado pelo IAB-CE e depois a formação da equipe com os inscritos.

O campo possui dimensões oficiais, com o seu entorno imediato geometricamente desenhado através de uma elipse de oito centros, conforme planta do nível 2 (fig. X). O formato gerado foi estendido ao fosso, aos níveis de arquibancadas, aos corredores de circulação e à coberta, obedecendo a um rigoroso paralelismo das linhas curvas. Como o terreno natural encontra-se em uma pequena colina a implantação do campo foi feita em rebaixamento de 3m do nível mais alto. Essa ação proporcionou o aproveitamento das encostas laterais para a implantação do setor popular (ao nível do campo), conhecida por "geral" e do primeiro lance de cadeiras com saída direta para o nível zero (0.00). Já as arquibancadas, que receberiam o maior número de espectadores ocupariam os níveis superiores ancorados no perfil dos próprios pilares de concreto. Os acessos e saídas para os três setores aconteciam da seguinte forma:

- O setor popular, através de aberturas nas extremidades longitudinais;
- O setor de cadeiras, no sentido transversal ao nível da circulação externa;
- O setor de arquibancadas, através de rampas localizadas nos quadrantes da elipse em número de quatro.

Fig. 86 – Planta original do projeto mostra a geometria do contorno do estádio de oito centros



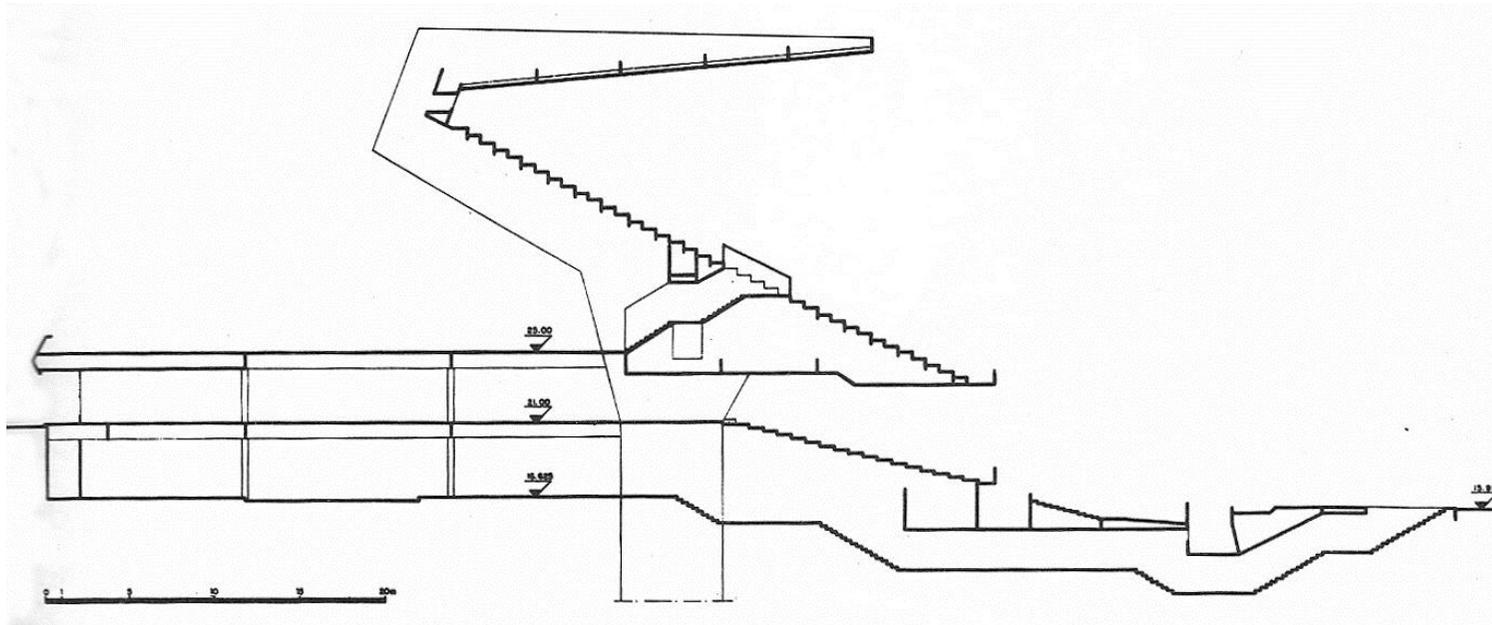
Fonte: Arquivo Nícia Bormann

Quanto aos aspectos verticais do projeto a estrutura é que vai moldar os resultantes formais e a volumetria do conjunto. O edifício foi

projetado para ser compacto e solidário, com os vetores dos esforços anulando-se para garantir a estabilidade da construção. Como a referência principal era o Estádio Azteca o primeiro estudo para o pilar sugeriu que ele tivesse duplo apoio, similar ao estádio mexicano. O desenho do pilar determina o funcionamento do equilíbrio estrutural, está vinculado à solução de coberta e o escoamento das águas pluviais, faz a demarcação das plataformas de circulação em seus respectivos níveis, além de ser o módulo gerador que ao ser multiplicado vai resultar no formato externo do equipamento. Enfim, é o elemento diferenciador das soluções para essa tipologia arquitetônica. Aqui a relação entre o projeto de cálculo e o arquitetônico é praticamente uma simbiose, a unidade de raciocínio da equipe manifesta-se em um resultado que deve atingir a perfeição técnica e o vigor plástico. A participação e o envolvimento dos engenheiros calculistas Hugo Alcântara Mota e Eduardo de Sabóia Carvalho foi fundamental para a qualidade da solução. Nesse caso, é levada ao máximo a afirmação modernista que diz que quando a estrutura se resolve aparece a arquitetura. Ao final dos estudos e das variações o pórtico se apresentou com uma configuração monoapoiada e com balanço duplo, uma estrutura robusta, mas visualmente elegante, único, sem variações dimensionais nem formais.

Ao ser repetido 60 vezes e rotacionado radialmente, ele contorna todo o perímetro do estádio proporcionando o seu volume externo.

**Fig. 87 – Corte setorial do pórtico apresenta a estrutura dos platôs de acesso, a arquibancada, o fosso e o nível do campo**



Fonte: Arquivo Nícia Bormann

Um importante detalhe que teve que compatibilizar com o desenho final do pórtico foi a curva de visibilidade. A construção geométrica do conforto visual do espectador não é uma simples trama regular entre altura e largura da arquibancada com uma distância para circulação. Como o próprio termo antecipa a combinação entre altura do

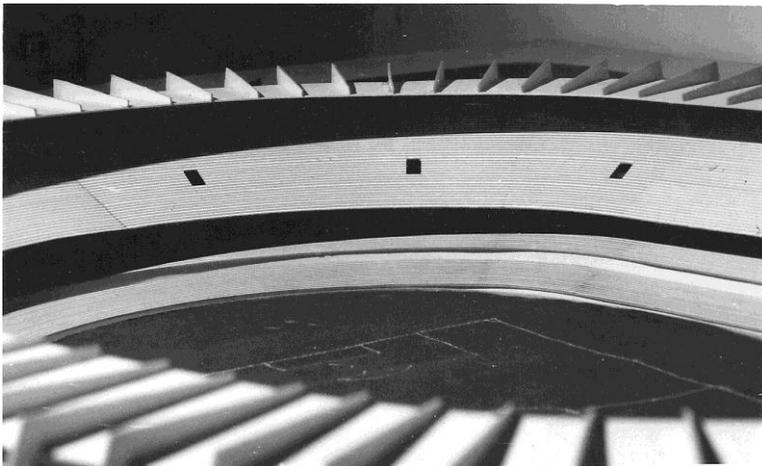
observador, distância para o campo de jogo, a diferença de altura entre os observadores e o ângulo de visão adequada vai gerar uma curva ascendente, que faz com que a arquibancada se eleve à medida que se afasta do objeto a ser observado. A adequada visibilidade em todos os locais do estádio foi uma das premissas básicas do projeto. Assim, foram estudados os mais variados perfis a partir das zonas mais críticas, as curvas dos quadrantes. Apenas depois da definição do desenho da curva de visibilidade apropriada e adequada por todo o perímetro dos lances da arquibancada é que se chegou ao ponto final acerca do pórtico. Mais uma vez prevaleceu a aliança da técnica construtiva com o bem-estar do público.

A implantação do estádio e seus elementos seguiu a adequada localização do campo de jogo no sentido norte-sul. A primeira fase de construção do Castelão gerou um problema relacionado aos jogos causado pela interrupção dos lances de arquibancada. A solução com relação à insolação foi a venda de dois tipos de ingressos e valores diferentes para os dois blocos de arquibancadas: uma voltada para o sol e a outra protegida pela sombra. Apenas quando houve a construção dos anéis complementares atrás das balizas é que aconteceu a unificação dos espaços dos espectadores e circulações. A partir desse

momento houve também a unidade de ingressos, sem nenhuma discriminação.

Ainda no período anterior, chamou a atenção do público o conforto ambiental no interior do estádio. Os espaços entre os lances e setores somados a duas aberturas verticais no lado leste, junto ao setor das cabines de transmissão e setor especial, favoreciam a ventilação cruzada, visto que aproveitava o sentido sudeste-noroeste da aeração predominante na cidade de Fortaleza. A ambiência no interior do estádio revelou-se agradável e aerada, mesmo que a cobertura planejada, embora curta, nunca tenha sido construída. Além das referências projetuais de outros equipamentos similares e conceitos modernistas comuns baseados no uso da tecnologia e na funcionalidade, a equipe não se distanciou da necessidade em atender os condicionantes climáticos da região. De uma forma geral o Castelão tornou-se não apenas um ícone arquitetônico, mas um relevante espelho de sua época, um equipamento que foi sendo adaptado às circunstâncias tecnológicas e políticas.

**Fig. 88 – A repetição dos pórticos resulta no formato externo do estádio**



Fonte: Acervo Nícia Bormann

---

### 5.3 Abalo estrutural e projeto alterado

Ao início do novo século o estádio sofreria outra intervenção decorrente principalmente da mudança de comportamento do público. O desordenado e contínuo crescimento das torcidas organizadas, o acirramento das rivalidades, as manifestações coreografadas e cadenciadas e as reações mais exageradas dos torcedores tanto nas derrotas como nas vitórias, extrapolaram os cálculos e os prognósticos seguros sobre a estabilidade da estrutura feitas em circunstâncias anteriores<sup>43</sup>. No dia 23 de junho de 1989, ocorreu uma ruptura em uma laje inclinada (ombreira) na parte superior da estrutura, que rompeu em cerca de 10m e caiu sobre uma das rampas de acesso. Felizmente não havia nenhum jogo programado nessa data. Em 2000 após um jogo em que a arquibancada balançou assustadoramente em resposta aos frenéticos movimentos da torcida a administração convocou um estudo sobre a situação. O estádio foi interditado para uma prospecção estrutural e um laudo de vistoria técnica assinado por uma

---

<sup>43</sup> “Em princípio as vibrações nas estruturas dos estádios de futebol são causadas pela movimentação das pessoas em atividades do tipo: pular, andar, correr, dançar, bater palmas, balançar o corpo lateralmente (ombro a ombro) e bater palmas balançando o corpo, todas essas atividades com sua respectiva faixa de “frequência de excitação” [...] (SOARES, 2009, p. 54).

comissão específica do CREA-CE revelou o desgaste sofrido ao longo dos anos. Assim, foi decretado pelo governo estadual o fechamento do estádio para as obras de recuperação estrutural, conforme cita Soares (2009, p. 32):

[...] foi interditado por solicitação de uma comissão de vistoria técnica do CREA-CE, em 09 de maio de 2000, a partir do qual iniciaram-se as obras, principalmente nas suas estruturas das arquibancadas, "recuperação e reforço do concreto armado aparente", com objetivos primordiais de solucionar alguns problemas estruturais e de conforto humano (torcedores e imprensa) quanto aos níveis vibracionais induzidos pelo próprio público situado nas arquibancadas. Para resolver esses problemas vibracionais existentes à época o governo do Estado do Ceará contratou a equipe experiente do professor doutor Pedro Afonso de Oliveira Almeida da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo – EPUSP, que conjuntamente com o escritório José Luiz Cardoso Engenharia de Projetos e Consultoria Ltda., propuseram algumas alternativas para os reforços da estrutura, após as informações fornecidas pelos ensaios dinâmicos de vibração forçada e os ensaios de monitoração [...].

No escopo da interdição alguns itens arquitetônicos foram incluídos. Dentre os objetivos da reforma, além da recuperação da estrutura do estádio, foram acrescentados: a construção da coberta, não

mais em concreto como previa o projeto original, mas em estrutura metálica e policarbonato e o enquadramento do estádio nas normas exigidas pela FIFA para sediar jogos internacionais. Foram instalados assentos nas arquibancadas e foi extinto o setor mais próximo ao campo, o trecho mais popular, conhecido como “geral”, em que os espectadores assistiam os jogos em pé. Com isso aconteceu um “enxugamento” na capacidade de público do estádio. A partir de então o Castelão teria capacidade máxima reduzida para 58.559 pessoas, todas sentadas<sup>44</sup>. No projeto constou também a adequação dos acessos e espaços para portadores de necessidades especiais, com a instalação de elevadores, rampas e lugares específicos destinados a cadeirantes.

A reforma que já durava dois anos foi interrompida para o jogo de reinauguração entre as seleções do Brasil e Iugoslávia em 27 de março de 2002. O Brasil estava prestes a embarcar para a Copa do Mundo dividida entre Japão e Coreia do Sul e se tornar pentacampeão. O jogo amistoso marcou a despedida para a viagem à Ásia, mas virou um verdadeiro palanque político para as eleições presidenciais que se avizinhavam... Ciclos que se repetem.

---

<sup>44</sup> IBIDEM (2009, p. 137)

Com a definição de Fortaleza como cidade sub-sede da Copa do Mundo de 2014 o Estádio Castelão passou a ser a atenção principal das autoridades. A FIFA editou um Caderno de Recomendações Técnicas para os estádios em que especifica itens obrigatórios e vários detalhes que iriam interferir em praticamente todos locais selecionados. Assim, os estádios brasileiros iniciaram uma verdadeira maratona para se adequarem às exigências apresentadas. Alguns foram construídos, outros foram reconstruídos, outros foram reformados como o Estádio Plácido Castelo. Recomendações como a distância do público ao campo de jogo já estavam facilitadas no Castelão pela decisão da equipe do projeto original quanto a não caracterização do estádio como olímpico. Assim o antigo setor popular daria lugar a um lance de cadeiras até o nível do campo. Outros itens constavam das exigências seriam contemplados no projeto de adequação: instalação de circuito fechado de televisão com alimentação própria; iluminação do gramado ligado a grupos geradores próprios; mínimo de quatro vestiários com 150m<sup>2</sup> cada, todos ligados a uma mesma circulação, sem comunicação com setor de imprensa e torcida; sala de imprensa com capacidade para 100 jornalistas e 10 emissoras de televisão; sala de exames médicos, sala para exame antidoping; sala de aquecimento (pode estar vinculada aos

vestiários); estacionamentos internos para as delegações, árbitros e delegados da FIFA, convidados VIP's; estacionamento específico para a imprensa; estacionamento para torcedores a um raio máximo de 1,5km do estádio; praças de alimentação; numeração das cadeiras. A concepção, inclusive, é passar a adotar a nomenclatura de Arena, dentro de um conceito de utilização multiuso dos equipamentos esportivos e o público mais próximo do campo.

O projeto do Castelão, após o lançamento de um edital de licitação pública, ficou a cargo do escritório Viglieca & Associados<sup>45</sup>. O Castelão foi fechado para as obras de adequação para a Copa de 2014 no dia 31 de março de 2011. O projeto de arquitetura teve início em 2008 e as obras estenderam-se até final de 2012. A reinauguração do estádio já com a denominação de Arena Castelão ocorreu em 27 de janeiro de 2013 com uma rodada dupla da Copa do Nordeste envolvendo os dois principais clubes do estado, Ceará e Fortaleza.

---

<sup>45</sup> Além do Castelão vários outros projetos foram entregues a escritórios de arquitetura através do sistema de Parcerias Público Privadas, bastante polêmicas quanto às suas contratações. As entidades representativas dos arquitetos foram frontalmente contrárias a essa modalidade de contratação, pois a grande maioria dos estádios pertence ou é gerida por governos municipais ou estaduais. A intenção das entidades é que se estabeleça uma cultura de realização de concursos nacionais públicos para obras dessa magnitude e proporcionar a devida transparência, isonomia e democratização no acesso aos projetos públicos.

**Fig. 89 – Interior da Arena Castelão às vésperas da reinauguração**



Fonte: <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia>  
Acesso em 08/12/2014

O projeto da Arena Castelão está descrito num memorial redigido pelo escritório responsável. As informações aqui relatadas foram destacadas do próprio texto. Assim, apresenta o novo estádio reformado como uma “arena multiuso, moderna e autossustentável”. Segundo o documento:

As modificações realizadas dão continuidade e estimulam a leitura do projeto original, da década de 1970. O volume externo do estádio foi fechado com uma pele translúcida, mas ao acessar seu interior é possível reencontrar os “gigantes de concreto” – como são conhecidos os pilares originais do Castelão. O estádio está renovado, mas sua identidade foi preservada. (glifos do memorial) (VIGLIECCA, 2012, p. 1)

Algumas considerações precisam ser expostas para que a análise seja referenciada quanto ao projeto original, sem deter-se em pormenores do projeto atual. Não haveria sentido sair do contexto em que o projeto foi concebido, pois a edificação passou a ser um ente arquitetônico permanente, visto que não houve a sua completa demolição (apenas parcial) e que houve, pelo menos, na retórica a intenção de preservação de sua identidade. Quanto à relação com o projeto original é imperativo citar que dois dos seus autores ainda estão

vivos, Liberal de Castro e Ivan Britto. Segundo relatos, em nenhum momento houve por parte do proprietário um indicativo de participação ou uma consulta acerca do novo projeto, quer seja para distingui-los, quer seja para atender a uma exigência legal. Segundo a legislação profissional do CREA<sup>46</sup> em vigor na época, a lei federal 5.194/66 que regulava o exercício das profissões de engenheiro, arquiteto e engenheiro-agrônomo:

Art. 18º. As alterações do projeto ou plano original só poderão ser feitas pelo profissional que o tenha elaborado.

Parágrafo único- Estando impedido ou recusando-se o autor do projeto ou plano original a prestar sua colaboração profissional, comprovada a solicitação, as alterações ou modificações deles poderão ser feitas por outro profissional habilitado, a quem caberá a responsabilidade pelo projeto ou plano modificado.

Art. 19º. Quando a concepção geral que caracteriza um plano ou projeto for elaborada em conjunto por profissionais legalmente habilitados, todos serão considerados co-autores do projeto, com os direitos e deveres correspondentes.

---

<sup>46</sup> Essa legislação à época ainda estendia-se ao exercício da profissão de arquiteto. Com o advento do CAU em 2010, esse artigo possui um texto análogo na lei 12.378.

A própria legislação que criou o CAU em 2010, a lei federal 12.378 cita conteúdos semelhantes e mais detalhados em:

Art. 16. Alterações em trabalho de autoria de arquiteto e urbanista, tanto em projeto como em obra dele resultante, somente poderão ser feitas mediante consentimento por escrito da pessoa natural titular dos direitos autorais, salvo pactuação em contrário.

§ 1o No caso de existência de coautoria, salvo pactuação em contrário, será necessária a concordância de todos os coautores.

§ 2o Em caso de falecimento ou de incapacidade civil do autor do projeto original, as alterações ou modificações poderão ser feitas pelo coautor ou, em não havendo coautor, por outro profissional habilitado, independentemente de autorização, que assumirá a responsabilidade pelo projeto modificado.

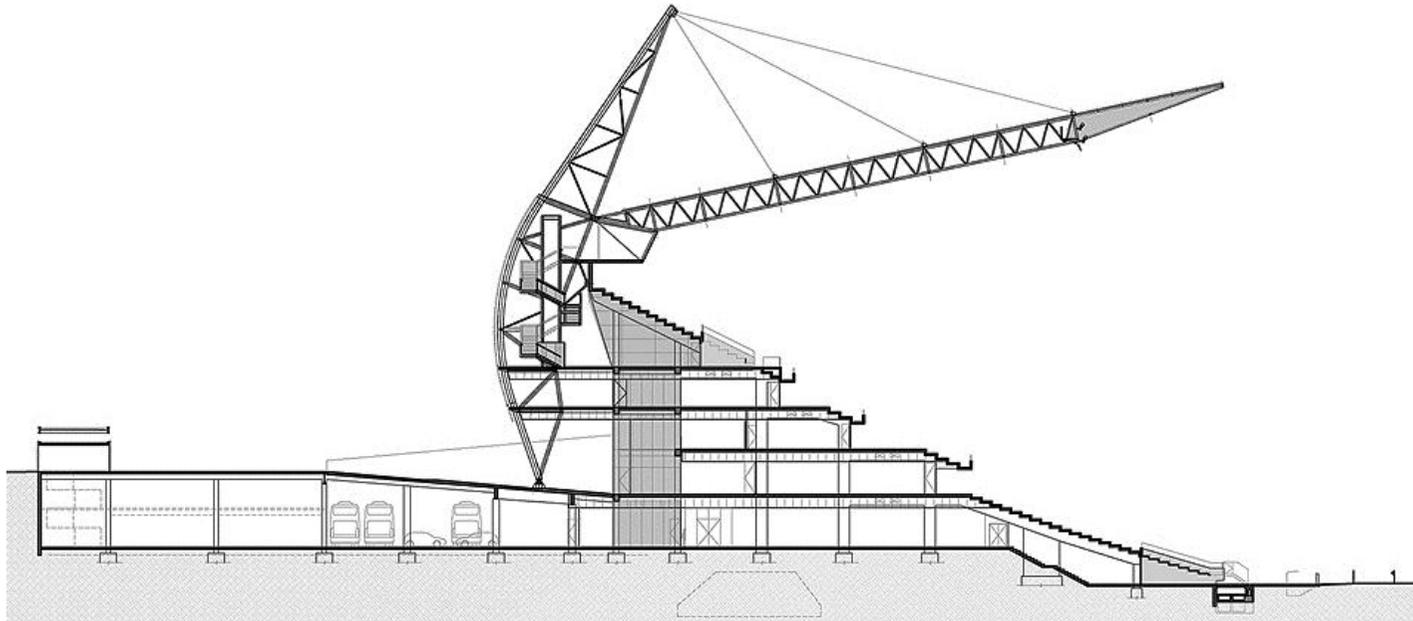
No caso da legislação profissional específica para os arquitetos ela se aplicaria apenas a partir da sua publicação. Mesmo assim, estaria dentro do intervalo de projeto da Arena Castelão, estando tanto o proprietário quanto a pessoa física ou jurídica que interviu no projeto original sujeito às penalidades cabíveis em lei, pois o processo

não contemplou o convite, nem a anuência, nem a devida responsabilidade técnica da(s) autoria(s) anterior(es).

Quanto ao projeto arquitetônico alguns itens devem ser considerados. É citado no memorial que a estrutura original foi recoberta por uma "pele translúcida". Na realidade esse recobrimento impede a visão da estrutura original do estádio conferindo-lhe outra percepção formal. Ao revestir a nova estrutura com vidro e uma tela metálica microvazada proporciona mascara-se o concreto aparente, que representava o sistema construtivo da época e simbolizava o conceito racional-funcionalista potencializado pelo uso do material. Criou-se assim um invólucro que não permite mais esse reconhecimento, que contradiz frontalmente o dito no memorial do projeto.

Ao mesmo tempo, essa crosta metálica revestida gerou mais uma situação negativa. O conforto térmico nas áreas internas da assistência e campo de jogo foi, senão tanto diminuído, praticamente extinto. O recobrimento impediu a ventilação cruzada antes existente, além de criar uma zona de alta concentração de calor no perímetro externo do estádio, pois está em contato direto com uma extensa laje plana impermeabilizada que tem a função de esplanada de acesso ao

**Fig. 90 – Corte setorial do pórtico apresenta a nova estrutura de cobertura, os platôs de acesso, a arquibancada retificada e o nível do campo rebaixado, além do novo revestimento externo**



Fonte: <http://www.vigliecca.com.br/pt-BR/projects/castelao-arena>. Acesso em 08/12/2014

interior do estádio assim como é a cobertura do novo estacionamento. Essa laje completamente estéril em concreto recebe uma intensa carga térmica solar durante o dia e por radiação cria uma camada de ar quente em contato constante com a fachada do estádio. Mesmo à noite quando o clima da cidade é bastante agradável percebe-se nas dependências

**Fig. 91 – Presença da laje é marcante na implantação**

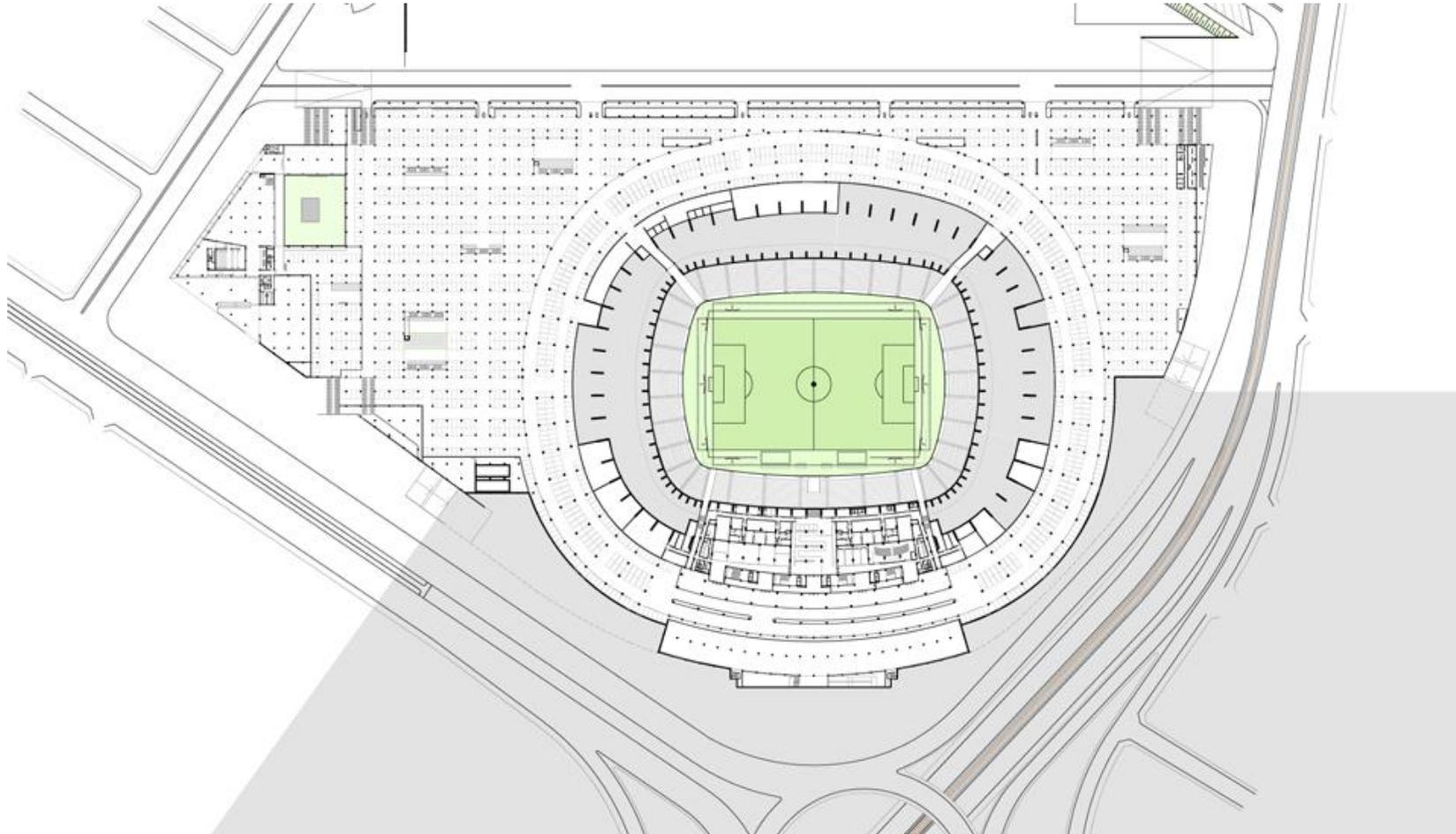


Fonte: <http://www.vigliecca.com.br/pt-BR/projects/castelao-arena>. Acesso em 09/12/2014

internas do estádio o aumento da temperatura. Outro fator que certamente intensificou o desconforto foi o fato de que o campo de jogo foi rebaixado em pelo menos 4,00m. Essa decisão criou uma zona mais profunda sem circulação e troca de ar, gerando uma sensível piora no desempenho térmico do estádio.

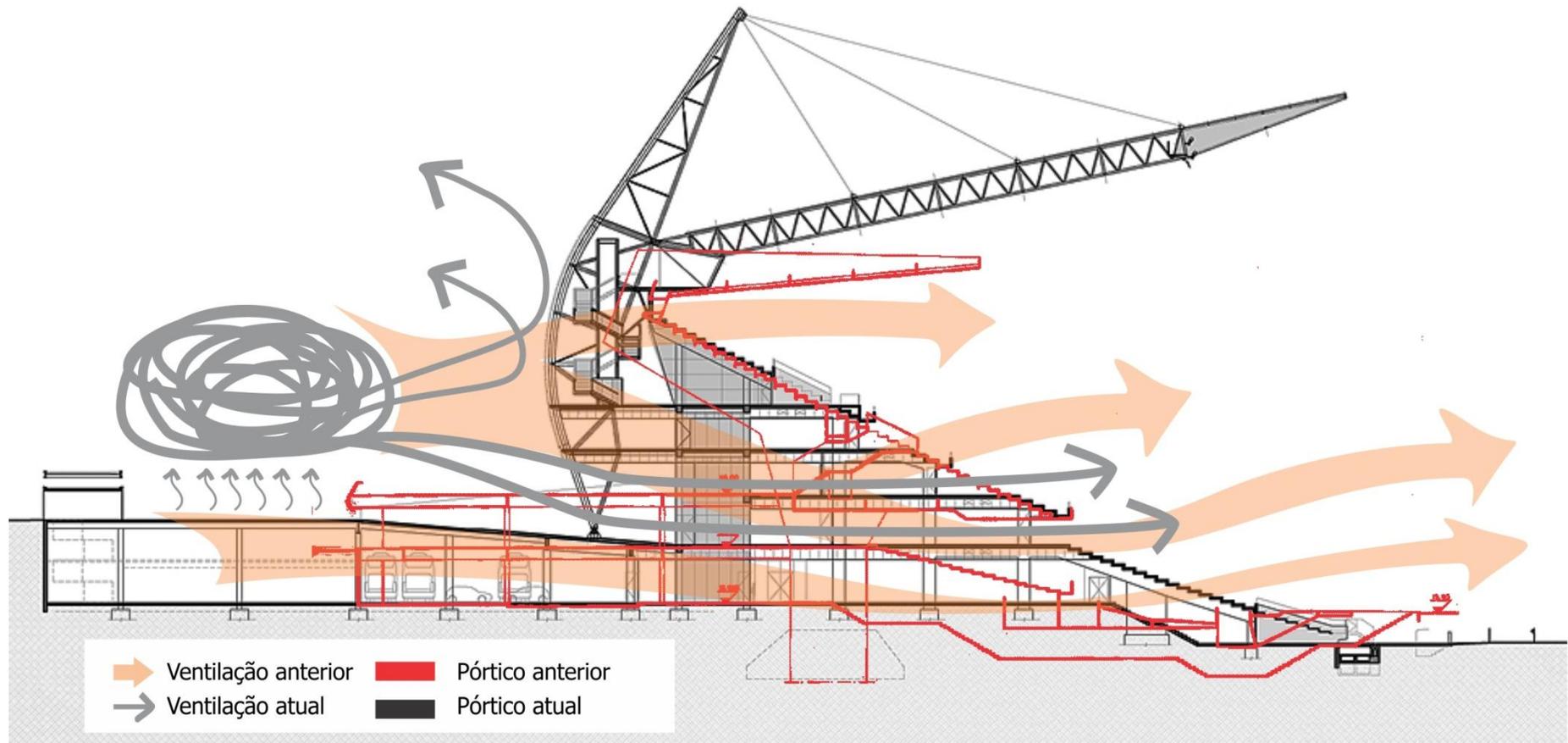
Afora essa questão há o fato de que a laje de acesso que funciona como a cobertura para o estacionamento deixa os torcedores expostos à insolação direta enquanto protege os veículos, em uma inversão de valores com relação às prioridades manifestadas anteriormente. A laje dá acesso às catracas eletrônicas para o interior do estádio, mas também é passagem obrigatória para o escoamento dos torcedores das arquibancadas superiores e inferiores ao término das partidas. As escadas que permitem o acesso à laje pelo estacionamento são estreitas para a intensidade e concentração do fluxo ao mesmo tempo em que ampliam o tempo de evacuação total até o nível do solo. As escadarias mais largas localizam-se apenas nas extremidades da laje impondo grande percurso aos espectadores.

**Fig. 92 – Planta ao nível do estacionamento. Veículos protegidos e torcedores exposta à insolação direta**



Fonte: <http://www.vigliecca.com.br/pt-BR/projects/castelao-arena>. Acesso em 09/12/2014

**Fig. 93 – Estudo comparativo da ventilação antes e depois da reforma a partir da sobreposição dos pórticos**



Fonte: intervenção do autor sobre as imagens obtidas na pesquisa

Esses são apenas alguns aspectos quanto às contradições referentes aos projetos que interferiram no Castelão ao longo de sua história, iniciada com a equipe dos pioneiros da arquitetura moderna no Ceará, com a participação de Ivan Britto. Obviamente não é objetivo do

texto o aprofundamento nas questões projetuais específicas de cada intervenção. Parece-nos crer que as exigências impostas pela FIFA extrapolam as regionalidades e representam uma interferência globalizante nos eventos por ela organizados, nos quais as devidas adaptações ambientais, sociais, programáticas e culturais são consideradas irrelevantes e até inapropriadas. Principalmente são relevantes as questões citadas como os critérios da análise referenciada já citadas, como o caráter da permanência/continuidade e relação centro/periferia/região de Marina Waisman, as questões programáticas de Ruth Verde Zein e os condicionantes climáticos e ambientais tropicais elencados por Armando de Holanda.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa acerca da trajetória do arquiteto Ivan da Silva Britto teve como princípio e fundamento demonstrar a relevância da sua participação no processo de implantação e consolidação da arquitetura moderna no Ceará. Ao integrar o grupo pioneiro de arquitetos diplomados colaborou com a institucionalização da profissão no estado. Cada um com a sua história de vida ocupou um espaço no caleidoscópio cultural que permeava aqueles novos tempos.

Seria redundante citar que a importância do seu papel, pois como um desses jovens “doutores” a retornar a Fortaleza na década de 1950, já deveria trazer em si a fluência do desenho, do ideal construtivo, da tecnologia e do status conferido ao diploma. Ainda mais quando a cidade já recorria aos ditames da nova era tecnológica. Ainda mais quando os seus cidadãos já ansiavam pela demonstração do progresso sentido, mas ainda não visualizado como tal. Precisava-se de materialidade. A arquitetura como ciência, um conhecimento mais amplo, mais profundo, mais reflexivo da arte de construir assumiu a

dianteira desse promissor panorama. E cumpriu muito bem essa incumbência simplesmente porque já tinha a substância do moderno em sua ideologia. Arquitetura tardia em relação às manifestações artísticas porque necessita da sociedade, a arquitetura se ocupa do atendimento aos anseios sociais. Em suas mais variadas vertentes. Então é imprescindível entender a sociedade para podermos refletir sobre a arquitetura. Ou as sociedades. O Brasil tem uma dimensão continental e é nessa territorialidade que a pesquisa trafega.

No caminhar dessa trajetória ficaram marcadas as múltiplas tarefas encomendadas a um profissional de vanguarda na transformação daquela sociedade. Trafega na esfera pública e na privada simultaneamente; vai da pequena reforma ao programa único; passa pela prancheta, pela representação profissional e pela lista de chamada. Nas mais diversas solicitações vai se manifestar uma visão de mundo.

Não é o grande programa que vai caracterizar a sua obra ou estampar a sua importância para a produção local. A sua atividade é pontuada pelo cotidiano e pela despreensão. É nesse ponto que se revela a sua face mais significativa, a que caminha segundo o repertório do tempo e que, ao mergulhar-se na investigação dos fatos se

descortinou a fidelidade projetual, seja nos critérios conceituais na adoção de partido, seja na observância rigorosa das decisões do arquiteto. O tempo e o fato, conforme assinalado na Introdução, são apresentados de forma distinta nas duas partes que compõem o trabalho. No entanto, uma vez citados burocraticamente, mesclam-se, incidem-se e se complementam; pois se há o tempo decorrido na contextualização de sua história de vida, há o tempo que transforma a cidade, ressalta suas continuidades e descontinuidades, solidifica as permanências. É no tempo que os fatos se superpõem, e é onde surge a história dentro da história. Cada projeto tem o seu tempo, cada tempo gera o seu fato arquitetônico. Assim se fez necessário estudar em cada projeto selecionado os antecedentes físicos e sociais relacionados ao lugar, assim como enveredar criticamente nas transformações ocorridas posteriormente.

A seleção dos projetos analisados, cuja relevância na memória arquitetônica no estado é inegável, ocorreu mais pela afirmação do seu papel como protagonista que pelo lampejo de uma excepcionalidade outorgada. A sua produção está diluída nas múltiplas cidades que compõem a capital, assim como outras localidades em vários pontos do estado. Em todas as obras estudadas, questionadas e lembradas ou

nas conversas descontraídas recheadas de bom humor estava sempre presente o traço comum da seriedade, da atitude retilínea perante o projeto. Uma austeridade calculada, na medida plácida de quem sabe a natureza passageira de sua tarefa. Age assim ao aceitar a inexorabilidade do novo sobre o Clube de Regatas. Mas reage ao levantar o tom contra a indiferença e a avalanche do novíssimo sobre as convenientes diretrizes aplicadas ao Castelão. Ao mesmo tempo consegue vislumbrar-se aquele jovem arquiteto ao falar da Residência Universitária, de tão entusiasmado. Esse é realmente o projeto diferencial na sua produção. O edifício representa ainda a sagrada missão modernista de inclusão social e de libertação espiritual do homem, seja através do seu uso, dos seus usuários, elementos em formação e pela permanência, pela continuidade e pelo caráter da sua existência concreta.

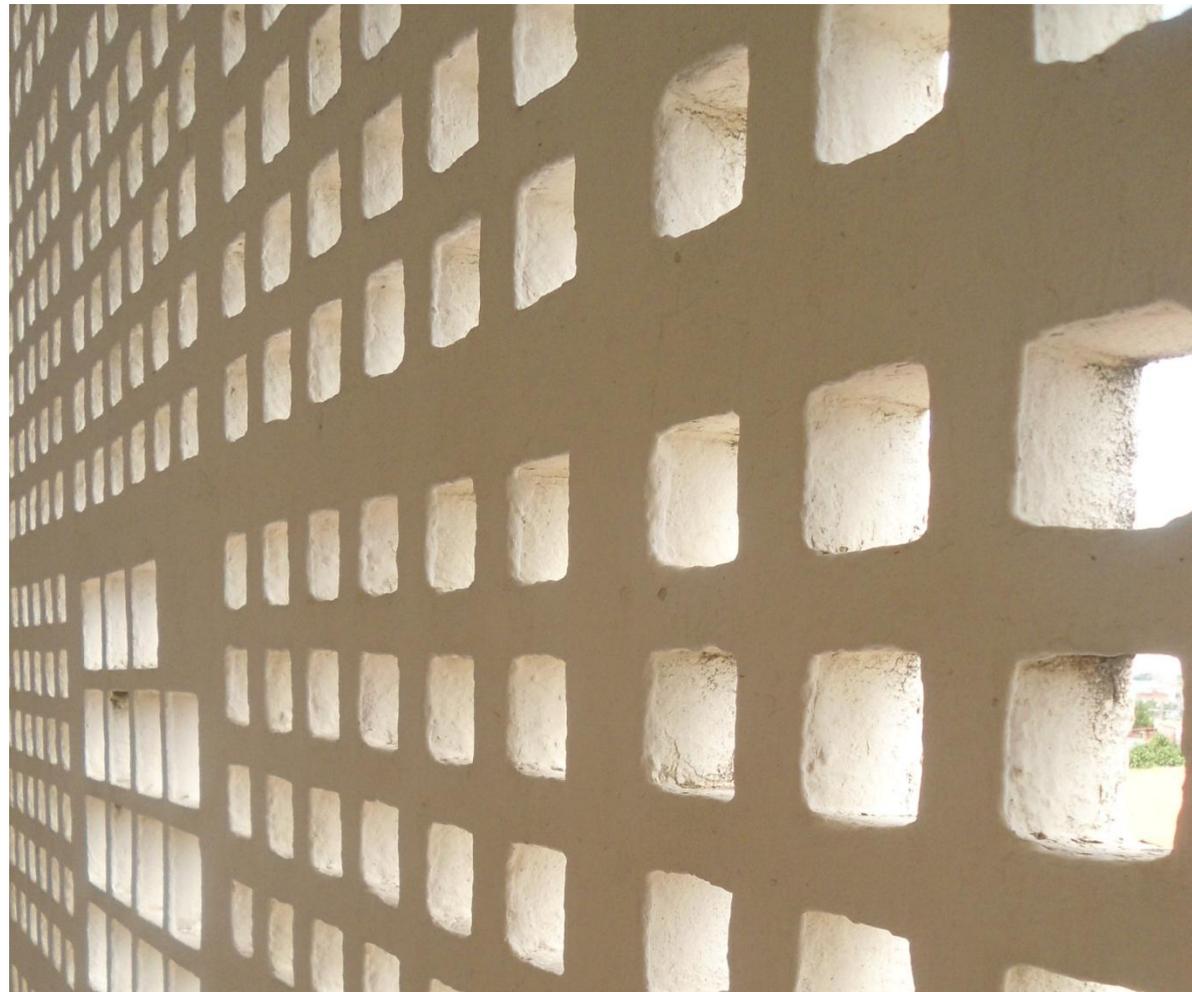
Britto é uma pessoa de seu tempo, uma variável tênue e abstrata. No entanto, ele pertence a vários locais, a variável física e material. Por isso o estudo percorre uma sequencia que se inicia na distante cidade de Clevelândia, no fronteiroço Amapá. Longe porque pensamos com os olhos locais, longe porque a nossa bússola costuma apontar para outros eixos. No entanto descobrimos uma forma de

brasilidade nessa busca, através do tempo, pelo início do roteiro. A família Britto constitui-se como fruto de uma missão de pertencimento nacional.

São os ares da aventura que irão originar um certo tempero pela inquietação. De passar por Clevelândia, por Recife e Fortaleza. De não se contentar apenas com o desenho, mas de se deslumbrar com o ângulo, com o módulo, com a simetria ou o cheio e o vazio. De não se contentar com o cargo público, mas de percorrer os caminhos autônomos, de buscar parcerias, e até mesmo de se aquietar na academia. De não se contentar com a prática profissional, mas de contribuir com a organização da profissão, de ser pioneiro também nas instituições, na fundação do IAB e da Escola de Arquitetura, de aceitar os desafios administrativos do conselho multiprofissional e da academia. E descobrimos uma trajetória plural, cheia de singularidades. E de uma só essência que exala a paixão pela arquitetura, por tudo que a envolve. Por isso a multiplicidade. A pesquisa teve que tentar reproduzir esses caminhos. Há muito que ser desvendado, há muito que ser dito. Cada caminho abre uma clareira aqui, uma picada ali, uma estrada alhures.

Como pode haver tanto em tão plácida pessoa, em tão recolhido profissional. Talvez essa seja a afirmação à pergunta feita há dois anos: há relevância nessa produção? Para onde levarão os indícios de alguns projetos mais ou menos conhecidos, mais ou menos transferidos a outros autores, mais ou menos lembrados nas conversas dos colegas? Naturalmente houve momentos de dúvida. E a pesquisa tomou o rumo da sua própria discricção, contraposta a uma possível indução de glamourização. Tomou a velocidade da sua obra, pausada, mas fluida, para contar a história e falar de arquitetura através daqueles olhos. O que ouviu, o que viu, o que participou, o que decidiu. O Britto foi sendo descoberto pelo seu olhar do mundo que o rodeava. O Britto esportista, atleta de remo, futebolista, nadador exímio do Oiapoque, do Tapajós, do Ceará e do Capibaribe. O Britto estudante que longe de casa se fez profissional, o Britto funcionário que se exigia cumpridor das regras; o Britto arquiteto que descobre o valor do cotidiano, o Britto docente que nunca levantava a voz, que adorava a conversa no corredor, aula fora da aula. O Ivan que juntou todos os Brittos e nos permite acesso um arquivo arquitetônico inédito, com muitos pontos de partida.

Por isso, os três projetos selecionados. Por serem fatos do seu tempo: um clube, uma residência e um estádio pensado em equipe. Projetos que são extensões de um olhar. O rigor, o recolhimento, o gosto pela regra. Nada mais sintonizado com a personalidade de uma época. Nada menos definitivo.



---

## REFERÊNCIAS

ALICINO, Rogério Padre. **Clevelândia do Norte**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1988.

BORGES, Marília Santana. **Quarteirão sucesso da cidade: o Art Déco e as transformações arquitetônicas na Fortaleza de 1930 e 1940**. Dissertação de Mestrado da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2007.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; SILVA, Sílvio Ricardo da. O futebol como instrumento para as transformações urbanas em Belo Horizonte/MG. **XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana**. UERJ, Rio de Janeiro 18 a 22 de novembro de 2013.

COSTA, Alcilia Afonso de Albuquerque. A produção arquitetônica moderna dos primeiros discípulos de uma Escola. **Vitruvius**. São Paulo, jul. 2008, ano 09, n. 098.05, p. 10-22.

COSTA, Lucio. Razões da nova arquitetura. In: XAVIER, Alberto (Org.). **Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 47-57.

DIÓGENES, Beatriz. **Arquitetura e Estrutura – O Uso do Concreto Armado em Fortaleza**. Fortaleza, CE: SECULT-CE, 2010.

DIÓGENES, Beatriz Helena Nogueira; PAIVA, Ricardo Alexandre. **Caminhos da arquitetura moderna em Fortaleza:** a contribuição do professor arquiteto Jose Liberal de Castro. 9º. Seminário DOCOMONO Brasil. Brasília, DF, junho de 2011, p. 1-13.

DURAND, José Carlos. Le Corbusier no Brasil: Negociação política e renovação arquitetônica. Contribuição a historia social da arquitetura brasileira. **RBCS**, jul. 1991, v. 16, n. 6, p. 1-32.

GOMES, Geraldo. A pré-fabricação e a racionalização na arquitetura moderna em Pernambuco na década de 30 do século passado. In: MOREIRA, Fernando Diniz (Org.). **Arquitetura Moderna no Norte e Nordeste do Brasil:** universalidade e diversidade. Recife, PE: FASA, 2007, p. 53-63.

HERKENHOFF, Paulo (Org.). **Pernambuco Moderno.** Recife, PE: Instituto Cultural BANDEPE, 2006.

HOLANDA, Armando de. **Roteiro para Construir no Nordeste,** Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados. Recife, PE: Instituto de Arquitetos do Brasil-PE; Universidade Federal de Pernambuco; Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, 2010.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População nos Censos Demográficos, segundo os municípios das capitais, 1872-2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

JUCÁ NETO, Clóvis Ramiro et al. **A Universidade e a Cidade** - Por uma História da Arquitetura Moderna da Universidade Federal do Ceará. Rio de Janeiro: DOCOMOMO, 2009, p. 1-20.

LEMOS, Carlos A. C. **Arquitetura brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

LEVI, Rino. Arquitetura e Estética das Cidades. In: XAVIER, Alberto (Org.). **Depoimento de uma geração**: arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 19-21.

MACEDO, Danilo Matoso; SOBREIRA, Fabiano J. A. (Orgs.). **Forma Estática – Forma Estética** - Ensaio de Joaquim Cardozo sobre Arquitetura e Engenharia. Brasília, DF: Edições Câmara, 2009.

MARQUES, Sonia; NASLAVSKY, Guilah. Eu vi o modernismo nascer... e ele começou no Recife. In: MOREIRA, Fernando Diniz (Org.). **Arquitetura moderna no Norte e Nordeste do Brasil**: universalidade e diversidade. Recife, PE: FASA, 2007, p. 81-105.

MARTINS FILHO, Antônio. **História Abreviada da UFC**. Fortaleza, CE: Casa de José de Alencar, 1996.

MOREIRA, Fernando Diniz (Org.). **Arquitetura moderna no Norte e Nordeste do Brasil**: universalidade e diversidade. Recife, PE: FASA, 2007, p. 7-12.

PAIVA, Ricardo; DIÓGENES, Beatriz H. N. A Contribuição de José Liberal de Castro a Arquitetura do Ceará. **Vitruvius**, marco 2013, ano. 13, p. 10-24.

PMF. Prefeitura Municipal de Fortaleza. **Concurso Nacional de Ideias para a construção do Primeiro Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciências e Esporte de Fortaleza - CUCA.** Fortaleza, CE: PMF, 2006.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 1973.

SAMPAIO NETO, Paulo Costa. **A Contribuição de Gerhard Bormann.** Tese de Doutorado DINTER USP-UFC. São Paulo: DINTER USP-UFS, 2012.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - EDUSP, 2002.

SOARES, Mario Elizio Aguiar. **A Copa do Mundo e o Estádio Presidente Vargas.** Fortaleza, CE: Expressão Gráfica, 2009.

TARALLI, Cibelle Haddad; CAMPELLO, Magda. Patrimônio Moderno em *Campus* Universitário: Rearquitetura ou Descaracterização? O Caso da UFC. **Anais do 7º. seminário DOCOMOMO-Brasil.** Porto Alegre, RS 22 a 27 de outubro de 2007, p. 1-19.

VIGLIECCA, Hector. **Memorial da Arena Castelão.** São Paulo: Vigliecca & Associados, 2012, p. 1.

WAISMAN, Marina. **O Interior da História:** historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos. São Paulo: Perspectiva, 2013.

WARHAVCHIK, Gregori. Manifesto: acerca da Arquitetura Moderna. In: XAVIER, Alberto (Org.). **Depoimento de uma geração:** arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 17-18.

XAVIER, Alberto (Org.). **Depoimento de uma geração:** arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

ZEIN, Ruth Verde. **O Lugar da Crítica.** Ensaios oportunos de arquitetura. São Paulo: ProEditores/Ritter dos Reis, 2001.

\_\_\_\_\_. **Há que se ir às coisas:** revendo as obras. 2011.

---

## BIBLIOGRAFIA

ACAYABA, Marlene Milan. **Branco & Preto:** Uma História de Design Brasileiro nos Anos 50. São Paulo: Instituto Lino Bo e P. M. Bardi, 1994.

BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. **Brasil:** Arquiteturas após 1950. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BENÉVOLO, Leona  
rdo. **A Cidade e o Arquiteto.** São Paulo: Perspectiva, 1991.

CAMPOFIORITO, Ítalo. Olhares **Sobre o Moderno:** Arquitetura, Patrimônio, Cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

CARSALADE, Flávio de Lemos. **Arquitetura:** Interfaces. Belo Horizonte, MG: AP Cultural, 2001.

CAVALCANTI, Lauro (Org.). **Quando o Brasil era Moderno:** Guia de Arquitetura 1928-1960. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

CHING, Francis, d. k. **Dicionário Visual de Arquitetura.** Trad. Julio Fischer. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

COSTA, Janete (Coord.). **Acacio Gil Borsoi:** Arquitetura como manifesto. Recife, PE: FUNCULTURA Pernambuco, 2006.

Costa, Lúcio. **Arquitetura.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Lisboa: Coleção Arquitetura e Urbanismo, Setenta, 1983.

CURTIS, William J. R. **Arquitetura Moderna desde 1900**. Porto Alegre, RS: Bookman, 2008.

FICHER, Sylvia; ACAYABA, Marlene Milan. **Arquitetura Moderna Brasileira**. São Paulo: Projeto Editores Associados, 1987.

GRAEFF, Edgard A. **O Edifício**. São Paulo: Projeto, 1976.

\_\_\_\_\_. **Arte e Técnica na Formação do Arquiteto**. São Paulo: Studio Nobel: Fundação Vilanova Artigas, 1995.

IAB-CE, Instituto de Arquitetos do Brasil (Org.) **Anuário de Arquitetura Cearense**. Fortaleza, CE: Expressão Gráfica, 2007.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Verso e Reverso do Perfil Urbano de Fortaleza**. São Paulo; Annablume; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

LEITAO, Cláudia Souza. **Memória da Construção Civil no Ceará**. Fortaleza, CE: SINDUSCON-CE, 2002.

MAHFUZ, Edson da Cunha. O sentido da arquitetura moderna brasileira. **Arquitextos**. 2002. Disponível em: [www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.020/811](http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.020/811). Acesso 15 jul. 2014.

MARTINS, Carlos A. Ferreira. **Arquitetura do século XX e outros escritos**: Gregori Warchavchick. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

NIEMEYER, Oscar. **As Curvas do Tempo** – Memórias. Rio de Janeiro, Revan, 2000.

PEREIRA, Miguel. **Arquitetando a Esperança**. São Paulo: PINI, 2012.

PEVSNER, Nicolau. **Origens da Arquitetura Moderna e do Design**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque**. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 1999.

\_\_\_\_\_. *A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle*. In: SOUZA, Simone de (Org.) **Uma nova História do Ceará**. 3 ed. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, Parte II: Cidade, Cultura e Poder, p. 162-191.

PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. **A Cidade dos Clubes: Modernidade e "Glamour" na Fortaleza de 1950-1970**. Fortaleza, CE: Expressão Gráfica, 2005.

SEGRE, Roberto. **Guia de Arquitetura Contemporânea**. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2005.

SILVA NETO, Napoleão Ferreira da. **O Palácio da Cultura** – Poder e Arquitetura. Fortaleza, CE: Expressão Gráfica, 1999.

SUBIRATS, Eduardo. **Da Vanguarda ao Pós-Modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1985.

TAMBINI, Michael. **O Design do Século XX**. São Paulo: Ática, 1997.



# ANEXOS

**ANEXO A**  
**Linha do tempo**

**ANEXO B**  
**Planta Clube de Regatas**

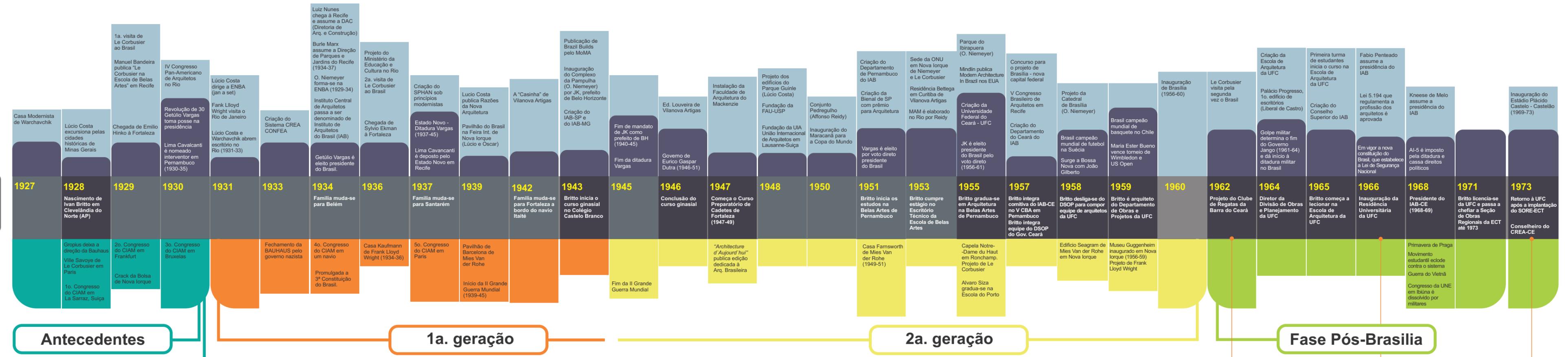
**ANEXO C**  
**Jornal O Povo – 40 anos de Arquitetura**

# Linha do tempo

**Brasil**

**Ivan Britto**

**Mundo**



DSOP - Departamento de Saneamento e Obras Públicas do Ceará  
 SORE-ECT - Seção de Obras Regionais da Empresa de Correios e Telégrafos



# NO LABORATÓRIO DA ESCOLA

**FOTOS INÉDITAS** José Augusto Nogueira, há 40 anos no curso de Arquitetura e Urbanismo da UFC, viu Castelo Branco na solidão de inauguração. Francisco Nogueira da Silva, 38 anos de batido, cansou de apagar 'colas' das almofadas dos sanitários, e também o bico, cúmplice. Hoje, um responde pela partaria, o outro se dedica aos serviços gerais. Os irmãos guardam a memória iconográfica do lugar



Presidente da República, Castelo Branco, em cerimônia de inauguração da Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFC, na sede atual, no conjunto habitacional Liberdade. À esquerda, o arquiteto José Augusto Nogueira, e à direita, Francisco Nogueira da Silva, o primeiro aluno da turma de 1965.



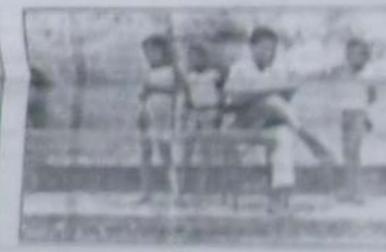
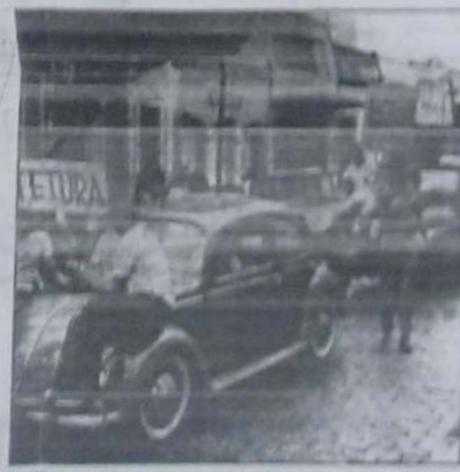
CONSTRUTORA e construção nas mansões de um dos primeiros alunos da Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFC, José Augusto Nogueira, em 1965. O prédio foi construído no conjunto habitacional Liberdade, em Fortaleza. À esquerda, o arquiteto José Augusto Nogueira, e à direita, Francisco Nogueira da Silva, o primeiro aluno da turma de 1965.



José Augusto Nogueira e Francisco Nogueira da Silva em uma aula da Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFC.



José Augusto Nogueira e Francisco Nogueira da Silva em uma aula da Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFC.



José Augusto Nogueira e Francisco Nogueira da Silva em uma aula da Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFC.

**Instrumentos e equipamentos musicais em 800 10 vezes**

**ESCOLA VIVA MÚSICA VIVA** Cursos para todos os instrumentos

Av. ... 629, Aldeota  
3300-5555 • Estacionamento próprio

**INSTITUTO SAPIENTIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR**

**PÓS-GRADUAÇÃO**  
INSCRIÇÕES ABERTAS  
Mensalidades a partir de R\$ 120,00

Curso de Pós-graduação em ...  
Curso de Pós-graduação em ...

**ANDRÉ RAMOS**

**ESCOLA DE MÚSICA**

Curso de ...  
Curso de ...